

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE

MATEUS SOUTO MAIOR BARROS

**O VALOR DA DÁDIVA E O SENTIDO DA VIDA NA EXPERIÊNCIA DE
MEMBROS DO NARCÓTICOS ANÔNIMOS: UM ESTUDO COMPREENSIVO**

DISSERTAÇÃO

RECIFE

2020

MATEUS SOUTO MAIOR BARROS

**O VALOR DA DÁDIVA E O SENTIDO DA VIDA NA EXPERIÊNCIA DE
MEMBROS DO NARCÓTIICOS ANÔNIMOS: UM ESTUDO COMPREENSIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Psicologia Clínica da
Universidade Católica de Pernambuco,
como parte da obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Túlio
Caldas

RECIFE

2020

Ficha catalográfica

MATEUS SOUTO MAIOR BARROS

**O VALOR DA DÁDIVA E O SENTIDO DA VIDA NA EXPERIÊNCIA DE
MEMBROS DO NARCÓTIICOS ANÔNIMOS: UM ESTUDO COMPREENSIVO**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas
Universidade Católica de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Cristina Maria de Souza Brito Dias
Universidade Católica de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Rubenilda Maria Rosinha Barbosa
Universidade Federal de Pernambuco

*Dedico este trabalho a Lúcia Helena, Getúlio Vargas, Natália, Miriam, Família Barros
e Família Souto Maior: Minha luz, minha paz, minhas inesgotáveis fontes de amor e
energia.
SEMPRE acreditaram, ajudaram, aconselharam-me e contribuíram para o ser íntegro
que sou hoje.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pelas bênçãos, persistência e coragem para seguir até o fim desta jornada tão difícil, mas de muitas alegrias e aprendizados. O mestrado foi um antigo sonho que, com a graça e o amor de Deus, agora se tornou realidade, e isso só reforça o meu amor por ele.

Aos meus queridos pais Getúlio Vargas Maia Barros e Lúcia Helena Souto Maior Barros, e família, por me conduzirem até aqui com o seu amparo e sua dedicação. Jamais teria conseguido chegar até aqui sem vocês. Obrigado por acreditarem e sonharem junto comigo, bem como por me escutarem quando eu mais fraquejei e desacreditei.

Às docentes Cristina Maria de Souza Brito Dias e Rubenilda Maria Rosinha Barbosa que aceitaram o convite para compor a banca de defesa. Suas contribuições foram extremamente agregadoras, permitindo maiores reflexões e aprofundamentos na temática.

Ao meu orientador, professor doutor Marcus Túlio Caldas, pelos encontros, diálogos, reflexões, carinho e apoio nos momentos de maior dificuldade. Obrigado por me presentear com todo o seu conhecimento, sabedoria e humanidade, assim como por acreditar no meu trabalho, cuja temática se originou não somente a partir das minhas experiências, como também, dos nossos diálogos.

Aos docentes e a todos do programa de pós-graduação em psicologia clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Em especial, às professoras Cristina Maria de Souza Brito e Marisa Amorim Sampaio Cunha, que muito me incentivaram e me apoiaram em momentos trôpegos da caminhada. E, também, à professora Ana Lúcia Francisco, que me aceitou como seu estagiário de docência. Obrigado a todas.

Aos participantes da pesquisa e membros da entidade Narcóticos Anônimos, pela sua disponibilidade, interesse, amor e sabedoria. Espero que este trabalho possa contribuir com a visibilidade e importância do seu belo trabalho, assim como a sua experiência contribuiu para a riqueza e profundidade deste. *Só por hoje, funciona!*

Aos colegas da turma de 2018.1 do programa, à qual eu tive orgulho de fazer parte, somar, construir aprendizado e criar laços que se estenderão para além das fronteiras do mestrado. Também desejo sucesso na caminhada de cada um de vocês e saibam que sempre poderão contar comigo para o que vier pela frente.

*E eu só sei que eu sou capaz
De viver sem ler jornais
De nascer a cada dia
De uma forma diferente
De viver em cada sonho
Toda uma realidade
De ser bom comigo mesmo
Pra ser bom com a humanidade*

(Guilherme Lamounier)

*Deus, conceda-me serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para
modificar aquelas que eu posso e sabedoria para reconhecer a diferença. Só por hoje,
funciona.*

(“Oração da Serenidade” de Narcóticos Anônimos)

RESUMO

Pesquisas recentes como o relatório global sobre drogas, realizado pela Organização das Nações Unidas, e levantamentos estatísticos sobre uso de drogas, realizados pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas, apontam para uma realidade tanto de crescimento de uso de drogas no Brasil, e no mundo, quanto de insuficiência na oferta de tratamentos para pessoas com transtornos associados a este uso. Dentre o universo de tratamentos ofertados para este problema, existe a entidade Narcóticos Anônimos, formada por Adictos - denominação deles para usuários de drogas problemáticos - que ajudam uns aos outros a se recuperarem da doença da Adicção – caracterizada pelo uso problemático de drogas e por mudanças de comportamentos associados ao uso. O programa de tratamento da entidade é composto por duas ferramentas principais: o grupo de ajuda mútua e o programa Doze Passos. Os grupos de ajuda mútua ocorrem de forma livre e voluntária, e contam apenas com a presença de membros adictos, e dos seus familiares- no caso da reunião acontecer de forma aberta. Observando o modo como eles se organizam e trabalham no programa, eis que surge a pergunta norteadora da pesquisa: “Como aconteceu, segundo a experiência de vida dos membros do Narcóticos Anônimos, o despertar da vontade de reconstruir as suas vidas? E que relação isso tem com a ajuda mútua?”. A ajuda mútua presente no trabalho da entidade foi compreendida a partir da Dádiva, um paradigma sociológico, elaborado por Marcel Mauss, sobre formação de laços sociais baseada no simbolismo da troca, do voluntariado e da solidariedade, presentes num ciclo que envolve obrigações de dar, receber, retribuir e transcender. Já os esforços individuais para mudança de vida foram refletidas a partir da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, que compreende o homem na busca por um Sentido da Vida. O estudo teve como objetivo geral: Compreender o valor da Dádiva e o Sentido da Vida na experiência de membros da entidade Narcóticos Anônimos. Como objetivos específicos, teve: 1. Estudar a história, o método de trabalho e a organização dos Narcóticos Anônimos; 2. Analisar a relação entre a teoria da Dádiva e os grupos de ajuda mútua de NA; 3. Investigar as relações entre alguns conceitos da Logoterapia e Análise existencial de Viktor Frankl com os esforços de mudança dos membros de NA. O caminho metodológico percorrido na pesquisa contou com os instrumentos Diário de Campo e Entrevista Narrativa com base em Walter Benjamin. As entrevistas foram realizadas com cinco membros da entidade, sendo eles: quatro homens e uma mulher; e contou com uma pergunta disparadora: “Comente sobre a sua experiência de se tornar membro do Narcóticos Anônimos.”. A partir da resposta narrativa à pergunta disparadora, outras perguntas foram inseridas, de modo a contemplar, ao máximo, o objeto da pesquisa. A análise dos dados foi feita a partir da Hermenêutica Filosófica de Gadamer. Na confecção final dos resultados, foram consideradas, também, as anotações do Diário de Campo e a reflexão teórica à luz da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl e da Dádiva de Marcel Mauss. Ao final, concluiu-se que os objetivos foram alcançados, uma vez que Dádiva e Sentido da Vida permitiram uma ampla compreensão das experiências de membros da entidade NA. Também se refletiu sobre o quanto as experiências variaram de acordo com o tempo de frequência na entidade, a idade, as condições sociais, a raça e o gênero dos membros da entidade. Essas variações sinalizaram a necessidade de pesquisas futuras sobre o trabalho da entidade em relação a cada um dos seus aspectos.

Palavras-chave: Narcóticos Anônimos, Dádiva, Sentido da Vida.

ABSTRACT

Recent research such as the global report on drugs, carried out by the United Nations Organization, and statistical surveys on drug use, carried out by the Brazilian Center for Information about Psychotropic Drugs, point to a reality of both the growth of drug use in Brazil, and the world, how much of an insufficient supply of treatments for people with disorders associated with this use. Among the universe of treatments offered for this problem is a Narcotics Anonymous (NA) entity comprised of Addicts - their names for problematic drug users - who help each other recover from the disease of addiction - characterized by problematic drug use and behavioral changes associated with use. The entity's treatment program is composed of two main tools: the Mutual Help Groups and the Twelve Steps program. Mutual aid groups occur freely and voluntarily, and are attended only by addict members and their family members-in case the meeting is open. Looking at the way they organize and work in the program, here is the guiding question for the survey: "How did the life experience of the members of Narcotics Anonymous come to be about rebuilding their lives? And what does this have to do with helping each other? The mutual help present in the work of the entity was understood from the Gift, a sociological paradigm, elaborated by Marcel Mauss, about the formation of social bonds based on the symbolism of exchange, volunteering, and solidarity, present in a cycle that involves obligations to give, receive, give back, and transcend. The individual efforts to change life were reflected on the basis of Viktor Frankl's Logotherapy and Existential Analysis, which understands man in the search for a Meaning of Life. The general objective of the study was to understand the value of Gift and Meaning of Life in the experience of members of Narcotics Anonymous. The specific objectives were: 1. Study the history, method of working, and organization of Narcotics Anonymous; 2. Analyze the relationship between the theory of giving and NA's self- help groups; 3. Investigate the relationships between some of Viktor Frankl's Logotherapy and Existential Analysis concepts and NA members' efforts to change. The methodological path followed in the research included the tools Field Diary and Narrative Interview based on Walter Benjamin. The interviews were conducted with five members, four men and one woman, and there was a triggering question: "Please comment on your experience becoming a member of Narcotics Anonymous. From the narrative answer to the triggering question, other questions were inserted to fully contemplate the object of the research. The data were analyzed from Gadamer's Philosophical Hermeneutics. In the final preparation of the results, the notes of the Field Diary and the theoretical reflection in the light of Viktor Frankl's Logotherapy and Existential Analysis and Marcel Mauss' Gift were also considered. At the end, it was concluded that the objectives were achieved, since Gift and Meaning of Life allowed a broad understanding of the experiences of members of the NA entity. It was also reflected on how much the experiences varied according to the time of attendance, age, social conditions, race, and gender of the members. These variations signaled the need for future research on the work of the entity in each of its aspects.

Keywords: Narcotics Anonymous, Gift, Meaning of Life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. NARCÓTICOS ANÔNIMOS: HISTÓRIA, MÉTODO E ORGANIZAÇÃO	15
1.1. História	15
1.2. Método de trabalho	18
1.2.1 O Programa Doze Passos	18
1.2.2 Grupos de Ajuda Mútua	20
1.3. Organização	23
2. SOBRE A DÁDIVA: SOCIOLOGIA DE MARCEL MAUSS, PARADIGMA SOCIOLÓGICO E AJUDA MÚTUA	26
2.1. A sociologia de Marcel Mauss	26
2.2. A Dádiva de Marcel Mauss	27
2.3. A questão paradigmática	29
2.4. Outros elementos característicos da Dádiva	32
2.4.1 Reciprocidade	32
2.4.2 Sociabilidade	33
2.4.3 Solidariedade	33
2.4.4 Formação da personalidade ética	34
2.5. A Dádiva nos grupos de Ajuda Mútua	35
3. LOGOTERAPIA, SENTIDO DA VIDA E VALORES	38
3.1. A história de Viktor Frankl	38
3.1.1. O Experimentum crucis	40
3.2. O Sentido da vida	41
3.3. Valores	43

3.4. A vontade de sentido	44
3.5. Dimensão espítual/Noética	45
3.6. Uso de drogas e Vazio Existencial.....	47
4. PERCURSO METODOLÓGICO: A ENTREVISTA NARRATIVA A PARTIR DE WALTER BENJAMIM E A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER	49
4.1. Entrevista Narrativa a partir de Walter Benjamin	49
4.2. Diário de Campo	51
4.3. Hermenêutica filosófica de Gadamer	52
4.4. Hermenêutica Filosófica como caminho metodológico para um estudo compreensivo	54
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DIÁRIO DE CAMPO	57
5.1. Diário de Campo.....	57
5.1.1. <i>Participação em reuniões</i>	57
5.1.2. <i>Encontros com o orientador</i>	59
5.1.3. <i>Busca pelos participantes</i>	60
5.2. Entrevistas	62
5.2.1. Participante 1: Bernardo, 33 anos, residente do município de Gravatá-PE	62
5.2.1.1. <i>Entrevista 1</i>	62
5.2.1.2. <i>Diário de campo 1</i>	71
5.2.2. Participante 2: Jack, 38 anos, morador de Barra de Jangada, Jaboatão dos Guararapes	72
5.2.2.1. <i>Entrevista 2</i>	72
5.2.2.2. <i>Diário de campo 2</i>	80
5.2.3. Participante 3: Jordão, 35 anos, morador de Recife, bairro do Jordão.....	80
5.2.3.1. <i>Entrevista 3</i>	81
5.2.3.2. <i>Diário de campo 3</i>	91
5.2.4. Participante 4: Kátia, 39 anos, moradora de Recife, Várzea.....	92

<i>5.2.4.1. Entrevista 4</i>	92
<i>5.2.4.2. Diário de campo 4</i>	99
5.2.4. Participante 5: Miguel, 38 anos, morador do bairro de Prazeres, Recife-PE	101
<i>5.2.4.1. Entrevista 5</i>	101
<i>5.2.4.2. Diário de campo 5</i>	109
5.3. Em busca de uma integração	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	114
ANEXO: Termo de consentimento livre e esclarecido	119

INTRODUÇÃO

Segundo o último relatório global sobre drogas realizado pela Organização das Nações Unidas, em 2019, há uma estimativa de que, em média, 35 (trinta e cinco) milhões de pessoas no mundo inteiro fazem uso de drogas, sofrem de transtornos decorrentes desse uso e, por isso, necessitam de tratamento (UNITED NATIONS, 2019). O mesmo relatório mostra a insuficiência de tratamentos para todas estas pessoas, e que apenas uma em cada sete pessoas com transtornos por uso de drogas recebem tratamento. São dados alarmantes e que, mais do que nunca, colocam o fenômeno do uso de drogas no centro de debates sobre políticas de saúde pública.

No Brasil, os levantamentos estatísticos sobre uso de drogas, em todo o território nacional, são realizados pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), órgão diretamente ligado à Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD). Os dados das últimas pesquisas datam do período de 2007 a 2014, não havendo ainda relatórios mais recentes para o registro epidemiológico do uso de drogas no Brasil. Desses levantamentos, um sobre uso de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio, no Brasil, realizado no ano de 2010, obteve as seguintes estatísticas: 9,9% dos jovens entrevistados de escola pública e 13,6% de jovens de escolas privadas, também entrevistados, utilizam ou já utilizaram drogas de qualquer tipo. Em outro levantamento sobre consumo de drogas entre estudantes universitários de instituições públicas e privadas, realizado no ano de 2009, se registrou os seguintes dados: 80% já consumiram algum tipo de bebida alcoólica; 36% já consumiram algum tipo de droga ilícita, sendo a maconha a mais usada, com 14%; 28% consumiram tabaco no último ano; e 3,1% usam ou já usaram alguma droga sintética como ecstasy (BASTOS et al, 2017). Esses dados epidemiológicos não são conclusivos, mas refletem uma realidade brasileira que aponta para a necessidade de investimentos em saúde e assistência para a população usuária de drogas.

A rede de atenção à saúde da população usuária de drogas, no Brasil, conta com os Centros de Atenção Psicossocial para Usuários de Álcool e Outras Drogas (CAPS AD) como dispositivo de tratamento e articulação de cuidados em rede. Os CAPS são dispositivos de saúde mental e foram incorporados ao sistema de saúde pública, no Brasil, pela lei 10.216/2001. O paradigma psicossocial, norteador do trabalho nos CAPS,

compreende o sujeito em três dimensões: psicológica, social e biológica; o que no seu entendimento, representa o sujeito na sua integralidade (BARBOSA et al, 2016). Atuando em um CAPS AD da cidade do Recife, percebo todos esses avanços na eficiência do seu tratamento. No entanto, tal processo de mudança paradigmática permanece inacabado, necessitando de mais avanços teóricos e técnicos. Observo, por exemplo, que alguns usuários do serviço abandonam rapidamente o tratamento, pois não encontram sentido em estar ali, ou desenvolvem dependência de medicamentos que são usados como terapia. Também percebo a angústia da equipe técnica ao lidar com a falta de sentido de vida, por parte dos usuários, que os levam a encontrarem, na droga, o único alívio para o vazio que carregam.

Buscando conhecer outras formas diferentes de tratamento para uso de drogas, encontrei a entidade denominada Narcóticos Anônimos (NA) e passei a frequentar suas reuniões, abertas ao público. Escutando partilhas de experiência dos membros, algo me despertou a atenção: aquelas pessoas, de perfil idêntico aos dos usuários do CAPS, sentem necessidade de se reconstruírem, e fazem isso ajudando uns aos outros, apesar de alguns terem vivenciado problemas com a Justiça e se envolvido com a criminalidade. Surgiu, então, a pergunta norteadora desta pesquisa: “Como aconteceu, segundo a experiência de vida dos usuários e padrinhos da entidade Narcóticos Anônimos, o despertar da vontade de reconstruir as suas vidas? E que relação isso tem com a ajuda mútua?”.

Foram dois os modelos teóricos adotados: a Logoterapia e Análise Existencial, de Viktor Frankl; e a Dádiva, de Marcel Mauss. Começando pela primeira, a Logoterapia e Análise Existencial, possibilita compreender o homem na sua busca por um sentido de vida. Essa busca consiste justamente nos esforços dos participantes da pesquisa para a sua mudança e vida, bem como nas experiências vividas por eles que o impulsionaram para esta busca. Atrélada ao Sentido da Vida, a teoria de Frankl permite a compreensão do vazio existencial, e a dinâmica dos sujeitos a partir dos seus valores. Estes elementos fazem parte da Dimensão Espiritual Humana, que ele traz em seu modelo teórico antropológico, o qual ele nomeou de Ontologia Dimensional (PEREIRA, 2015). Esse modelo aponta para a existência de três dimensões, no homem, integradas e indivisíveis entre si: Dimensão Biológica, Dimensão Psicológica e Dimensão Espiritual – a qual ele denominou Dimensão Noética. Os conceitos de Sentido da Vida e Valores Serão explicados no capítulo 3.

O modo de trabalho voluntário e livre que caracteriza a ajuda mútua praticada em NA corresponde diretamente ao ciclo da Dádiva. Partindo de uma perspectiva sociológica de Marcel Mauss (SOARES, 2013), a Dádiva pode ser vivenciada e observada no processo de formações de laços sociais totais, que acontece a partir de comportamentos voluntários, solidários e recíprocos, e que se traduz em três obrigações simbólicas: dar, receber e retribuir. Essas obrigações, que não possuem garantias de retorno, e que, portanto, ganham o *status* de doações, permitem que os indivíduos criem vínculos espirituais, gerando entre eles um endividamento positivo. Esses comportamentos que formam uma espécie de ciclo possuem simbolismos que, no presente trabalho, são expressos em forma de um valor moral ou de um sentimento transcendental os quais os participantes não conseguem denominar.

Realizando pesquisa em base de dados, não encontrei nenhum trabalho que unisse os temas Dádiva, Narcóticos Anônimos e Logoterapia, indicando que esta proposta de estudo pode trazer algo de inovador. O único trabalho encontrado que relaciona Logoterapia e Narcóticos Anônimos tem os Direitos Humanos como complemento dessa relação e está situado em um livro da área do Direito (RUIZ; MARQUES, 2018). Também foi encontrado um trabalho relacionando Logoterapia e Alcoólicos Anônimos, sobre o sentido de renunciar à bebida (NOGUEIRA; JÚNIOR, 2015). Sobre a relação entre Narcóticos Anônimos e Dádiva, foram encontrados dois trabalhos, sendo um deles: uma dissertação de mestrado cujo foco é Ajuda Mútua e Dimensão Educativa, que inclui um capítulo sobre o “Ciclo da Dádiva nos Narcóticos Anônimos”; e um artigo sobre “Ritual e Dádiva nos Narcóticos Anônimos” (AGUIAR, 2011; SOARES, 2013). Também foi encontrado um livro, do ano de 2004, sobre “Dádiva e Alcoólicos Anônimos”, intitulado “A Dádiva da Sobriedade” (MOREIRA, 2004). Sobre “Logoterapia e Dádiva”, o único achado foi uma palestra ocorrida em um fórum de educação do município de Votuporanga, no ano de 2011 (MIRANDA, 2011).

Em resumo, acredito que compreender o valor atribuído à Dádiva e a busca pessoal por um Sentido de Vida, pode representar um caminho para a compreensão da dinâmica que levou os adictos dos Narcóticos Anônimos a um esforço de superação, não somente das drogas e seus prejuízos sociais, como, também, de uma história de vida marcada por essa temática. Acredito ser essa a principal importância de se pesquisar esta temática. Para isso, lanço mão do seguinte objetivo geral: Compreender o valor da Dádiva e o Sentido da Vida na experiência de membros da entidade Narcóticos Anônimos. A

partir disso, o trabalho também tem como objetivos específicos: 1) Estudar a história, método de trabalho e organização de NA; 2) Analisar a relação da teoria da Dádiva com os grupos de ajuda mútua de NA; e 3) Investigar as relações entre alguns conceitos da Logoterapia e Análise existencial de Viktor Frankl com os esforços de mudança dos membros de NA.

No primeiro capítulo falo sobre a história, método de trabalho e organização da entidade escolhida para a realização da pesquisa: a instituição Narcóticos Anônimos (NA). No segundo capítulo apresento a teoria da Dádiva, sua definição, sua caracterização enquanto paradigma sociológico, e finalizo mostrando uma relação existente entre esta teoria e os grupos de ajuda mútua. No terceiro capítulo, apresento a Logoterapia e Análise Existencial, a história do seu autor, e outros conceitos a elas relacionados. No quarto capítulo, será apresentado o método de análise da pesquisa, que aqui se apresenta enquanto caminho metodológico, uma vez que possui raiz na filosofia e se distancia de outros métodos das ciências naturais: A Hermenêutica Filosófica de Gadamer e a Narrativa a partir de Walter Benjamin. Também serão apresentados, neste mesmo capítulo, os instrumentos utilizados na pesquisa: o Diário de Campo e a Entrevista Narrativa. Após três primeiros capítulos teóricos e um quarto metodológico, um quinto capítulo foi estruturado para a apresentação e discussão dos resultados.

Vale salientar que, na entidade, os usuários de drogas são chamados de Adictos; as pessoas que estão lutando para deixar as drogas são chamadas de Adictos em Recuperação, e a doença caracterizada pelo uso compulsivo de drogas, bem como pelos prejuízos sociais associados a esse uso, é chamada Adicção (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b, pp 3-5). Esses termos serão mantidos ao longo da pesquisa, podendo em alguns momentos eles serem chamados tanto de membros quando de adictos.

1. NARCÓTICOS ANÔNIMOS: HISTÓRIA, MÉTODO E ORGANIZAÇÃO

1.1. História

A irmandade Narcóticos Anônimos (NA) consiste em um movimento composto por usuários de drogas – independentemente da sua raça, sexo, *status* social e econômico - que conseguiram superar o uso compulsivo e problemático e que desejam ajudar outros usuários, que também buscam atingir esta superação. Em sua maioria, são usuários que fizeram uso abusivo de drogas, vindo a ter prejuízos na sua vida afetivo-familiar, social e profissional, chegando a conhecer o seu ‘fundo de poço’. Eles se autodenominam Irmandade, ou sociedade sem fins lucrativos, de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. Atuam em diversas regiões do planeta, através da realização de grupos de mútua ajuda, com a partilha de experiências, leituras de textos da irmandade e aplicação do programa Doze Passos. Utilizam os conceitos “adicto e adicção” para se referirem, respectivamente, à pessoa que apresenta a doença da adicção e à doença caracterizada pelo uso intensivo de drogas e pelos comportamentos antissociais decorrentes deste (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b, pp 3-5).

Para a compreensão do seu funcionamento e método, se fez necessário recorrer à sua história, ou à sua pré-história. Cardoso (2006) ilustra um curso histórico que começou no início do século XX, quando do surgimento dos “Grupos Oxford”, que futuramente viriam abrir caminho para o surgimento do programa Doze Passos. O Grupo Oxford foi criado por um pastor protestante da Filadélfia, Frank Buchma, na universidade de Oxford, Inglaterra, Na ocasião, Buchma estava participando de uma convenção religiosa na cidade de Keswick, Inglaterra, quando escutou uma conversa sobre a Cruz de Cristo e percebeu a diferença entre a sua vida e a vida de Jesus. A partir dessa meditação, ele criou o Grupo Oxford com a finalidade de evangelizar jovens universitários. Reconhecido pelo seu potencial de ajuda mútua, o Grupo Oxford se tornou um importante movimento religioso e, em menos de vinte anos, passou a ser realizado em diversos outros países do mundo.

A fundação do movimento Alcoólicos Anônimos, precursor do Narcóticos Anônimos, se deu pela participação de Bill Wilson, corretor da bolsa de valores de Nova York e alcoolista, em um Grupo Oxford. O grupo do qual participou Wilson era liderado

por um banqueiro e ex-senador usuário compulsivo de álcool, Roland Harzard, que havia se convertido ao protestantismo depois de ter participado de um Grupo Oxford, superado o seu alcoolismo e iniciado a fundação de outros Grupos Oxford, ao lado do pastor Samuel Shoemaker, com o objetivo de converter outros dependentes químicos.

Percebendo que o caráter tendenciosamente religioso dos grupos não acolhia a diversidade de pensamentos e crenças dos participantes, Bill Wilson iniciou uma nova modalidade de grupo de ajuda mútua, ao lado do cirurgião doutor Bob Smith, no Hospital Municipal de Akron. Foi a partir dessa experiência em Akron que Bill Wilson e Bob Smith criaram os Alcoólicos Anônimos (AA) e o codificado programa Doze Passos, e incorporaram uma espiritualidade ascética, aberta à diversidade religiosa. Com o crescimento rápido da irmandade, houve uma necessidade de se manter a unidade do funcionamento dos grupos; com isso, Wilson criou as Doze Tradições, um conjunto de princípios norteadores para a organização e funcionamento dos grupos.

Os Narcóticos Anônimos foi fundado, em 1953, por Jimmy Kinnon, um usuário de múltiplas drogas que, inicialmente, frequentava o AA para tratar da sua drogadição. Foi um surgimento bastante difícil, pois o grupo enfrentou problemas com as autoridades policiais e foi bastante perseguido, pelo fato dos seus membros serem usuários de drogas ilícitas. Segundo Cardoso (2006), as fontes que relatam o surgimento do grupo são ainda obscuras, o que torna muitos membros ressentidos por não poderem narrar a história da sua irmandade. A primeira experiência da irmandade, de que se tem notícia, ocorreu na cidade Lexington, Kentucky, no ano de 1947, através de um programa de saúde pública que fracassou e do qual não se tem registros. Inicialmente, o grupo adotou o nome de “Adictos Anônimos” e “Grupos de Drogas Formadoras de Habituação”.

Com as constantes perseguições e consequentes ausências de espaços fixos para a realização de encontros, os membros passaram a frequentar grupos de AA no intuito de tratarem das suas adições de forma segura e amparada, pois, nesse período, a irmandade Alcoólicos Anônimos já possuía respaldo jurídico para a realização dos seus encontros. Incentivados pelos membros do AA a fundarem a sua própria irmandade, Jimmy Kinnon conseguiu a permissão para a adaptação dos doze passos e, em 1953, fundou o “Narcóticos Anônimos e Alcoólicos Anônimos do Vale de San Fernando”, primeiro grupo de Narcóticos Anônimos de que se tem notícia. O problema da repressão policial persistiu até o momento em que Jimmy Kinnon resolveu quebrar o anonimato e se dirigiu,

juntamente com outros membros da irmandade, até a Divisão de Narcóticos da polícia local para solicitarem autorização para a realização dos encontros.

Devido a todos os problemas enfrentados pela irmandade Narcóticos Anônimos (NA) no período do seu surgimento, a sua expansão pelo mundo aconteceu de forma muito mais lenta se comparada à expansão dos Alcoólicos Anônimos. A primeira assembleia de representantes locais ocorreu somente no ano de 1978; e, no ano de 1983, houve a publicação da primeira edição do texto básico da irmandade. Somente em 2002, a irmandade revelou o impressionante número de 20.000 grupos atuando no mundo inteiro. O sentido encontrado pelos membros dentro da irmandade, e que faz parte do objeto de estudo do presente trabalho, pode estar relacionado a esse impressionante quantitativo.

Há outra diferença notável no modo de expansão dos NA em relação à expansão do AA: enquanto a expansão do AA foi resultante da intensa divulgação do seu trabalho, a expansão do NA se deu pela incorporação de vários grupos de ajuda mútua focados na drogadição. Esses grupos recebiam nomes diversos como: “Drogas Anônimas”, na Irlanda, e “Adictos a Drogas Anônimos”, no Peru. Isso talvez explique um pouco do caráter menos ortodoxo que o NA possui em comparação ao AA. O mesmo padrão de expansão do NA ocorreu no Brasil

Cardoso (2006) revela a existência, na década de 70, de que existiu um grupo de ajuda mútua chamado de “Dependentes Químicos Anônimos”, cujo surgimento não é datado. Estes grupos existiram no eixo Rio-São Paulo, foram criados e conduzidos por médicos voluntários, e copiavam o modo de Funcionamento do NA, a partir de tradução não autorizada do material da irmandade. Em 1985 houve uma reorganização desse movimento, de modo a se equiparar mais ao modo de funcionamento do NA, de maneira mais uniforme e independente da atuação de médicos; com isso, o nome do movimento mudou para “Toxicômanos Anônimos” (TA). Em 1989, houve uma visita de membros da *Narcotic Anonymous World Services* ao Brasil. A partir dessa, eles tiveram contato com a entidade TA que acabou por ingressar definitivamente na irmandade NA e se organizar como tal. Atualmente, o Brasil se encontra em terceiro lugar no índice mundial de reuniões de NA, somando um total de 700 reuniões semanais e perdendo apenas para Estado Unidos e Canadá.

1.2. Método de trabalho

O método de trabalho da entidade NA é composto, basicamente, de dois instrumentos: o Programa Doze Passos e os Grupos de Ajuda Mútua. Além desses dois instrumentos, a complexidade do trabalho do NA inclui também: grupos abertos ao público, onde os membros partilham suas experiências com pessoas visitantes com a finalidade de divulgar o trabalho da entidade; disponibilização de contatos telefônicos dos padrinhos para que os membros iniciantes possam ligar a qualquer hora, quando sentirem dificuldade em lidar com a abstinência; rituais de iniciação e de conquista, simbolizado pelo ganho de chaveiros quando o membro entra e quando consegue ficar limpo (sem uso de drogas) por um período que varia de 30 dias a 5 anos.

1.2.1. O programa Doze Passos

A descrição e a aplicação dos doze passos do programa estão organizados no livro *Guia para trabalhar os passos de Narcóticos Anônimos* (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2005b, 140 p.). Também há descrição mais textual, mais reflexiva e menos prática desses passos no livro *Texto Básico*, no capítulo intitulado “Como funciona”. Os passos são os seguintes:

- 1- Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
- 2- Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.
- 3- Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós O compreendíamos. (crivo deles)
- 4- Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5- Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.
- 6- Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7- Humildemente pedimos a ele que removesse nossos defeitos.
- 8- Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a fazer reparações a todas elas.

- 9- Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
- 10- Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
- 11- Procuramos, através de prece e meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira como O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade, em relação a nós e o poder de realizar essa vontade.
- 12- Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b, pp. 20 e 21).

Estes passos foram adaptados do programa Dozes Passos original, do Alcoolicos Anônimos, e a partir desta adaptação, alguns termos foram modificados. A principal modificação está na substituição do termo “álcool”, presente no primeiro passo do programa original do AA, pelo termo “adição”. A definição deste termo, segundo o texto básico do NA (2015b, pp. 3-9) diz que “*adição consiste em uma doença cujos sintomas vão além do consumo descontrolado de drogas; ela inclui comportamentos egoístas, egocêntricos, manipuladores, compulsivos, e atitudes de isolamento, bem como prejuízos nos relacionamentos sociais, decorrentes destes comportamentos*”. Como se pode observar, esta adaptação desloca o foco, que antes era voltado para a substância, para a pessoa, exigindo um olhar mais abrangente e compreensivo sobre os seres humanos. Tal modificação também resolveu o problema da diversidade de drogas e seus padrões de uso, permitindo que a entidade possa trabalhar a partir de um denominador comum: a doença da adição.

Em conversa com membros da entidade em Pernambuco, eles explicam que esta aplicação ocorre de forma individual, com a ajuda do padrinho, com quem os membros iniciantes devem manter constantes diálogos a respeito dos avanços e dificuldades sobre os sucessos e dificuldades dos cumprimentos dos passos. Partindo de princípios como “liberdade” e “partilha honesta”, descritos no segundo capítulo do Texto Básico (2015b, pp. 10-14), o NA aposta na autonomia dos membros, bem como na sua capacidade de se auto reconhecerem enquanto adictos e de gerenciarem as suas próprias vidas. Para auxílio dos adictos em recuperação no percurso dos doze passos, a literatura do NA conta com um livro, o *Só por hoje: Meditações diárias para adictos em recuperação*. Logo na

primeira meditação, nota-se uma ênfase no papel da vigilância do adicto em relação à sua adicção:

A vigilância é uma realização diária. Nós nos empenhamos em permanecer alerta e prontos a lidar com sinais de dificuldade. Não que devemos viver com medo irracional de que alguma coisa irá nos possuir, caso baixemos a nossa guarda por um momento; simplesmente tomamos as precauções normais. Oração diária, frequência de reuniões e a escolha de não comprometer princípios espirituais são atos de vigilância. Usamos o inventário quando necessário, compartilhamos com outros sempre que somos chamados e, cuidadosamente, nutrimos nossa recuperação. E, sobretudo, permanecemos atentos! Conseguimos um alívio diário da nossa adicção desde que permaneçamos vigilantes. A cada dia aplicamos os princípios de recuperação em tudo que fazemos e, a cada noite, agradecemos ao nosso poder superior por um dia mais limpo. (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2000, p.1)

Um importante fator a ser observado nos Doze Passos é a ênfase na espiritualidade do adicto em recuperação. Ao propor uma crença e devoção a “um Poder maior do que nós” e a “Deus, da maneira como nós O compreendíamos”, os Doze Passos lançam mão de uma espiritualidade ascética e aberta à diversidade de crenças religiosas, permitido que todas as pessoas possam caminhar com igualdade rumo ao desenvolvimento espiritual. Conclui-se que, para a recuperação do adicto na visão do NA, é imprescindível o despertar espiritual e a adoção de um estilo de vida baseado em princípios espirituais, concebidos livremente segundo a crença de cada adicto em particular. Uma das manifestações da vida espiritual se encontra na ajuda ao próximo, como poderá ser observado no próximo ponto.

1.2.2. Grupos de Ajuda Mútua

Os grupos de Ajuda Mútua – ou de Autoajuda, em outras definições – possuem um pressuposto essencial: o de que a identificação e o compartilhamento de experiências entre pessoas acometidas pelo mesmo problema possui grande valor terapêutico. Esse tipo de grupo geralmente não é conduzido por profissionais especializados, a não ser que eles se encontrem ali na mesma condição que os demais participantes. A proposta é que se crie um ambiente de igualdade entre todos os que estão ali presentes, o que permitirá um processo de identificação entre eles (LOECK, 2009, p. 63). O NA é, por excelência,

um grupo de ajuda mútua, dissidente de outro grupo responsável por mostrar ao mundo, o potencial terapêutico da ajuda mútua: o Alcoólicos Anônimos.

O potencial terapêutico dos grupos de ajuda mútua pode ser compreendido se partir do fato de que o alcance do seu trabalho não se limita só às dimensões psicológicas e sociais, chegando a alcançar também a dimensão espiritual das pessoas. Pode-se dizer que a dimensão espiritual é o principal elemento trabalhado nestes grupos, e que as mudanças obtidas nas dimensões psicológicas e sociais são resultantes da transformação nesta dimensão, proporcionada pelo trabalho em grupo. Os elementos espirituais desses grupos estão presentes em todo o seu funcionamento, desde a oração da serenidade – onde os membros por força, sabedoria, e coragem ao “Poder Superior” – até os momentos de fala, que no contexto destes grupos, é marcado pelo ciclo da Dádiva.

Partindo de uma perspectiva sociológica, a Dádiva consiste em um sistema de relacionamentos sociais construído a partir de atitudes normativas como *dar, receber e retribuir*. As pessoas imersas nesse sistema se vêm envolvidas espiritualmente umas com as outras, moralmente comprometidas com a integridade espiritual do outro, gerando, entre elas, um endividamento positivo (SOARES, 2013). O ciclo da dádiva se inicia quando o membro recém chegado *dá* a sua partilha ao grupo; a partir deste momento, o grupo *receberá* a sua partilha, *retribuindo* com a ajuda a este membro, que futuramente, também irá *retribuir*, dando a sua ajuda para outros membros recém chegados e contribuindo com a organização e manutenção do grupo. Por possuir características espirituais, o ciclo da dádiva se distancia dos valores materiais, permitindo com que os membros vivenciem princípios de solidariedade e voluntariado.

Sobre os efeitos da terapêutica na dimensão psicossocial, é possível notar a transformação no estigma que acompanha os adictos ao longo da sua trajetória enquanto usuários de drogas, permitindo com isso, a construção de uma nova identidade seguida de ressignificação dos seus papéis sociais e relacionamentos interpessoais. Através de um estudo etnográfico, Loeck (2006) registrou a transformação no estigma dos membros do NA a partir da vivência de todo o conjunto de rituais que envolve a dinâmica deste grupo de ajuda mútua. Neste registro, se destaca a entrada de um novo membro no grupo, marcada pela assunção de que ele é um adicto. O termo Adicto, relacionada ao termo Adicção – doença de conceituação exclusiva do NA, pragmática e não-médica, não importando a sua tipologia e critérios diagnósticos – passará a compor a nova identidade

do novo membro. Esta nova identidade irá substituir a sua identidade anterior de drogado, marcado por todo o julgamento negativo que a sociedade faz a respeito dos usuários de drogas ilícitas, tornando-o um ser *desacreditado* – noção que será reforçada com as recaídas, resultantes das investidas em tratamentos. Assumindo-se enquanto adicto, o novo membro poderá rapidamente se identificar com os outros adictos, vinculando-se fortemente ao grupo, e iniciando todo um processo de ressignificação simbólica das suas relações sociais, o que permitirá a atribuição de novos sentidos para a sua vida.

No mesmo trabalho Loeck (2006) também descreveu o modo de funcionamento do grupo de ajuda mútua. O organização é feita por membros eleitos nos comitês de organização regional da entidade. Não há taxas de adesão e nem lista de membros inscritos, e a manutenção do grupo se dá por doações de livres quantias de dinheiro, por parte dos próprios membros. As reuniões do grupo são de três tipos: reuniões abertas, onde os membros partilham as suas experiências não só com outros membros, como também com visitantes, de modo a divulgar o trabalho da entidade; reuniões fechadas, restritas apenas a membros do grupo, contendo a mesma ritualidade das reuniões abertas, porém, com uma maior sinceridade no conteúdo das partilhas, bem como maior identificação entre os membros; e reuniões administrativas ou de serviço, onde são discutidos e definidos os assuntos concernentes à organização do grupo. A participação dos membros nas reuniões é livre, podendo os membros entrarem e saírem no momento que quiser.

A sistemática das reuniões envolve vários momentos, e aqui, ela será apresentada de forma resumida. As reuniões se iniciam com informações sobre os acontecimentos envolvendo a irmandade; em seguida, é feita uma roda de apresentação dos membros presentes, onde cada um pronuncia o seu nome e o tempo que está limpo (ex: “oi, sou fulano, estou limpo há 28 dias, dois meses e um ano”). Em seguida, é feita a oração da serenidade; e depois, a leitura de algum texto da irmandade. Após isso, se inicia o momento da partilha, que é o mais importante da reunião: os membros se inscrevem e, seguindo a ordem das inscrições, falam sobre o que quiserem – geralmente, experiências de perdas e conquistas envolvendo a adicção - durante um tempo determinado (4 minutos, podendo ser prorrogado por mais dois). Enquanto um membro fala, os outros permanecem em silêncio, que poderá ser quebrado apenas para proferir alguma fala de apoio ao membro que está partilhando (ex: “tamos juntos, companheiro”, “me identifico”, “legal, companheiro”). Após o momento de partilha, outros avisos são dados pelo

membro coordenador da reunião ou por qualquer outro membro ali presente. Após os avisos, é feito um minuto de silêncio para todo o adicto que está passando por dificuldades naquele momento; em seguida, é feita novamente a oração da serenidade e a reunião se encerra. Há também o momento de celebração das conquistas, que é feito em algum intervalo das partilhas, caso haja alguma conquista a ser celebrada: por exemplo, o membro que está limpo há trinta dias; ele será chamado para o centro, onde ele escolherá outro membro para lhe dar um chaveiro vermelhos da irmandade, simbolizando a conquista. Os chaveiros fazem parte da complexa ritualidade do grupo; são de diferentes cores, cada cor relacionada com um diferente tempo de abstinência. Mas o principal momento é mesmo o da partilha, pois é o momento onde os membros estão todos presentes e disposto a ouvir e serem ouvidos (LOECK, 2009). Dentre os membros presentes nas reuniões, encontram-se o coordenador (responsável por organizar as reuniões), o tesoureiro e o secretário. Esses cargos são eleitos nas reuniões administrativas e de serviços, responsáveis pela organização da irmandade, como veremos a seguir.

1.3. Organização

Antes de entrar nas reuniões administrativas e de serviços da irmandade, se faz necessária a exposição das Doze Tradições do NA, responsáveis por manter a união a união e a identidade dos grupos de NA existentes no mundo inteiro. Também adaptadas das Doze Tradições do AA, as Doze tradições do NA são as seguintes:

1. O nosso bem-estar comum deve vir em primeiro lugar; a recuperação individual depende da unidade de NA.
2. Para o nosso propósito comum existe apenas uma autoridade – um Deus amoroso que pode se expressar na consciência do grupo. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam.
3. O único requisito para ser membro de NA é o desejo de parar de usar.
4. Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem outros grupos ou NA como um todo.
5. Cada grupo tem apenas um propósito primordial - levar a mensagem ao adicto que ainda sofre.
6. Um grupo de NA nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o seu nome de NA a nenhuma sociedade relacionada ou empreendimento alheio, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade ou prestígios nos desviem do nosso propósito primordial.

7. Todo grupo de NA deverá ser totalmente autossustentado, recusando contribuições de fora.
8. Narcóticos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, mas nossos centros podem contratar trabalhadores especializados.
9. NA nunca deverá organizar-se como tal; mas podemos criar quadros ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem servem.
10. Narcótico Anônimos não tem opinião sobre questões de fora; portanto, o nome de NA nunca deverá aparecer em controvérsias públicas.
11. Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádio e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal.
12. O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b, pp. 65 e 68).

A leitura das Doze Tradições é constantemente realizada em todos os grupos de NA, de modo a não se perder de vista a o alinhamento no funcionamento dos grupos da irmandade. Para a centralização da organização, a irmandade conta com o grupo *Narcotics Anonymous World Services*, cuja estrutura possui: uma mesa diretora, diversos subcomitês de serviços e Representantes de Serviços das Regiões (RSR). Seus membros são eleitos a cada dois anos na *World Service Conference*, evento aonde também se trata de assuntos referentes ao NA como um todo (CARDOSO, 2006, p. 47).

A distribuição dos grupos de NA pelo mundo possui uma delimitação geográfica própria. Grupos de NA que estão mais próximos tendem a compor uma área de NA; a partir da delimitação desta, será criado um Comitê de Serviço de Área (CSA), responsável pela organização dos grupos de NA que ali se encontram. A reunião de várias áreas compõe uma Região de NA; para a gerência de cada região, há os Comitês de Serviço Regional (CSR), compostos por outros subgrupos – Grupo de Informações ao Público (IP), responsável pela comunicação do NA com a sociedade e outros meios de comunicação; Grupo de Hospital e Instituição (H&I), que possui o objetivo de divulgar e realizar reuniões de NA em lugares onde existem drogaditos que não conseguem acessar as reuniões convencionais; Tradução de Literatura, com o objetivo de traduzir, revisar e revisar os textos do NA para publicar no idioma do país; e, Longo Alcance e Linha de Ajuda, responsáveis por criar e organizar grupos de NA nos lugares mais distantes da região. A estrutura dos CSA é semelhante à dos CSR, contendo os mesmos subgrupos. Outra responsabilidade do CSR é a realização da “Assembléia Anual Regional de Serviço”, onde são eleitos novos membros para o CSR, bem como Representantes de

Serviço da Região (RSR), titular e suplente, para a participação na *World Service Conference* (CARDOSO, 2006, pp 45-47).

Como se pode observar, apesar do caráter livre e voluntário da participação de membros na NA, a sua estrutura é complexa e obedece a um funcionamento rigoroso. A isenção de cobranças e frequência na participação dos grupos é compensada pela consciência individual de cada membro, e que é fortalecido pelo sistema da dádiva. A Dádiva rege a espiritualidade presente na comunhão entre os membros, favorecendo a transcendência deles; a partir das obrigações *dar, receber e retribuir*, os membros se encontram em dívida para com o grupo e com os outros membros, dando a eles um propósito de vida. O movimento da transcendência na dimensão espiritual do homem será explorado adiante.

2. SOBRE A DÁDIVA: SOCIOLOGIA DE MARCEL MAUSS, PARADIGMA SOCIOLÓGICO E AJUDA MÚTUA

Neste capítulo será feita uma introdução ao conceito de Dádiva, que hoje representa um paradigma sociológico e um campo de estudos nas ciências sociais. Toda a complexidade deste conceito não será aqui abordada, limitando a sua definição apenas ao essencial para a sua compreensão geral. A compreensão de tal conceito, que possui relação direta com a Ajuda Mútua presente dos grupos do tipo Narcóticos Anônimos (NA) e Alcoólicos Anônimos (AA), faz-se importante no presente estudo, uma vez que aqui se pretende resgatar a dimensão tipicamente humana da formação dos vínculos sociais, bem como compreender a relação disto com o esforço de reconstrução das vidas dos usuários por parte deles. Vale destacar que as perdas, decorrentes do uso de drogas, incluem prejuízos nos campos dos relacionamentos interpessoais, e também são resultantes do egocentrismo, traço muito característico na personalidade do adicto. Neste sentido, a Dádiva vem propor algum tipo de transformação na vida dessas pessoas.

2.1. A Sociologia de Marcel Mauss

Antes de escrever sobre a Dádiva, faz-se importante uma breve exposição da obra do seu teórico: o célebre antropólogo, sociólogo e filósofo francês Marcel Mauss (1872 - 1950), bem como do seu mestre e tio, o sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês David Émile Durkheim (1858 – 1917). Isso porque a obra desses dois autores apresenta uma relação direta de inspiração, influência e continuidade epistemológica. A parceria entre eles foi tão importante que, juntos, eles fundaram uma escola francesa de sociologia, criaram uma revista de sociologia, a *Année Sociologique*, e inauguraram um novo paradigma epistemológico dentro do campo das ciências sociais: O paradigma Sociológico (MARTINS, 2005).

Começando por Émile Durkheim, este teve a sua obra centrada na teorização e no estudo do Fato Social. Segundo o sociólogo, em *As regras do método sociológico* (2006 [1895], p. 32; citado por BRAGA, 2016), os Fatos Sociais são definidos enquanto “Coisas”, e nelas se encontram as maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam

a notável propriedade de existir fora das consciências individuais; Sendo assim, elas são propriedades exclusivas dos espaços de convivência e produção coletivas. Por serem tratados como coisas, os Fatos Sociais são passíveis de serem observados de maneira objetiva e, também, de serem levados para ambientes de análises e experimentações científicas. A denominação “Coisa” atribuída aos Fatos Sociais deu à obra de Durkheim, uma conotação materialista e positivista, sendo alvo de críticas de muitos autores antipositivistas que viriam a surgir no século XX.

Dando continuidade ao estudo e teorização do Fato Social, Marcel Mauss viria a romper com Durkheim justamente a partir da sua teorização a respeito da Dádiva, a qual ele definiu como um “Fato Social Total”. O “Total”, que caracteriza o Fato Social de Mauss, comporta dois significados: 1) O de que, nela, estão inclusos todos os fenômenos humanos de natureza econômica, cultural, política, religiosa, entre outros; e 2) de que os bens produzidos na sociedade são de natureza tanto material quanto simbólica (MARTINS, 2005). A ênfase dada ao simbólico, na teoria de Mauss, permitiu um distanciamento do aspecto mais positivista e materialista do seu mestre e tio Durkheim, e fez dele um dos teóricos mais célebres do século XX. Um dos mais importantes seguidores de Mauss, Alain Caillé, defende esta tese, e vai mais além, dizendo que Mauss teria fundado, involuntariamente, um “terceiro paradigma” nas ciências sociais, um interstício entre o que chama paradigmas Holista e Individualista, pautado no conceito de Dádiva (BRAGA, 2016). A questão paradigmática do conceito da Dádiva será tratada mais adiante.

2.2. A Dádiva de Marcel Mauss

Em seu livro *Ensaio sobre a Dádiva* (2001), considerado um dos mais importantes da sua obra, Marcel Mauss analisa os sistemas de trocas nas sociedades ditas arcaicas: da Polinésia, da Melanésia, do Noroeste Americano e das Ilhas Andaman. Ele observa que as circulações de objetos dados (o Dom), entre doadores e donatários, formam ciclos de Dádiva: sistemas de relacionamentos sociais baseados em obrigações simbólicas de Dar, Receber e Retribuir. Simbólicas por não estarem formalmente registradas em leis, por não serem cobradas por agentes de estado, e por serem legitimadas na vida coletiva entre

pessoas comuns. As obrigações da Dádiva são de pessoa para pessoa, e não costumam ser declaradas pelo doador (a pessoa que dá o Dom), pois elas possuem características que chamam bastante a atenção de Mauss: são Livres, Voluntárias e Gratuitas.

O que mais mobilizou Mauss para o estudo e compreensão dos ciclos de Dádiva, é a presença de características contraditórias dentro de um mesmo fenômeno social. Apesar de ser Livre, Gratuita e Voluntária, a Dádiva também possui Obrigatoriedade, Formalismo, Mentira Social e Interesse Econômico. Como pode um gesto ser livre e obrigatório ao mesmo tempo? Tal inquietação está na pergunta disparadora do seu estudo: *Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades do tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força faz com que o donatário a retribua?* O avançar da investigação da questão levou o autor a concluir que a resposta pode estar no simbolismo existente por trás do gesto e na formação de laços sociais fortes e duradouros. A formação desses laços sociais também se deve à riqueza simbólica da Dádiva, pois elas fazem com que o seu gesto tenha uma importância maior do que o conteúdo material do Dom. Por essas razões, os ciclos de Dádiva são considerados Fatos Sociais Totais (MAUSS, 2001, p. 52). Em outras palavras, são laços formados por seres humanos que, dentro sua totalidade, estão se dispondo à doação, e por outros seres que, recebendo mais do que o objeto doado, recebem algo ainda mais valioso do doador.

Dentre a diversidade de elementos encontrados no universo simbólico da Dádiva existe um que se destaca quanto à sua relevância no presente estudo: a “Energia Espiritual” que rege as suas obrigações. Na tradição *Maori*, das Tribos da Nova Zelândia, se encontra o *Hau*, ou seja, o espírito presente nos objetos dados, e que pertencem inexoravelmente ao doador. O mesmo também ocorre no *mana* polinésio, onde o agente dá algo de si, do seu Ser, que é inalienável e fomenta a obrigatoriedade de uma futura devolução (MAUSS, 2001). Dessa maneira, juntamente com os objetos e os gestos, as pessoas doam os seus espíritos. A consciência disso, por parte do donatário, o coloca na obrigação de devolver esse espírito, doando, também, um pouco do seu espírito.

Tal ligação espiritual entre doador e donatário conclui que a origem da obrigatoriedade da Dádiva não é de outra ordem, senão, ontológica. Dentro dessa ordem, a circulação dos bens materiais e simbólicos é acompanhada de valores éticos e morais que estão diretamente relacionados com a integridade espiritual do doador. O espírito do

doador, que passa a integrar a coisa dada, passa a ser um “terceiro parceiro” na transição dos bens; e a presença deste terceiro, dotado de valores e símbolos, faz com que o outro, o donatário, mova-se na intenção de ser recíproco, no que diz respeito a se fazer espiritualmente presente nesta relação. A dinâmica da Reciprocidade marca o ciclo da Dádiva na sua totalidade (SABOURIN, 2008).

Um dos discípulos mais importantes de Mauss, Allain Caillé (anteriormente citado), retomou o pensamento do seu mestre nos anos 80 e fundou, na França, um movimento de intelectuais denominado M.A.U.S.S. – Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais. Esse movimento trouxe o pensamento de Mauss para o centro da discussão acerca das formas de relações nas sociedades contemporânea e fez da Dádiva um novo paradigma das ciências sociais - também chamado de Paradigma do Dom. A partir dessas discussões paradigmáticas, os seguidores de Mauss, como Caillé, lançaram mão do estudo e compreensão da construção e fortalecimento de vínculos sociais em contextos em que modelos dicotômicos tradicionais (Holistas e Utilitaristas, que serão discutidos a seguir) não dão conta da explicação. Esses contextos incluem trabalhos sociais e comunitários voluntários (religiosos ou não), movimentos de solidariedade em que a doação se faz presente, ações de governo com comunidades de baixa renda, dentre outros (BARBOSA, 2010).

No ensaio *Dádiva e Associação*, Caillé (citado por BARBOSA, 2010) sintetizou o seu entendimento sobre a Dádiva da seguinte maneira: (a) Na definição sociológica é toda prestação de bens e serviços efetuados sem a garantia de retorno tendo em vista a criação, manutenção ou restauração de vínculos sociais. Na relação de Dádiva o vínculo é mais importante que o bem. Ou seja, o valor do vínculo tem mais importância do que o valor de uso ou do que o valor de troca. (b) Na definição geral, é toda ação, ou prestação, efetuada sem expectativa de retorno, e, por isso, contém a sua dimensão de gratuidade.

2.3. A questão paradigmática

Segundo Godbout (2011), compreender a Dádiva nas sociedades contemporâneas é questionar e desafiar dois paradigmas dominantes: o paradigma Holista, referente às ciências sociais, e o Utilitarista (também denominado de Individualista e Neoliberal), referente às ciências econômicas. O paradigma Utilitarista compreende a ação humana

em sociedade a partir de três noções: Interesse, Racionalidade e Utilidade. Juntos, esses elementos compõem um “privilégio paradigmático”, fazendo com que análises de diversas áreas das ciências humanas tenham, necessariamente, que passar por essas noções. A noção de Racionalidade está ligada à Otimização, que diz que toda escolha racional deve ser analisada em função dos seus custos e benefícios, de modo a promover a Otimização da ação. A noção de Interesse diz respeito à primazia do interesse privado sobre o interesse público, de que este interesse pode conduzir a um bem público comum, e de que existe uma mão invisível do mercado operando na canalização desses interesses privados. Baseando-se na distinção fins-meios, a noção de Utilidade procura ver a felicidade e o bem-estar individual como um fim que justifica os meios para alcançar, e relaciona tal felicidade à aquisição de bens materiais úteis. Em outras palavras, o Paradigma Utilitarista compreende o homem como um indivíduo, um ser que, dentro de um universo regido por leis econômicas de mercado privado, busca a sua individualidade através do trabalho, do consumo de bens úteis e duráveis e da ausência de dívidas para com outros indivíduos e instituições.

Contrariando o paradigma Utilitarista, os sistemas de Dádiva se distanciam das noções de Interesse, Racionalidade e Utilidade. Começando pela noção de interesse, a Dádiva mostra um paradoxo na intenção das suas ações que segundo Mauss (citado por GODBOUT, 2011), apresenta algum interesse e, ao mesmo tempo, um relativo desinteresse. Com relação à Utilidade, que relaciona as ações humana à busca de felicidade e prazer, a Dádiva a contraria ao mostrar que existe um senso moral e de dever – para com o outro - nas suas ações, e que pode se sobrepor à busca por prazer e felicidade individuais.

Por outro lado, enquanto o paradigma Utilitarista compreende os relacionamentos sociais dentro de uma perspectiva de otimização e redução de dívidas, a Dádiva compreende a criação dos vínculos sociais através do endividamento mútuo. Como foi destacado anteriormente, este endividamento possui Obrigatoriedade, mas sem um sistema de cobranças que a perspectiva utilitarista pressupõe: a Dádiva carrega consigo as características da Espontaneidade e da Liberdade. Essas características fazem da Dádiva um sistema de comportamentos responsável por formar laços sociais cheios de vida e de humanidade, diferentemente das relações econômicas e formais que o Utilitarismo pressupõe (GODBOUT, 2011).

Também em oposição ao paradigma Utilitarista, que apresenta uma tendência individualizante do homem em sociedade, o movimento da Socioeconomia apresenta um outro paradigma que passa a se destacar no campo das ciências sociais: o Paradigma Holista. Esse paradigma, inaugurado, em 1988, pelo sociólogo Amitai Etzioni (GODBOU, 2011) – que também foi o fundador do movimento da Socioeconomia – tira o homem do seu isolamento e o situa no campo das relações sociais. A concepção de homem dentro desse paradigma passa a ser compreendida enquanto “nós”: um sujeito que compartilha da construção da sua identidade a partir da relação com a sociedade, com os outros sujeitos da sua convivência. Tal concepção também compreende a ação do homem para além das noções de Interesse, da Utilidade e da Racionalidade, explicando que o seu comportamento provém de regras, valores, moral e dever, presentes no campo das relações sociais. Mais do que isso, essas noções são originadas no meio externo ao indivíduo, fazendo com que as relações sociais impliquem num processo de Interiorização dessas noções. Por ter origem no meio externo, o Paradigma Holista pressupõe uma certa liberdade do homem com relação às regras, valores, deveres e moral, presentes na sociedade, podendo ele as interiorizar ou a elas se opor.

Em oposição ao paradigma Holista, a Dádiva mostra indivíduos se relacionando uns com os outros de uma maneira singular, que não provém do aprendizado de regras sociais (GODBOU, 2011). A criação de dívidas ocorre em um âmbito de preservação do princípio da Liberdade, não havendo imposição de regras e condições para pagamentos; as pessoas presenteiam, ajudam e dão objetos de forma livre e voluntária. Quando agradecidas, elas retribuem dizendo que “não há de que” ou “não foi nada”, desvalorizando a própria dádiva. Quanto retribuídas com novas dádivas, elas alegam que “não precisavam”. Todos esses comportamentos são para manter as características de Liberdade e Espontaneidade de Dádiva, pois ela perde o sentido quando submetida a um conjunto de normas e regras sociais. Não que o indivíduo não deva ser ensinado a retribuir os gestos de ajuda e os presentes que recebe, mas a dádiva parece existir independentemente desta lição, pois o desejo de retribuir um gesto positivo nasce espontaneamente do coração de cada ser humano.

Como complemento desses comentários a respeito da oposição entre os paradigmas Holista e Dádiva, cabe ressaltar que cada Dádiva carrega consigo uma singularidade. Sobre a singularidade que envolve os seres humanos nos ciclos da Dádiva, Claude Lévi-Strauss, na sua introdução à obra de Marcel Mauss (in MAUSS, 2001),

observou a aproximação que esta tem com o campo da psicologia quando considera a influência do psiquismo individual nas condutas ditas normais e anormais, dentro de uma sociedade, e que não estão ligadas às influências sociais. Também destacou a influência da psicanálise ao tratar da importância do inconsciente, que atua no campo dos relacionamentos humanos, ligando um indivíduo ao outro; mas também apontou que estes fenômenos também não ocorrem fora do simbolismo existente em uma sociedade. Sendo assim, a Dádiva possui características tanto individuais quanto coletivas, e a fusão dessas duas dimensões marca a sua singularidade.

2.4. Outros elementos característicos da Dádiva

Uma vez que a Dádiva traz consigo uma complexidade em termos de processos de formação e manutenção do laço social, ela também traz outros elementos a ela associados, e que merecem destaque para a análise da sua dinâmica nos mais variados contextos. Na análise dos resultados deste trabalho, vale observar a maneira como as trocas acontecem entre os membros da entidade NA, bem como com o pesquisador; também caberá a esse último se perceber dentro deste processo. Feito isso, uma correlação entre os fenômenos emergidos e os elementos, a seguir, elencados, poderá ser realizada.

2.4.1. Reciprocidade

Claude Lévi-Strauss (1979, citado por BARBOSA, 2010), comenta a respeito da obra de Mauss, destacando que ali existe o “princípio da Reciprocidade”. Sobre reciprocidade, ele versa que em todas as sociedades, existe a ideia de se conseguir vantagem misteriosa na obtenção de comodidades, por via de donativos recíprocos, e não por via da produção e aquisição individual. Sendo assim, o objeto dado adquire um outro valor diferente do trabalho e da matéria prima. Seu valor passa a ser simbólico e seu simbolismo entra no domínio da Reciprocidade (BARBOSA, 2010).

Analisando que nem toda Reciprocidade presente na Dádiva resulta em relações solidárias, o autor Sahlins (1979, citado por BARBOSA, 2010) destacou três tipos de reciprocidade: 1) *reciprocidade equilibrada*, que ocorre quando há igualdade de valores

nas duas partes; 2) *reciprocidade generalizada*, quando as doações não são contabilizadas, levando à caridade, ao dar de si mesmo; e 3) *reciprocidade negativa*, quando o doador acaba recebendo um valor maior do que o da sua doação, levando à usura, típico da sociedade capitalista. Na base da definição de Reciprocidade, está o papel da troca.

2.4.2. *Sociabilidade*

A sociabilidade representa, na visão de sociólogos como Velho (1989, citado por BARBOSA, 2010), um importante fator na formação da subjetividade do sujeito. Nela, estão presentes a valorização dos vínculos de amizade, participação em reuniões, e trabalhos comunitários. Também estão presentes os valores de Associação destacados por Simmel (2006, citado por BARBOSA, 2010, p. 206), um dos principais teóricos da sociabilidade: alegria, realce, vivacidade. Em relação a esses valores, o sujeito em formação vai compreendendo que precisa dar eles para um grupo social, de modo a construir bons vínculos e ser aceito por elas. Desse modo, a sociabilidade se faz importante não somente na construção e fortalecimento de vínculos sociais, como também faz parte, a nível de subjetividade, da formação da personalidade ética. Seu mecanismo também possui semelhança direta com a tríplice obrigação da dádiva – *dar, receber e retribuir* – e por isso, passa a também fazer parte da sua natureza.

2.4.3. *Solidariedade*

Surgido na França do século XIX, o termo Solidariedade passou a ser identificado como um substituto da Caridade Cristã e, posteriormente, como uma base para a formação moral das pessoas (BARBOSA, 2010, p.231). A base para a compreensão deste conceito, em termos sociológicos, é a aquisição do consenso, dentro da convivência entre as pessoas e nas formações de grupos sociais. Tal consenso, uma vez convertido em regra moral, permite que indivíduos abram mão de interesses individuais e passem a trabalhar em prol

do bem estar social. Em outras palavras, na solidariedade, impera a consciência da coletividade.

Fazendo uma revisão semântica e histórica do termo Solidariedade, Almeida (2005, citado por BARBOSA, 2010, p. 234) destacou três níveis para o seu significado: 1) o primeiro, é a *nível emocional*, e se caracteriza pelo sentimento de compaixão e simpatia pelos outros, principalmente os que sobre; 2) o segundo, o *nível moral*, procura transformar o sentimento em atitudes expressas por palavras de responsabilidade, cooperação, unidade e comunhão; e 3) num terceiro nível, o *metafísico*, é quando a solidariedade vai além do sentimento e da obrigação moral, atingindo assim, um plano transcendental e espiritual. Para a realização deste trabalho, cabe uma reflexão a respeito do nível de solidariedade em que se encontram os participantes.

2.4.4. *Formação da personalidade ética*

Este elemento característico da Dádiva, assim destacado por Barbosa (2010, pp. 254-259) possui grande relevância no presente estudo, uma vez que aproxima as suas obrigações do campo psicológico e permite uma compreensão da transformação no campo dos valores. Sobre esta formação, a autora destaca que faz parte da evolução moral que se inicia na infância, a partir da educação escolar e familiar, bem como com a experiência de sentimentos de vergonha – sentimento típico do plano moral e que diz respeito a uma autoavaliação negativa dentro deste campo.

A partir da experiência de vergonha, os sujeitos parte para a adoção de condutas morais com um objetivo de auto superação. Atrelado às práticas morais, estão os valores de solidariedade e sociabilidade, ambos relacionados ao campo social, e permitindo com que o sujeito tome mais distância da entidade interna responsável pelo surgimento da vergonha: o eu. Isto tem semelhança com o pensamento de Frankl (capítulo 3), quando este se refere a autodistanciamento e autotranscendência, ambos ligados a valores e sentido de vida.

2.5. A Dádiva nos grupos de Ajuda Mútua

Dentre as manifestações de Dádiva na sociedade contemporânea, os grupos de Ajuda Mútua merecem uma especial atenção, tanto pela sua disseminação, no século XIX, quanto pela sua capacidade de dar respostas a problemas atuais como alcoolismo, uso de drogas, e outros tipos de dependências. Partindo de uma análise sociológica e educacional acerca dos grupos NA e AA, Aguiar (2011) comentou que a circulação da Dádiva, presente nesses grupos, é o elemento através do qual os membros desses grupos conseguem se manter sóbrios e superar seus problemas de Alcoolismo e Adicção. “Como isso ocorre?” é a questão que se pretende investigar no presente estudo, partindo da perspectiva dos membros destes grupos.

Todos os elementos constitutivos dos ciclos da Dádiva estão presentes nos grupos de Ajuda Mútua: Obrigatoriedade, Espiritualidade, Ajuda mútua e Autogestão, só para citar alguns exemplos. Começando pela Obrigatoriedade, ela inclui três ações que foram anteriormente destacadas neste capítulo: *Dar, Receber e Retribuir*. Ao chegar a um grupo de NA ou AA pela primeira vez, o indivíduo já está *dando* a sua presença ao grupo ao grupo. Ao *Receber* este indivíduo, o grupo deixa claro o quanto a presença deste é importante para o fortalecimento do grupo; e, após um ritual de recepção calorosa, esse grupo irá se dispor a ajudar essa pessoa. Sendo fortalecido pela ajuda do grupo e conseguido superar seu problema com o passar do tempo, a pessoa se sentirá na obrigação de *Retribuir*, se colocando à disposição do grupo, frequentando e prestando serviços a ele. Esta mesma dinâmica é observada nas *partilhas*, momento marcante nas reuniões dos grupos de Ajuda Mútua: o indivíduo dá de si ao falar (*dar*) e o grupo recebe ouvindo ele (*receber*), e ao mesmo tempo em que retribui ao ouvir o outro em sua partilha, também já está recebendo novamente. Dentro deste constante processo de *Dar, Receber e Retribuir*, os indivíduos entendem que estão recebendo mais do que dão, e isso fortalece a necessidade de retribuição; conseqüentemente, também fortalece o grupo como um todo (AGUIAR, 2011).

Sobre a espiritualidade vivenciada nos grupos de Ajuda Mútua do tipo anônimos (NA e AA), pode-se dizer que se trata de uma espiritualidade pluralista, aberta à diversidade de crenças e religiões. Seu método de trabalho, os Doze Passos (ver Capítulo 1) inclui a aceitação de um Poder Superior. Ao aceitar o poder superior, os próximos

passos expressam o ciclo da Dádiva, ao sugerir que o indivíduo entregue (*Dar*) a sua vida ao poder superior e pede para que ele lhes devolva a Sanidade (*Receber*); como *Retribuição*, o indivíduo se coloca à vontade de Deus, da maneira como ele o concebe. Sobre a relação da Dádiva com a espiritualidade, Mauss destacou que a coisa dada possui uma “alma” que busca voltar ao lugar de origem, otimizando, dessa forma, a circulação do Dom (MAUSS, 2001). Nesta característica dos grupos de ajuda mútua, Mota (AGUIAR, 2016) pontuou que se encontra um “antídoto” para o narcisismo e o individualismo moderno, já que, em oposição ao sentimento de autossuficiência, desenvolveu-se a noção de que nada se pode sozinho, uma compreensão que é indissociável da filosofia do AA e do NA.

A autogestão diz respeito ao movimento de um grupo em prol da sua manutenção. Ela pressupõe atuações livres e sem hierarquias entre indivíduos de um determinado grupo. Na compreensão de Aguiar (2016) a autogestão se faz imprescindível nos grupos de Ajuda Mútua do tipo NA, pois ela favorece o fortalecimento dos vínculos entre os membros e o aumento da sua autoestima. Como nenhuma das obrigações e disciplinas são impostas ao grupo – uma vez que eles entenderiam isso como uma ameaça à liberdade individual – o conceito de autogestão se aproxima da Dádiva, com obrigações a serem cumpridas de maneira livre, voluntária, e igualitária. Sobre a relação de igualdade existente na Dádiva e, quiçá, na autogestão, Godbout (1997, citado por AGUIAR, 2016, p. 119) afirmou que a Dádiva se apresenta como uma alternativa à relação dialética entre um senhor e um escravo, marcada por dominação e controle, e que essa relação de igualdade fortalece o indivíduo por lhe favorecer identificação, através da qual, ele poderá desenvolver, também, sentimento de pertença.

Por fim, a ajuda mútua é a principal característica e também a alma dos grupos de Ajuda Mútua (como o próprio nome já destaca). Como aponta Kropotkin (citado por AGUIAR, 2016), faz parte da sobrevivência de inúmeras espécies animais, e também, da própria humanidade, desde os seus primórdios, na Idade da Pedra. De tão primitivo, este fenômeno social se manifesta em situações extremas em que a sobrevivência coletiva é colocada em risco: Um barco que naufraga, um ônibus que quebra na estrada, um grupo de escoteiros que se perde na floresta. Assim como a Dádiva, a ajuda mútua está registrada na ancestralidade do homem, e parece existir uma relação direta entre esses dois fenômenos, uma vez que a ajuda mútua já traz consigo as obrigações de Dar, Receber e Retribuir. Sendo assim, estudar esses dois fenômenos, na sociedade atual, se faz

importante no intuito de buscar meios de se trabalhar, nesta mesma sociedade, o resgate de potenciais e valores humanos constantemente ameaçados de obscurecimento na contemporaneidade, marcada pelo utilitarismo e o individualismo.

A teoria da Dádiva também possui semelhanças à teoria psicológica do Sentido da Vida, ligada à Logoterapia, escola de psicoterapia criada por Viktor Emil Frankl, e que será apresentada logo a seguir. Apesar de corresponderem a áreas diferentes de conhecimento – uma ligada à sociologia, e outra, à psicologia - ambas versam sobre um movimento humano dentro de uma dimensão espiritual, em que um homem se vincula a outro homem de uma forma ética e moral. Movimentos de transcendência de barreiras impostas pelo egocentrismo e individualismo também correspondem a esta dimensão. É possível, com isso, refletir que, entre as teorias de Marcel Mauss e Viktor Frankl, pode haver uma relação de complementariedade.

3. LOGOTERAPIA, SENTIDO DA VIDA E VALORES

A Logoterapia consiste em uma abordagem de psicoterapia criada pelo médico psiquiatra e neurologista austríaco Viktor Emil Frankl. Ao longo dos seus 92 anos de vida, este autor se dedicou ao desenvolvimento e defesa dessa abordagem psicoterápica, assim como de conceitos pertencentes a ela: Sentido da Vida, Vontade de Sentido, Neuroses Noogênicas e Vazio Existencial. Esses conceitos possuem origem na filosofia e foram elaborados a partir do contato que Frankl teve com filósofos existencialistas do seu tempo, tais como: Martin Heidegger, Max Scheler, Martin Buber e Karl Jaspers (SILVEIRA, 2012). Não há como dissertar sobre Logoterapia sem antes transitar um pouco pela experiência de vida seu autor; isso porque existe uma relação de coerência e similaridade entre os conceitos que compõem o seu arcabouço teórico e essas experiências pessoais.

3.1. A história de Viktor Frankl

Nascido em Viena, a capital da Áustria, o psiquiatra e neurologista Viktor Emil Frankl veio de uma família judaica praticante das suas tradições. Seus pais eram imigrantes tchecos, se chamavam Gabriel e Elsa, e tiveram mais outros dois filhos além de Viktor Frankl: Walter e Stela. O Pai, Gabriel Frankl, trabalhou no ministério de cultura da Áustria; já a sua mãe, pertencia à família do rabino Loew, da mais antiga sinagoga da Europa. Tal como afirmam Rodrigues e Barros (2009), o jovem Frankl viveu uma infância feliz, afetuosa e bastante rica em cultura e espiritualidade. Seu desejo por se tornar médico já se registrou nesse período. Com o eclodir da primeira guerra mundial, sua família passou por sérios problemas financeiros. Xausa (1986, citado por RODRIGUES; BARROS, 2009) relatou uma passagem interessante desse período, que foi quando Frankl perguntou, publicamente e pela primeira vez, sobre o sentido da vida: Aos 13 anos, já no segundo grau, um professor de ciências naturais explicava a vida como um processo de combustão e oxidação. Neste momento, Frankl se levantou e perguntou: “Professor, se é assim, que sentido tem a vida?”.

O Sentido da Vida viria a ser novamente questionado por Frankl na adolescência, quando um colega seu se suicidou. Na ocasião, Frankl estava interessado pela filosofia de Nietzsche. Sua vida acadêmica viria a se iniciar no ano de 1924, quando ingressou na faculdade de medicina. Nos primeiros anos do curso, Frankl publicou uma série de artigos sobre juventude, fase na qual o autor percebia sofrimentos, conflitos e falta de sentido na vida. Nessa época, Frankl conheceu Sigmund Freud, o pai da Psicanálise e, também, o seu primeiro mentor intelectual, com quem Frankl estabeleceu uma relação que se manteve ao longo de toda a sua vida universitária. Consecutivamente, Frankl viria conhecer Alfred Adler, e com ele, a Psicologia Individual, que representaria um meio caminho para o afastamento da psicanálise de Freud e a aproximação da filosofia. Sucedendo a Psicanálise de Freud e a Psicologia Individual de Adler, a Logoterapia de Viktor Frankl viria a se tornar a terceira grande escola de psicologia de Viena (RODRIGUES; BARROS, 2009).

Ao se interessar cada vez mais pelos problemas existenciais do homem, Frankl se afastou de Adler e se aproximou mais dos filósofos existencialistas do seu tempo. Dentre eles, o que mais se destacou pela influência exercida na elaboração teórica da Logoterapia foi o filósofo Max Scheler, a quem Frankl se referia como o seu “pai espiritual”. Isso porque esse filósofo tratava do espírito humano como sendo a dimensão portadora da essência do homem, e com isso, lançava mão de uma compreensão sobre o seu existir humano para além da condição biopsicológica. No centro da sua filosofia, e correspondendo com a proposta teórica da Logoterapia, estavam indagações acerca das “relações entre o espírito e o instinto, a liberdade e o condicionamento da pessoa humana” (RODRIGUES E BARROS, 2009).

Preocupado com os problemas sociais da sua época e percebendo o alto índice de jovens que cometiam suicídio em Viena, Frankl investiu na abertura de centros de atendimento psicológico para jovens com depressão e ideação suicida. Em um ano de abertura desses centros, caiu consideravelmente o índice suicídio entre os jovens de Viena, o que rapidamente fez crescer o interesse de outros psicólogos da época pelo trabalho de Frankl. Por outro lado, isso mostra que o autor não estava interessado em uma psicologia vertical, limitada apenas à personalidade e aspectos psicológicos individuais. Mais do que isso, ele se preocupava com fenômenos coletivos e problemas de ordem social (RODRIGUES E BARROS, 2009).

Fez residência médica em Neurologia e Psiquiatria; trabalhou por quatro anos em um hospital psiquiátrico; e em 1937, com 32 anos, abriu consultório particular. Em 1938, com a entrada das tropas de Hitler na Áustria, passou a Diretor do Serviço de Neurologia do Hospital de Rothschild, que atendia somente judeus. Foi lá aonde conheceu a sua primeira esposa, Tilly Grosser (SILVEIRA, 2012). Ela teve uma fundamental importância na sobrevivência de Frankl nos campos de concentração nazista, experiência que será relatada a seguir, e a qual Frankl denominou de *experimentum crucis*. Ao sair do campo de concentração, Frankl não reencontrou mais a sua esposa, pois ela morreu no campo de concentração nazista.

Frankl foi capturado em 1942, foi levado ao campo de concentração nazista, e lá permaneceu até 27 de abril de 1945. Ao sair, dedicou-se a procurar sua família e esposa, vindo a saber depois que seu pai, irmão e esposa foram mortos. Nos anos seguintes, ele se dedicou à construção da sua metapsicologia. Foi titular das cadeiras de neurologia e psiquiatria da Universidade de Viena e também professor de Logoterapia da Universidade Internacional da Califórnia. Ocupou diversas cadeiras nas Universidades de Harvard (convidado por Gordon W. Allport, em 1961), Stanford, Universidades de Dallas (Texas) e de Pittsburgh. Faleceu em 1997. Sua teoria tem sido incorporada em muitos estudos e vários centros de pesquisa por todo o mundo (RODRIGUES E BARROS, 2009).

3.1.1. *O Experimentum crucis*

A vivência nos campos de concentração nazista, no período da segunda guerra mundial, foi denominada por Frankl de *Experimentum crucis* (FRANKL, 1983, Citado por RODRIGUES E BARROS, 2009), pois se tratou de uma experiência empírica no mais amplo sentido do termo, e uma confirmação existencial dos ensinamentos dele. O registro de tal experimento se encontra no livro “Em Busca de Sentido” (FRANKL, 2008, 1840.), publicado pela primeira vez em 1945, logo após a saída de Frankl do campo de concentração nazista.

Nesse livro, Frankl relatou a sua própria experiência e também de outros prisioneiros com quem conviveu no campo de concentração nazista. Se antes ele teorizava sobre o Sentido da Vida, no campo de concentração ele teve a experiência visceral de

revelação deste sentido. Isso porque ele percebeu que, na condição em que os prisioneiros se encontravam – massacrados pelos soldados da SS, desnutridos e acometidos por inúmeras doenças -, sobreviviam aqueles que possuíam algum sentido de vida; ou seja um senso de dever, uma missão, um objetivo pelo qual valia a pena se esforçar para se manter vivo. O próprio Frankl entrou no campo de concentração disposto a se manter vivo, íntegro e são, na esperança de um dia poder alcançar dois grandes objetivos: reencontrar a sua esposa Tilly e continuar o seu trabalho acadêmico (RODRIGUES E BARROS, 2009).

3.2. O Sentido da vida

O Sentido da Vida, conceito-chave da teoria de Frankl, corresponde ao ponto mais elevado e central na vida do homem. A busca dele por esse sentido é a expressão máxima da sua dinâmica na Dimensão Noética – dinâmica essa que Frankl denominou de Noodinâmica. Tal busca, quando mal sucedida, marca a vida desse homem com experiências existenciais de vazio e frustração existencial; já o seu encontro, possibilita a sua transcendência para o ponto mais alto da sua dimensão espiritual, onde ele se tornará íntegro e responsável pelo direcionamento da sua Existência, ao invés de fazer dele, prisioneiro das vontades alheias (LIMA, 2012). A partir do encontro com o Sentido da Vida, o homem se torna íntegro, unificado em seu corpo, mente e espírito. É, portanto, a expressão de máxima humanidade que pode existir nele, segundo o próprio Frankl (1989^a, p. 56); pois, diferentemente de outros animais, apenas ao homem é dada uma dimensão existencial. Os conceitos de Liberdade, Responsabilidade e Valores estão diretamente relacionados ao Sentido da Vida, e serão definidos subsequentemente.

Há várias considerações a serem feitas a respeito do Sentido da Vida, na teoria de Viktor Frankl. A primeira delas é de que não é o homem quem cria, produz ou dá sentido à vida; mas a vida é quem impõe o sentido para o homem, e cabe única e exclusivamente a ele se tornar consciente deste sentido. Perguntar pelo sentido passa a ser, então, um ato redundante uma vez que ele já está posto, presente na vida do homem, bastando apenas que ele tome consciência deste sentido, se aproprie dele e passe a realizá-lo. Nas palavras de Frankl (2008, p. 133), *“é a vida quem interroga o homem a todo o instante a respeito*

do sentido”. Portanto, o Sentido da Vida não é algo inventado ou um pensamento abstrato, mas uma realidade concreta e objetiva, imposta pela vida.

Outra importante consideração sobre esse conceito é de que ele não representa o sentido que a vida do homem possui de uma maneira mais ampla e geral, mas se refere a momentos específicos e singulares vividos pelo homem. Isso diz sobre a característica de objetividade que as palavras Sentido e Vida possuem na definição de Viktor Frankl. Essas definições vêm diretamente do filósofo Max Scheler, a quem Frankl atribuiu a Logoterapia como sendo a “tentativa de aplicação das suas categorias filosóficas, na psicoterapia”. Na definição de Scheler, Vida diz respeito à existência concreta do homem no mundo, em uma determinada situação, e em um momento singular. Já Sentido, diz respeito à intencionalidade da consciência sobre a vida e o mundo. A partir do momento em que o homem pergunta pelo sentido, a sua consciência se volta para a realidade concreta na busca por compreensão da sua existência em meio a esta. Sua existência está ligada diretamente à possibilidade de transformação desta realidade (PEREIRA, 2008). Sendo assim, o sentido de vida está no nosso dia-a-dia, nas coisas que fazemos em cada momento; no planejamentos, organizações e ações práticas em nossas vidas.

O acesso ao Sentido da Vida se dá através da Consciência, que para Frankl é também denominada de “o órgão do Sentido”; e ele a definiu como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo, oculto em cada situação (FRANKL, 2017, p. 85). Mas a definição de Consciência em Logoterapia é diferente da definição em outras abordagens. Para Frankl, a Consciência é pré-reflexiva e opera no campo do inconsciente. Ela também opera no campo da reflexão, mas não é através desse campo que ela apontará para o sentido, pois desse modo, ela poderá se perder em sentidos e valores que não são próprios daquela existência singular. Do contrário, a consciência que aponta para o Sentido da Vida é intuitiva e está ligada a um inconsciente amplo, que Frankl chama de Inconsciente Espiritual (FRANKL 2017, pp. 29-36). Ou seja, quando estamos imersos nas práticas do nosso dia-a-dia, podemos agir com vontade, empenho, prazer, liberdade e responsabilidade, sem nos darmos conta disso, desde que a prática que ali está presente seja dotada de sentido.

3.3.Valores

Os valores possuem uma definição específica na obra de Viktor Frankl, e que pode ser compreendida em “A Presença Ignorada de Deus” (2017). Na descrição psicológica de Frankl, presente nesta obra, ele destacou a existência de propriedades como Inconsciente espiritual e Consciência Moral (pp 22-36). O segundo seria a manifestação do primeiro na vida concreta: A consciência moral está presente em todas as tomadas de decisões, na orientação que damos às nossas vidas concretas; é, portando, o conjunto de valores e princípios que carregamos na nossa esfera individual, e que os colocamos em nossas vidas práticas sem que nos demos conta. Sobre a Consciência Moral, Frank também referiu que ela ocorre de forma intuitiva, sem necessariamente exigir que o indivíduo tenha passado por experiências práticas anteriores que, no entendimento de outras correntes da psicologia, seria condição essencial para o aprendizado daqueles valores.

Enquanto os sentidos são realizações únicas e singulares, os valores tendem para a universalidade e obedecem a uma temporalidade maior. Eles são resultantes de múltiplas realizações de sentidos em uma determinada época; e devido ao seu amplo reconhecimento consciente por parte de um número grande de pessoas, são também concebidos como universais. Apesar de os valores apresentarem o caráter duradouro da tradição, eles são transitórios; tanto que a humanidade presenciou criações e extinções de valores em variados períodos da história. Além disso, a sua universalidade também é limitada, pois os valores são múltiplos e coexistem no interior das pessoas, e se manifestam até mesmo de maneira contraditória (PEREIRA, 2008).

A existência de valores contraditórios pode levar a conflitos internos, uma vez que o sentido último de uma determinada situação está relacionado a apenas um deles. A consciência é quem deve dar conta de perceber qual valor faz mais sentido. Mas o próprio Frankl alertou para a possibilidade dela ser iludida, fazendo a pessoa seguir o caminho de um valor sem sentido. Também há a possibilidade de a consciência apontar para o valor que faz mais sentido e, mesmo assim, a pessoa não dar ouvidos à consciência, pois a liberdade do ser humano pressupõe uma liberdade interior, perante a sua própria consciência. Por outro lado, seguir caminhos apontados pela consciência consiste em ato de responsabilidade; e o ser humano se torna capaz de o fazer quanto mais aguçada for a

sua consciência, a ponto de não permitir que ele siga caminhos de valores que não fazem sentido para ele apenas porque a sociedade o orienta para tal (FRANKL, 2017). Pode-se afirmar, a partir do exposto, que valor e sentido de vida coexistem e a presença de um pode contribuir com a aparição do outro. No caso das experiências de membros do NA, por exemplo, percebemos o sentido surgindo em seu aspecto pré-reflexivo, para só em seguida, dar margem ao surgimento e adoção de um valor.

3.4.Vontade de Sentido

Outro conceito bastante central na visão de homem de Viktor Frankl é o da Vontade de Sentido. Para ele, essa vontade representa a motivação primária na vida do indivíduo, e não uma racionalização secundária de impulsos instintivos, como defendem os psicanalistas do seu tempo. Não é através da saciedade de desejos instintivos que essa vontade será satisfeita, pois o único caminho para a sua satisfação está na realização do Sentido da Vida. Sendo assim, a Vontade de Sentido representa a busca dos homens por sentido nos momentos específicos das suas vidas. Assim afirma o seu autor:

Alguns autores sustentam que sentidos e valores são ‘nada mais do que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações’. Mas, pelo que toca em mim, eu não estaria disposto a viver em função dos meus ‘mecanismos de defesa’. Tampouco estaria pronto a morrer simplesmente por amor às minhas ‘formações reativas’. O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até morrer por seus ideais e valores (FRANKL, 2008, p. 125).

Quando o autor fala sobre viver ou morrer por seus ideais e valores, ele está se referindo ao Sentido de Vida, e faz isso destacando que isso é maior do que a própria vida. Tal afirmação atesta a característica transcendental que a busca pelo Sentido e a realização dele possuem na vida do homem. Essa transcendência, compreendida como o movimento humano para ir além de si próprio, faz parte da dimensão espiritual/noética, que Frankl tanto define na sua visão de homem.

3.5. Dimensão Espiritual/Noética

Uma das características mais singulares da visão de homem de Viktor Frankl e do seu projeto psicoterápico é a ênfase dada à Dimensão Noética, ou dimensão espiritual. Segundo ele, o seu projeto terapêutico é, por si só, uma “*psicoterapia em termos espirituais*” (PEREIRA, 2015, p. 390). Porém, cabe ressaltar que o conceito de espírito em Viktor Frankl não possui acepção de cunho religioso, místico ou metafísico, razão pela qual ele utiliza os termos Noológico ou Noético – palavra derivada do grego *nous*, que significa espírito - para a designação de espírito ou espiritualidade. No decorrer do desenvolvimento do seu sistema teórico, Frankl elaborou um modelo geométrico para a compreensão do homem a partir de três categorias: corpo, mente e espírito. Essas três categorias estão organizadas dentro desse modelo geométrico de arranjo dialético, o qual Frankl denominou de “Ontologia Dimensional” (PEREIRA, 2015). Sendo a Dimensão Noética parte dessa ontologia, a noção de espírito passa a ser tratada por Frankl como dimensão antropológica, e a sua manifestação é compreendida como um fenômeno tipicamente humano.

A concepção de homem espiritual de Viktor Frankl surgiu diretamente da antropologia filosófica de Max Scheler, cuja obra transcorre sobre a concepção de homem enquanto “ser” espiritual. Em *A Posição do Homem no Cosmos* (2003, pp. 34-53), Max Scheler diferenciou o homem do animal partindo do princípio de que o homem é um ser espiritual. Enquanto o animal vive *ekstáticamente* na relação com o meio ambiente, a partir dos seus centros de resistência, o homem, com a sua propriedade espiritual, consegue converter o meio ambiente em *mundo* e os centros de resistência em *objetos*. Tal conversão só é possível a partir de um espírito livre, capaz de se distanciar do meio ambiente e o observar de forma ampla, enquanto *mundo*, constituído de inúmeras nuances e variáveis. Espírito é, segundo Scheler, *Objetividade*, e se constitui a partir de modos de ser que os objetos apresentam. Por objetividade, entende-se que a ela está relacionada a percepção consciente, com suas inúmeras representações, sensações e emoções que os objetos trazem consigo; processo que só é possível a partir do distanciamento do meio ambiente, de modo a ampliar a percepção. Em outras palavras, o ser espiritual é aquele capaz de observar e compreender o mundo de forma lúcida e objetiva, na medida em que toma o distanciamento necessário dele. E do mesmo modo que compreende o mundo,

também compreende a si próprio, através da sua autoconsciência, que também se amplia com o distanciamento de si.

Outra importante compreensão a respeito do espírito em Viktor Frankl, é de que nele mora a condição ontológica do ser-homem. Entenda-se por homem, o ser total, unificado e atuante sobre a realidade. Ou seja, através da dimensão Noética, o ser humano se integra e age de acordo com a sua totalidade. Uma vez se tornado homem, um ser total, este se insere na realidade por meio da ação, podendo modificar ela. Sendo assim, o espírito é puro ato e se manifesta nos momentos mais singulares da vida em que o processo de mudança depende única e exclusivamente da ação deste homem (NETO, 2013). É na dimensão noética aonde o homem pergunta pelo sentido da vida, assim como também é própria desta dimensão, a ocorrência elementos que caracterizam as experiências existenciais humanas e que compõe a objetividade do espírito destacado por Max Scheler: Valores, Sentido, Moral e Ética.

Retomando o que foi destacado no fim do tópico anterior, na dimensão Noética, o homem também vive a experiência da transcendência, que na teoria de Frankl, se manifesta nas formas de Autotranscendência e Autodistanciamento. Lima (2012, p. 61) destacou que a condição humana, na concepção de Viktor Frankl, é de caminhar rumo à transcendência, ou à autotranscendência, o para além de si. Através da autotranscendência, o homem pode alcançar a sua plenitude, que é marcada pelo seu senso de *responsabilidade*. Ser responsável, para Frankl, é se apropriar do sentido que se apresenta diante da sua vida e, com isso, assumir os rumos, as decisões e consequências da sua própria história. A leitura de espiritualidade de Frankl se resume nesse aspecto autotranscendente, ou seja, noético. Nessa perspectiva, uma espiritualidade noética, se traduz na vontade humana de transcender, de ir além das suas dificuldades, porque a sua vida possui um propósito. A *responsabilidade* assume um papel decisivo nesse processo, e sobre ela, a Logoterapia assume a proposta de educar para a responsabilidade, fazendo com que o que o sujeito a assumira e não a transfira para o seu cuidador.

3.6. Uso de drogas e Vazio Existencial

A não realização da Vontade de Sentido leva, como já foi dito antes, à frustração existencial e ao conseqüente Vazio Existencial. Sobre esse último, Frankl disse uma vez, em uma conferência ministrada nos Estados Unidos, que os três grandes sintomas decorrentes da frustração existencial no nosso tempo são: Agressão, Depressão e Adicção (dependência de drogas). Ele denominou esse conjunto de três sintomas de “tríade trágica negativa” (FERREIRA; MARX, 2017). Tal reflexão abriu portas para a Logoterapia se tornar reconhecida no campo da prevenção, profilaxia e tratamento para esses três elementos da tríade.

Nesta mesma conferência, Frankl fez uma explanação a respeito do comportamento das pessoas na atualidade e destacou dois fenômenos que seriam, ao mesmo tempo, sintomas e causadores do Vazio Existencial: o conformismo e a massificação (FERREIRA; MARX, 2017). Esses fenômenos dizem respeito às pessoas agirem apenas de acordo com o que a sociedade espera dela; ou seja, em conformidade com as vontades dos outros. Agindo desse modo, os seres humanos acabam por se conectar apenas com necessidades do momento, ligadas à sensação de prazer e ludicidade, ofertadas por uma sociedade que busca o tempo inteiro fugir da dor e do sofrimento. Com isso, se afastam da sua necessidade mais primária, que é a busca por sentido; movimento este que requer tomada de decisões próprias, responsabilidade e, até mesmo, sacrifícios pessoais que possam envolver prazeres momentâneos.

Uma vez se afastando da busca primária por sentido, o homem vive a experiência de Vazio Existencial, decorrente da sensação de absurdo e de total falta de sentido na sua vida. Frankl descreveu a sensação de Vazio Existencial como manifestação em formato de tédio que, inicialmente pode parecer insignificante, mas que aponta para uma tendência ao crescimento e a assunção de proporções catastróficas:

Pensemos, por exemplo, na ‘neurose dominical’, aquela espécie de depressão que acomete pessoas que se dão conta da falta de conteúdo de suas vidas, quando passa do corre-corre da semana atarefada e o vazio dentro delas se torna manifesto. Não são poucos os casos de suicídio que podem ser atribuídos a esse vazio existencial. Fenômenos tão difundidos como depressão, agressão e **vício** não podem ser entendidos se não reconhecermos o vazio existencial

subjacente a eles. O mesmo é válido também para crises de aposentados e idosos (FRANKL, 2008, p. 132)

A partir desse vazio, ele se lançará na busca por sentido, e que pode ser sucedida por inúmeras Frustrações Existenciais. Este movimento constante de Busca por Sentido seguido Frustrações Existenciais e sensações de Vazio Existencial resultam no mecanismo que Frankl denominou de Neurose Nooegênica – neurose marcada pela falta de um sentido, diferentemente da neurose marcada pela falta de um objeto, definida pelos psicanalistas (FRANKL, 2008).

4. PERCURSO METODOLÓGICO: A ENTREVISTA NARRATIVA A PARTIR DE WALTER BENJAMIM E A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER

Aqui será apontado o caminho metodológico percorrido pelo pesquisador, para a realização deste trabalho. Cabe destacar, inicialmente, que se trata de um estudo compreensivo no campo de psicologia clínica e que é de natureza qualitativa, na perspectiva fenomenológica. A escolha por este tipo se justifica pela demanda da pesquisa, que aponta para a necessidade de aprofundamento nas experiências dos participantes. Tal como explica Holanda (2006), o aprofundamento no fenômeno psicológico humano ocorre a partir da compreensão deste, e, para que seja possível, é necessária a criação de um ambiente em que tal fenômeno possa emergir e se mostrar diante do pesquisador. Por isso, as pesquisas qualitativas do tipo Fenomenológico abrem mão de métodos que visam a análise, codificação e quantificação do fenômeno humano. Ao invés desses, privilegiam entrevistas abertas e narrativas, contendo apenas uma pergunta disparadora, e com abertura para a inserção de perguntas elaboradas no decorrer da entrevista, de acordo com o contexto em que o fenômeno se revela.

4.1. Entrevista Narrativa a partir de Walter Benjamin

Para a realização das entrevistas, foi utilizado um modelo de entrevista baseado na Narrativa a partir de Walter Benjamin. Trata-se de uma entrevista aberta, cuja narrativa transcorre em contrapelo, saltando para frente e para trás, no tempo, e sem demarcação de território. Sua elaboração foi motivada pela necessidade de, por parte de pesquisadores da área de saúde, de visualização de contextos amplos de cuidado. O caminho para a compreensão desses contextos deve ser capaz de abranger experiências de vida individuais e coletivas, bem como ser orientado pela perspectiva do narrador, e sem perder de vista a perspectiva do pesquisador (ONOKO-CAMPOS, et al, 2013).

A utilização de entrevistas narrativas tem sido bastante incentivada tanto em pesquisas de psicologia clínica que adotam uma perspectiva fenomenológica, quanto em pesquisas qualitativas de áreas de saúde mental e saúde coletiva. Isso, também, porque tem se observado, ao longo de pesquisas realizadas no século XX, insuficiências que

métodos originados das ciências naturais possuem quando o objetivo consiste na compreensão da experiência humana. Sendo desse modo, as entrevistas narrativas não são baseadas em conceitos fechados e ancorados em teóricos específicos, tal como se constituem os métodos das ciências naturais. Ao contrário, elas possuem fundamentação filosófica e podem ser realizadas a partir de diferentes perspectivas, como, por exemplo: a partir Paul Ricoeur, de Walter Benjamin e da Antropologia Médica (ONOKO-CAMPOS, et al, 2013).

A partir do filósofo e ensaísta alemão Walter Benjamin, a narrativa adquire um *status* de relato e registro da experiência humana. Segundo o autor, a experiência narrada oralmente consegue preservar os valores e percepções presentes na experiência vivida, contidos na história do sujeito e transmitidas naquele momento para o outro. Isso permite que esse outro compreenda a experiência tal como foi vivenciada pelo narrador, sem maniqueísmos ou manipulações presentes em outros modos de comunicação (como ocorre na imprensa informativa). Por outro lado, a escuta da narrativa se soma à interpretação do outro, fazendo com que a experiência adquira uma maior amplitude. Tal pensamento, como pode ser percebido, possui grande afinidade com a filosofia Fenomenológica e Existencial de Heidegger e Gadamer (DUTRA, 2002).

Partindo desta afinidade, o pensamento de Walter Benjamin encontra o seu lugar no meio das pesquisas fenomenológicas que acontecem, preferencialmente, de forma aberta e individual, e que conta apenas com uma pergunta disparadora. Este formato de entrevista cria condições para um transcurso mais livre e espontâneo por parte do narrador, bem como permite um maior envolvimento do entrevistador com o fenômeno emergente. Não se trata de um método superior a outros utilizados em campos de pesquisa em psicologia e outras ciências humanas, mas consiste num bom curso metodológico quando o objeto da pesquisa é a compreensão de experiências humanas (PRADO; CALDAS, 2015). No presente estudo foi estipulada uma duração média entre 30 e 60 minutos para a realização das entrevistas, e estas se iniciaram com a seguinte pergunta disparadora: “Comente sobre a sua experiência de se tornar membro dos Narcóticos Anônimos.”. A partir da resposta narrativa à pergunta disparadora, outras perguntas foram inseridas, de modo a contemplar, ao máximo, o objeto da pesquisa.

4.2. Diário de campo

O Diário de Campo, instrumento desenvolvido a partir da antropologia e igualmente utilizado em pesquisas de psicologia e de outras áreas de ciências humanas, objetiva o registro das diversas teias que envolvem cada momento da pesquisa levando em conta a perspectiva do pesquisador. Ele contém registros de experiências vivenciadas pelo psicólogo que, uma vez lidas e relidas, tornam-se fontes de produções de sentidos, proporcionam reflexões e apontam para reformulações práticas e teóricas sobre o meio onde se está inserido. Trata-se, portanto, de um instrumento de registro e de valorização da experiência vivida, naquele momento, pelo pesquisador, e que passa a assumir a função de narrador (PRADO; CALDAS, 2015).

No campo da psicologia, o diário de campo hoje é utilizado tanto na pesquisa quanto na prática profissional. Sobre a sua utilização na prática Freitas e Pereira (2018) destacam duas funções e importâncias que este instrumento possui: 1) Permite conhecer a prática psicológica a partir do que é vivenciado, de forma menos institucionalizada, e com isso, permitindo a revisão crítica de práticas e teorias, bem como a produção de novos saberes; e 2) permite a observação de si dentro do meio, de maneira objetiva e distanciada, de modo a conhecer e revisar tanto o conhecimento teórico e prático sobre este meio, quanto o modo como este o afeta. Essas mesmas importâncias também se aplicam às pesquisas qualitativas em psicologia clínica, uma vez que elas apontam para um caminho de desenvolvimento teórico e prático.

No bojo da utilização deste instrumento está a narrativa oral do pesquisador. Como foi destacado anteriormente, Walter Benjamin considera este tipo de narrativa como um caminho, uma via de acesso à experiência direta. Sobre experiência do narrador, vale destacar que consiste naquilo que está registrado na sua narrativa; ou seja, os momentos que ele destaca como sendo de maior relevância, dentro de um acontecimento mais amplo. Em outras palavras, a narrativa traz as impressões do narrador sobre a sua participação em um acontecimento, os destaques que ele dá a esse, e isto caracteriza a sua experiência: não os detalhes do acontecimento de forma integral e o objetiva, mas a sua percepção do acontecimento, bem como a maneira como está sendo narrada por ele (PRADO; CALDAS, 2015).

Na ocasião do presente estudo, são registradas as participações em reuniões da entidade Narcóticos Anônimos, de outros eventos realizados por essa entidade, e de diálogos informais com os seus membros.

4.3. Hermenêutica Filosófica de Gadamer

No que tange à análise dos resultados, esta será feita a partir da Hermenêutica Filosófica Ontológica de Gadamer, pela leitura e análise crítica dos diálogos e encontros estabelecidos com o outro que tal possibilidade de análise permite (HAMMES, 2012). Trata-se de possibilidade/caminho de análise/compreensão, e não de um método em si. Isso porque o filósofo Gadamer, assim como o seu mestre Heidegger, não enviesaram os seus pensamentos para a elaboração de métodos científicos de pesquisa. Pelo contrário, seus pressupostos fazem parte de críticas aos caminhos tomado pela filosofia moderna, bem como aos seus esforços de adequação para a utilização em métodos científicos.

A elaboração de uma Hermenêutica Filosófica por Gadamer foi precedida pela Virada Hermenêutica, proposta por Heidegger (ROHDEN, 2002). Tal virada teve início com as críticas de Heidegger à filosofia da linguagem proposta por Wittgenstein, que contava com uma hermenêutica epistemológica baseada em pressupostos da lógica e da matemática, e que posteriormente resultaria em métodos de pesquisas epistemológicas com a utilização desses pressupostos. O ponto central da crítica de Heidegger era de que a utilização desses pressupostos enquanto método conduziria o pesquisador apenas para a compreensão da construção do conhecimento a partir de uma estrutura fechada: o ente. Com isso, Heidegger elaborou a Hermenêutica da Facticidade, deslocando-a (a hermenêutica) do campo epistemológico para o ontológico, e passou a tratar da construção do conhecimento enquanto fundamento do ente, aquilo que o antecede. Isso permitiu com que ela passasse a ser trabalhada dentro do campo do *Dasein* (Ser aí) e elaborar um caminho para a compreensão do Ser (fundamento do ente) a partir do seu mundo circundante e da sua vida diária, articulada dentro do seu movimento linguístico.

Influenciado pela obra de Nietzsche, o caminho trilhado por este pensamento visa uma compreensão da realidade descolada das influências cartesianas modernas; e propõe, com isso, um retorno à metafísica Socrática e Pré-socrática. Após esse retorno, Heidegger

redimensionou seu pensamento no tempo, aonde o Tempo e a Finitude marcam a condição de *Dasein*, que é a de Ser para além de si próprio, onde não poderá encontrar respostas para a sua realidade apenas no exercício da sua autoconsciência. Ser, enquanto fundamento do ente, é entidade aberta e inacabada; por outro lado Ser aí (*Dasein*) é o modo de Ser que se apresenta em um determinado momento e contexto, e que em outro pensamento seria interpretando como ente. Tal caminho de compreensão elaborou o fio para Gadamer adentrar com a sua Hermenêutica Filosófica (ROHDEN, 2002, pp. 68-70).

Ainda seguindo o curso para a elaboração de uma hermenêutica ontológica a partir das críticas à filosofia da linguagem, Gadamer traz a noção de *Jogo*. Inspirado em Nietzsche e Wittgenstein, esta noção permite uma aproximação da realidade existente na linguagem, sentida pelos entes nela envolvidos, e descolando de compreensões subjetivistas e teóricas a respeito dela. Esta mesma compreensão também permite compreender a linguagem para além da sua ciência, identificada como um sistema de símbolos e regras da língua. Mais do que isso, a noção de jogo compreende a linguagem como um processo contínuo e dialético, onde uma pergunta leva a uma resposta que leva a uma nova pergunta. Esta dialética engloba a totalidade dos entes envolvidos no diálogo, e a palavra possui uma conexão direta com a multiplicidade e o sentido presentes nesta totalidade (ROHDEN, 2002).

A obra de Gadamer traz, também, a noção de Experiência Hermenêutica, e que é essencial na realização deste trabalho. A experiência, em Gadamer, não consiste num conceito, mas num princípio filosófico que diz que a autêntica teoria filosófica se dá a partir do tomar parte, no ato de conhecer (ROHDEN, 2002, p. 78). Ou seja, o conhecimento se constrói a partir das práxis da vida diária do sujeito, das abstrações dele a partir do modo de ser, e das suas mudanças de atitude ao longo do seu curso histórico. Essa dinâmica caracteriza a experiência na sua dimensão ontológica, e ela antecede a formação do ente. Em outras palavras, a Experiência Ontológica se apresenta como a fundamentação do ente. Já a experiência hermenêutica, se define por ser a construção do conhecimento a partir da experiência ontológica, presente no encontro com outros seres e com objetos de conhecimento, tendo a linguagem como caminho.

4.4. Hermenêutica Filosófica como caminho metodológico para um estudo compreensivo

Tratando da Hermenêutica Filosófica de Gadamer enquanto possibilidade metodológica para estudos compreensivos em psicologia, Leite e Barreto (2018) comentam sobre a utilização de instrumentos de pesquisa qualitativas orientados por pressupostos dessa teoria. Nesse sentido, entrevista e diário de campo representam possibilidades de diálogo, e que trazem consigo, dimensões de discurso e de compreensão, ambas imbricadas na noção de jogo de Gadamer, anteriormente destacada.

O discurso, seja ele escrito ou falado, traz sempre consigo o horizonte do ente que discursa. Este horizonte contém tanto a tradição deste ente – que corresponde à sua circunscrição histórica, e todos os elementos que antecedem e fundamentam o discurso – quanto o sentido que orienta esse discurso, e que se revela no ato original do diálogo – pois, se baseando em Heidegger, todo discurso é dialógico, pois é Ser-aí (*Dasein*, desvelamento do Ser), a partir de um Ser-com (condição de viver no mundo, com os outros, mesmo distante de outros). Em outras palavras, Heidegger compreende *Dasein* enquanto ser-no-mundo-com-os-outros – projeto, cujo ser está sempre em “jogo” (LEITE; BARRETO, 2018).

Quanto à compreensão, exercício central deste estudo, Gadamer diz ser condição ontológica do ser-do-homem. Tal condição diz respeito à busca do homem pela verdade; porém, esta verdade buscada na compreensão não é preestabelecida, a partir de informações e conceitos anteriormente postos. Trata-se de uma verdade originária, aquela que se revela a partir do fenômeno. Neste sentido, verdade aproxima-se da compreensão originária de *alethéia*, enquanto aquilo que se “re-vela”. Ela só pode ser pensada “em profunda intimidade com o ser, concebido como *physis*” – vigor do real que possibilita que tudo brote, conserve e desapareça (LEITE; BARRETO, 2018). É o ser que se revela em um determinado momento, mas que não se cristaliza naquele estado apresentado no fenômeno, sendo então, dinâmico e impermanente.

Gadamer também destaca que compreensão é, sempre antes, um compreender-se. Isso porque toda compreensão de um discurso implica um ato de projeção. Na projeção, abre-se espaço para a emersão do horizonte do ser que compreende. No entanto, para que

a compreensão se torne originária, faz-se necessária uma abertura para o horizonte do outro, o que não implica em uma negação dos conhecimentos prévios compostos no horizonte pessoal, mas acima de tudo, um reconhecimento deste (LEITE; BARRETO, 2018). Comentando sobre Gadamer, Prado e Caldas (2015) dizem que o que verdadeiramente importa, orientando-se pela Hermenêutica Filosófica, é dar-mo-nos conta de nossos pré conceitos a fim de que o próprio texto possa apresentar-se em sua alteridade, podendo assim confrontar sua verdade com as opiniões prévias pessoais. Trata-se de um reconhecimento de si, do outro e, acima de tudo, do momento ontológico originário que marca o encontro entre os dois seres.

Por trás deste ato de compreensão, que inclui o compreender a si e ao outro – abrir-se para o horizonte do outro sem perder a sua tradição – encontra-se a fusão de horizontes. Como destacam Leite e Barreto (2018), os horizontes representam caminhos rumo ao desconhecido, e que, tendo como referências a tradição, vai se moldando no ato de caminhar. No percurso do caminho, há o encontro entre dois seres e a fusão, a partir da qual, os horizontes vão ganhando novos contornos a partir da compreensão originária. No entanto, elas destacam que, para que ocorra a originalidade, é necessário que os envolvidos estejam abertos e disposto um para o outro, transformando o encontro numa conversação. Numa conversação entre dois interlocutores dispostos ocorre um ato de desvelamento dos horizontes dos interlocutores, para só depois se fundirem e, com isso, abrirem outros horizontes de possibilidades. Citando Gadamer, Holanda (2006, p. 367) chama este movimento de círculo hermenêutico (presente no diálogo entre dois seres) e o caracteriza como um “*momento estrutural ontológico da compreensão*”, onde está presente a antecipação do sentido. Esse autor também destaca que a sua dinâmica é “*a procura pela intenção original do autor, pela originalidade do sujeito*”. Mas, para tanto, enfatiza a circunscrição histórica do sujeito – ou a sua tradição - incluindo os contextos familiar, social, histórico e econômico. Seria o círculo hermenêutico, então, o jogo dialógico envolvendo os interlocutores, seus horizontes, tradições e pré-conceitos.

Na confecção final dos resultados, serão consideradas, também, as anotações em Diário de Campo e a reflexão teórica à luz da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, bem como da Dádiva, de Marcel Mauss. Os pressupostos dessas duas teorias farão parte do horizonte do pesquisador, e serão eles os pré-conceitos a partir dos quais irá dialogar com material textual oriundo do diário de campo e das entrevistas. Sendo o círculo hermenêutico um jogo no qual ocorre a fusão de horizontes, esses pré conceitos

estarão passíveis de serem revistos de acordo com o fenômeno emergido do contato com os participantes e com as reuniões. Por outro lado, os pré-conceitos serão um norte para a compreensão das experiências captadas na pesquisa, e não objetos finais, para a confirmação das suas existências nestas experiências. Isso porque, apesar da presença deles no horizonte, o pesquisador entra na pesquisa com um senso de abertura para o novo e o desconhecido, favorecendo a originalidade do encontro.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DIÁRIO DE CAMPO

Aqui serão apresentados: as anotações de diário de campo, os participantes do estudo, bem como as entrevistas realizadas com eles. As anotações de diário de campo conterão os registros e observações de momentos informais e importantes vividos no decorrer da pesquisa. Eles ajudarão na discussão final.

Quanto às apresentações das entrevistas, elas conterão a apresentação do participante, o conteúdo da entrevista juntamente com as análises, e também, com anotações de diário de campo. À medida que eles vão falando, o pesquisador irá registrando as suas impressões, percepções e reflexões, à luz do seu processo de compreensão. Esses registros ficarão destacados em negrito e estarão localizados no curso da entrevista. Anotações de diário de campo entrarão como parte da apresentação dos participantes, bem como registro de momentos significativos no contato com a entidade NA.

5.1. Diário de campo

5.1.1. Participação em reuniões

Meu contato com a entidade começou quando acessei o site oficial da irmandade no Brasil: <https://www.na.org.br/>. Lá foi possível localizar o grupo de reunião mais próximo da minha casa, com o qual passei a ter mais contato no decorrer da pesquisa. Na primeira reunião que participei, fui recebido por um membro antigo e experiente, porém muito jovem. Apresentei-me a ele enquanto estudante de mestrado e realizador de uma pesquisa em psicologia clínica sobre as experiências de membros da irmandade. Fui bem recebido e convidado a observar a reunião. Era uma quinta-feira e, por sorte, eu pude participar, uma vez que as reuniões que eram realizadas naquele dia eram abertas; ou seja, direcionadas para pessoas interessadas na entidade, para familiares, e outros. Nas terças-feiras, realizam-se as reuniões fechadas, restritas apenas a membros.

Quando se iniciou a reunião, pude distinguir quem era membro e quem era convidado. Percebi que o grupo era todo conduzido por membros e que obedecia um formato pré-estabelecido, composto de uma série de rituais simbólicos. Todas as reuniões se iniciam e terminam com a Oração da Serenidade (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2015b). Após a oração inicial, são dados avisos da entidade. Após os avisos, um membro voluntário lê uma frase/pensamento incluso no livro de meditações da irmandade.

Após isso, dava-se início ao momento mais importante de reunião: o da partilha. Nesse momento, os membros escrevem os seus nomes nos quadros correspondendo a uma sequência numérica indicando a ordem dos partilhantes. Ao chegar a vez, o membro tem quatro minutos para realizar a sua partilha, podendo prorrogar por mais dois minutos. Durante a partilha, todos os outros membros permanecem em silêncio, limitando-se a emitirem apenas algumas frases e o partilhante narra a sua experiência como adicto antes e depois da inserção na entidade. As partilhas são bastante ricas em detalhes e vocabulário, sinalizando um exercício de linguagem que acontece no grupo. Os esforços da partilha são motivados pela Dádiva, pois os membros acreditam serem elas elementos fundamentais para ajudar outras pessoas do grupo.

Enquanto um membro partilha, outro membro marca o tempo da fala em cronômetro; quando o tempo de partilha chega ao fim, o outro membro levanta uma placa para o membro que está partilhando, e que diz: “seu tempo acabou”, encerrando a partilha e passando a vez para a próxima pessoa. As partilhas sempre se iniciam com uma apresentação pessoal do membro, onde ele diz o nome dele, diz que é um adicto, e diz há quanto tempo está limpo, reforçando que, apesar do tempo limpo, o dia mais importante é o dia de hoje. A frase “só por hoje”, é constantemente expressa pelos membros adictos, reforçando o pensamento da irmandade sobre recuperação.

Após cada partilha, um membro voluntário que está segurando um livro que contém princípios da irmandade pede para que o partilhante escolha um princípio para ser lido. Neste momento, o adicto partilhante deverá escolher um número entre 1 e 258 - número total de princípios - e o voluntário que segura o livro irá ler princípio correspondente àquele número. Se o partilhante não quiser escolher um número, ele diz “poder superior”, e o voluntário do livro escolhe aleatoriamente. Após isso, a partilha se encerra, passando a vez para o próximo partilhante. Ao final das partilhas todos se abraçam formando uma roda e proferem, novamente, a Oração da Serenidade. O princípio

da liberdade e do voluntariado é mantido durante todas as reuniões, podendo as pessoas saírem e entrarem da sala quando bem quiserem. Seguindo o ciclo da Dádiva, outros membros levam café e biscoitos e se dispõem a servir a todos os que estão na sala, enquanto a reunião acontece.

Das partilhas que escutei, algumas foram bastante marcantes. Posso aqui destacar uma realizada por um membro veterano da irmandade, e que também presta serviço no comitê de IP (Informações ao público). Em sua fala ele disse que chegou a um ponto de toda a sua família virar as costas para ele, pois não acreditavam mais no que dizia e nem apostavam na sua recuperação. Com isso, ele pontuou que a sensação de dor é necessária para que um adicto possa despertar a sua consciência sobre possuir a doença da adicção. Ele expressou isso com bastante exaltação e a sua partilha chamou a atenção de todos os outros membros. Vale salientar que ele, assim como outros membros, exercem a função de padrinhos, na irmandade. Nessa função, ele passa a ficar próximo do membro recém-chegado, disponibilizando inclusive o seu número de telefone para que este possa ligar a qualquer hora do dia, quando sentir desejo de recair.

Outra coisa que me chamou bastante atenção nas reuniões de NA foi o ganho de chaveiros coloridos e simbólicos, como prêmio pelo tempo que conseguem ficar limpos. Em uma das reuniões, dois membros receberam chaveiros por completarem cinco anos limpos. Na cerimônia de entrega dos chaveiros, o membro voluntário que está conduzindo a reunião pede para que eles se levantem, se apresentem para o grupo e falem por quanto tempo estão limpos. Após isso, esses membros escolhem um padrinho para lhes dar o chaveiro. O padrinho então se levanta, profere palavras positivas sobre aquele membro, entrega o chaveiro, abraça ele e todos os outros batem palmas.

5.1.2. Encontros com o orientador

Em uma conversa com o meu orientador, após a apresentação do meu projeto de pesquisa, o mesmo comentou que outros professores da pós-graduação estavam preocupados comigo por acharem que eu não iria conseguir autorização para realizarmos esta pesquisa. Isto porque o Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco pede, dentre outras documentações que são enviadas junto ao projeto da pesquisa, uma

carta de anuência assinada pela pessoa responsável da organização que está sendo pesquisada, como forma de autorização para a pesquisa. O problema era que a entidade Narcóticos Anônimos não possui um representante específico e não assinam documentos, pois tem o anonimato e a não representatividade pessoal como princípios.

Mesmo com esse problema, fui orientando pelo meu professor/orientador a procurar alguém responsável pela organização da entidade na região e solicitar que ele assinasse e carimbasse a carta. Primeiramente, fui até o membro voluntário que tem organizado as reuniões do grupo ao qual compareci. Este membro me passou o telefone de um outro membro, que faz parte do comitê de Informações ao público. O mesmo me disse que a entidade poderia carimbar e rubricar o documento, mas que não poderia assinar e colocar identificações pessoais, pelos motivos anteriormente citados. Retornando aos diálogos com o orientador após isso, pensamos que a alternativa para este entrave seria a elaboração de uma carta explicativa sobre esta especificidade que envolve a entidade, de modo a sensibilizar o Comitê de Ética da UNICAP. Ao final, elaboramos a carta, entregamos ao Comitê de Ética juntamente com a carta de anuência carimbada e rubricada pela representante regional da entidade, e o projeto de pesquisa foi aprovado.

5.1.3. Busca pelos participantes

Tive dificuldades para iniciar a pesquisa, pois a entidade NA possui uma regra – baseada no princípio da não-representatividade pessoal – de que nenhum membro deveria prestar informações a respeito da entidade, ou falar em nome dela, em situações de entrevistas. Inicialmente, comecei convidando três participantes da reunião do grupo ao qual compareci. Todos demonstraram interesse em participar da entrevista, mas destacaram que eu deveria procurar um determinado membro que atualmente é um dos responsáveis pela divulgação da entidade na região e apresentar o meu projeto para ele, de modo a lhe permitir entender que não se trata de uma pesquisa sobre a entidade, mas sim, sobre as experiências dos seus membros.

Nessas tentativas de fazer contato com os membros de NA, percebi que os mais experientes (os padrinhos) são bastante acolhedores e solícitos para com os visitantes. Porém, agem com bastante receio de tomar uma atitude que venha prejudicar a irmandade,

ou desobedecer as suas regras. Quanto aos membros mais recém-chegados, se percebe uma maior desconfiança para com quem não é membro. Isso pode ser reflexo de um passado recente de adicção pelo qual muitos carregam histórias de violência, desprezo, julgamentos negativos e abandonos. Sem falar que eles ainda estão se iniciando na Dádiva e, portanto, começando a viver, ou reviver, sentimentos de empatia e identificação com o outro.

Parti então para o município de Gravatá, aonde eu iria encontrar esse membro (X) que, dentre outras atribuições, também era um dos responsáveis pela organização do grupo de NA deste município. Cheguei na reunião e o encontrei. Em um determinado momento, saímos da sala, fomos para a rua, e lá, eu apresentei a proposta do meu projeto oralmente. Entusiasmado com a proposta, ele autorizou, também oralmente, a realização das entrevistas e me convidou para participar de uma reunião de HI (Hospitais e instituição), comitê formado por membros empenhados em divulgar a entidade em lugares aonde as pessoas não a conhecem. Vale destacar que, enquanto conversava com X, havia outro escutando a conversa e que se interessou em participar da pesquisa, sendo ele, o primeiro participante.

Fui então para a reunião de HI, indicada por X, na qual ele disse que eu iria encontrar membros dedicados a divulgar a entidade de forma voluntária, e, portanto, dedicados à Dádiva. X me apresentou para os demais membros restantes e pediu para que eu explicasse o meu projeto. Durante a explicação, fui interrompido duas vezes por X, que se preocupava em explicar o meu projeto com outras palavras. É como se demonstrasse impaciência para com uma explicação detalhada. A impaciência, o nervosismo e o tom de voz alto são características muito presentes nos membros de NA; e nesta reunião, essas características ficaram mais visíveis, pois não havia ordem de fala e os membros podiam vir a discutir sobre um determinado assunto.

Num segundo momento dessa reunião, eles começaram a pauta de reunião do comitê HI. O formato dessas reuniões segue um formato parecido com uma reunião de NA comum, com inscrições para falar e tempos de fala; porém, com uma diferença de não fazerem a oração da serenidade, de tratarem de assuntos operacionais, e de encerrar a reunião com uma demonstração teatral de como deve ser a divulgação em uma instituição. Nesta reunião, eu conheci os participantes Jordão e Kátia, que contribuíram com o presente estudo e cujas colocações nesta reunião foram bastante significativas. O

conteúdo de suas falas estão especificadas nas anotações de diário de campo referentes a cada um dos participantes especificamente, e que serão apresentados logo após a apresentação das entrevistas com as suas análises.

5.2. Entrevistas

5.2.1. Participante 1: Bernardo, 33 anos, residente do município de Gravatá-PE

Bernardo é natural de São Luís do Maranhão. Solteiro, tem um filho de nove anos que mora na sua cidade natal. Atualmente mora sozinho em Gravatá, trabalha como “terapeuta” (palavras dele) em uma clínica psiquiátrica particular no seu município atual e frequenta a entidade NA desde janeiro de 2016.

5.2.1.1. Entrevista 1

Pesquisador: Comente sobre a sua experiência de se tornar membro dos Narcóticos Anônimos?

B: Então, boa tarde a todos. E assim, a minha história é bem complexa porque eu faço parte de uma família de adictos, né? E eu tenho dois irmãos que são adictos; e eu lembro que, na minha infância, eu já frequentava um grupos de Narcóticos Anônimos, né? Com os meus irmãos, quando eu era criança, quando eu ainda nem pensava em utilizar alguma substância. E já ouvia falar daquilo lá pela minha casa, e já via algumas “fichas de ingresso”, as “fichas de tempo limpo”, né? E o tempo foi passando, né? E eu acabei (pausa)... por.... pelo fato de ter uma pré-disposição para me tornar um adicto, juntando com... acredito eu... com o fator ambiente, porque alguns do meus irmãos retornaram ao uso, né? E aí, teve essa junção e eu acabei, também, me envolvendo com drogas, em algum momento da minha vida. **Aqui, Bernardo coloca que havia uma pré-disposição para ser adicto. Como se estivesse destinado a isto.**

A razão - eu penso que sempre há esse questionamento sobre a razão de se envolver com drogas – e as razões hoje são muito simples, né? Eu não aceitava muito bem quem eu era, e a substância me transformou em alguém que talvez eu quisesse ser. **Aqui, a ideia anterior de destinação é substituída pelo desejo de ser alguém diferente de quem ele**

era, e de não aceitação da pessoa que ele é, de fato. E foi um encontro assim, né? Eu não gosto de vangloriar nenhum tipo de substância, mas *a priori* me fez bem, eu me senti bem usando drogas no início. E aí, eu passei muito pouco tempo em “lua de mel” – a gente tem essa expressão “lua de mel” com a droga, que é o momento bom – que eu tive e que foi muito curto. E eu acredito que, esse momento, por ter sido muito curto, a minha lua de mel com a droga me deixou muito chateado. Foi algo que me fez querer usar droga com êxito, né?

Eu não me considero uma pessoa do mal. Sou uma pessoa que... enfim; como qualquer outro ser humano, né? Tenho defeitos e qualidades. Porém, à medida em que o uso ia aumentando, aumentando, à medida em que ia acontecendo a progressão da doença, eu ia me tornando alguém que eu não queria ser, né? Tendo que enganar demais, mentir demais, manipular demais... muita coisa demais. **Aqui, ele encontra a contradição maior da sua vida com drogas, onde ele se torna alguém que ele não gostaria de ser, de quem ele não gostava.** E isso aí... éee... eu também... por ser, me considerar, modéstia à parte, me considerar alguém inteligente, eu também não acreditava nessa ideia de que eu iria encontrar uma forma de usar droga com êxito, né? Satisfatoriamente. **Usar droga com êxito e ser funcional parecem apontar para um reconhecimento do prazer proporcionado pelo uso da droga, apesar da frustração vivenciada em se tornar alguém que ele não queria.** E aí, se tu me perguntares: “O que seria usar droga com êxito?” seria ser alguém funcional, eu conseguir trabalhar, estudar, ser filho, ser pai, voltar pra casa, cumprir com as minhas responsabilidades e, no final de semana, usar uma substância. O fato é que, na verdade, eu não consegui fazer isso, né? E esse foi um dos motivos que me fez ficar mais frustrado; e isso me deixou muito intrigado, porque eu sempre tive pessoas próximas a mim que faziam usufruto de algumas substâncias e que conseguiam ser funcionais, né? Então, em algum momento, isso ficava como questionamento: “Por que é que esse cara consegue e eu não?”. Então, eu encarava isso como um desafio: “Bom, se eu me mudar, se eu for pra outro estado, se eu mudar minha forma de me relacionar, se eu arranjar um outro emprego, se eu trocar de esposa, talvez eu consiga usar a droga satisfatoriamente, né?”. E, na verdade, todas essas racionalizações falharam. Eu não consegui, e isso foi... isso começou a ficar claro pra mim, porque eu tinha um discurso pronto muito sedutor pra defender o meu uso de droga. Só que, na medida em que o tempo ia se passando, começou a ficar difícil dizer até pra mim mesmo que ainda era legal usar. **Aqui, há a virada na percepção do entrevistado, quando ele passa a sentir que o seu uso de drogas já não é mais prazeroso.** Já tava muito claro, assim, a minha vida tava parada e as minhas relações... elas não eram saudáveis, né? Inclusive com a minha família, numa relação muito conturbada... e isso atrapalhava bastante a minha vida. Então, em algum momento, nesta caminhada, ficou claro pra mim que eu precisava fazer alguma coisa. **Os prejuízos nos relacionamentos interpessoais, de uma maneira geral, se apresentaram, e o entrevistador vivencia uma perda de rumo na sua vida, associada a este prejuízo.**

O fato é que uma das coisas que mais atrapalhou o meu processo de entrar em recuperação foi o fato de não ter informação sobre o que acontecia comigo. Porque, assim, eu tava

utilizando substâncias e as informações que eu tinha eram as que o senso comum me dava. E o que era que o senso comum dizia pra mim? Que “era falta de Deus”, o meu problema, que “eu era pilantra”, que “eu era safado”, e que “talvez eu fosse morrer daquele jeito, né?” Que “eu não ia conseguir”, que “eu era fraco”. E, por um tempo, eu até acreditei nisso também. **O rebatimento do julgamento moral da sociedade sobre si próprio interfere na assunção da responsabilidade, por parte do entrevistado.** Porque era o que reverberava pra mim, né? Era o reflexo do que eu fazia e era o que voltava pra mim. Só que essas informações vinham de pessoas mal informadas. E aí, eu resolvi, pela influência dos meus familiares também, dos meus irmãos, eu sabia que tinha que procurar algum local antes de chegarem aos grupos anônimos; eu procurei alguns locais antes dos Narcóticos Anônimos: fui a algumas casas de orações, eu cheguei a alguns lugares de meditação, tentando buscar alguma resolução pro meu problema. **A busca por um tratamento efetivo para a adicção parece refletir no desespero da busca do homem por um sentido na vida.**

O fato é que eu nunca consegui. **A frustração da busca por um tratamento efetivo da sua adicção, tal como uma sensação de frustração existencial, apontava para um caminho de retorno, com vias de potencialização, à sua adicção.** E (pausa)... um dia... lembro como se fosse agora, né?... eu encontrei um conhecido meu na rua, e eu tinha passado três dias usando, e eu tinha saído com o cartão da minha mãe, né? Ela recebia uma pensão no cartão e eu tinha gastado toda essa grana. Então eu tava num momento bem vulnerável, né? Num momento muito pertinente, muito perspicaz para alguém que fosse levar algum tipo de mensagem pra mim relacionado a parar de usar, né? Então, essa pessoa me convidou para ir ao grupo e eu lembro bem que a minha primeira resposta foi dizer “Não, não vou”. E aí, eu dei uma justificativa plausível: “não, tô sujo”; aí, depois eu dei mais uma: “não, tô com fome”. E aí, o cara... toda vez que eu dava uma justificativa pra ele, ele me dava uma solução. Eu trazia o problema e ele me dava uma solução: “Bora lá em casa tomar um banho”, “Vou te pagar um lanche”. **O acúmulo de frustrações vividas pelo entrevistado o levou a desacreditar na possibilidade encontrar um tratamento efetivo para a sua adicção. A utilização contínua e sem sentido de drogas, assim como a estagnação da sua vida e a descrença na efetividade de algum tratamento, parecem potencializar a sensação de vazio existencial.** Então teve um momento em que aquilo ficou sem saída pra mim. E aí eu acabei aceitando e fui até um grupo, né? E eu cheguei lá e com certeza esse momento não sai da minha memória, né? Disseram que “eu era a pessoa mais importante ali presente”. Isso me deixou confuso, porque eu venho de um lugar, de um núcleo social aonde eu só sou importante quando eu tenho algo pra dar em troca, né? **O estranhamento causado pelos comportamentos ali presentes, no início, parece vir acompanhado de sentimentos de medo e desconfiança.** E aí, eu cheguei ali sem grana (risos), falido em todas as áreas. Assim, o que fica aparente para a sociedade e para a família é muito essa questão financeira: “ah, ele tá sem grana, não tá trabalhando, tá vendendo as coisas dele”; mas, pra mim, que tava vivenciando aquilo, era muito mais profundo que isso. Não era só uma questão de não ter grana e não ter emprego. Os meus momentos mais íntimos, sozinho, quando eu tava utilizando uma substância, aquilo sim, era inferno astral pra mim. E foi a pior parte,

porque eu não parei de usar droga porque não tinha mais grana; eu parei de usar porque não suportava mais viver daquela maneira. Era isso o que me incomodava: a maneira como eu tava vivendo, como ser humano, como eu tratava as pessoas, como eu me tratava, né? Isso me incomodava bastante. **Aqui, percebe-se uma tomada de consciência da falta de sentido que o uso de drogas estava representando para o entrevistado.**

Eu lembro de um detalhe muito que... a minha mãe, que foi a pessoa que ficou comigo até o final (choro)... porque as pessoas, elas vão se afastando, né? Os amigos vão ficando pelo caminho, e aí tu vai ficando sozinho; essa doença, ela é do isolamento, eu realmente me isolei. Eu lembro de um detalhe de quando eu tava casado, e a gente não morava na mesma casa; então, a minha esposa, tipo, se deslocava 50km da casa dela pra minha, e ela chegava lá, às vezes, falando, né (?): “bora sair”, “bora dar uma volta”, “bora, pelo menos, a uma festa, um bar”; e, na verdade, eu não conseguia né, cara. Meu mundo, ele se estreitou. Eu não conseguia sair do meu bairro, mano. **O prejuízo nos relacionamentos interpessoais é novamente trazido. E dessa vez, vem acompanhado de uma sensação de estranheza e inadequação com relação à sociedade, de modo que o indivíduo opta por se isolar. As habilidades sociais parecem se perder, e somado a uma autoimagem de estranheza e esquisitice, perde-se também o sentido e a motivação para a busca por estar com outras pessoas.** E eu lembro que a mamãe colocou a cama na sala porque ela queria ver o meu fluxo de entrada e saída. Ela queria saber o que eu tava fazendo, o que eu tava levando e quem eu tava colocando dentro de casa. Isso é muito marcante pra mim, porque... (Pausa com choro)... eu vi a minha mãe lagrimando, deitada ali na cama... mas eu não conseguia deixar de ir. Não era uma questão de escolha; eu tinha que ir usar. E hoje, uma das coisas mais importantes que essa irmandade me devolveu foi a capacidade de me emocionar. Eu não conseguia mais me emocionar, eu não tinha mais emoção. Eu tinha só duas coisas: ou euforia depois de usar ou depressão depois que acabava. E, agora mesmo, eu tô emocionado, né? É natural que isso aconteça nesse momento. Eu fiz uma reflexão profunda aqui e voltei lá no início, antes de eu entrar em recuperação, que foram esses estágios finais da minha adicção ativa. **Este trecho é bem significativo, por vários motivos. Primeiro porque traz uma realidade da adicção: a utilização de substâncias psicoativas para anestesiarem o sujeito em relação aos seus sentimentos, sombras, ou mesmo, à sua realidade concreta. Segundo, porque mostra que o caminho para a cura desta doença não é apenas pela via da racionalização. É importante, então, que seja feito um esforço para se falar dos sentimentos e deixar as emoções saírem.**

E aí eu comecei na irmandade: me disseram que eu era o cara mais importante, disseram que eu precisava criar o hábito de frequentar aquelas reuniões, fazer 90 reuniões. *A priori*, eu não sabia muito bem aonde tudo isso ia me levar. Hoje, com um pouco de sanidade, depois de algum tempo limpo, eu consigo perceber que eu tava profundamente doente ali, né? E a minha mente, ela me apresentava uma porção de motivos para eu não ficar ali; diante de toda aquela derrota espiritual, emocional e física que eu tava tendo. E de que maneira eu pensava? Eu olhava e: “mas peraí! Esse lugar aqui, essas pessoas... o que é que isso vai me fazer parar de usar?” **Ainda tomado pelo vazio existencial, o adicto não**

enxergava o sentido de estar ali, inicialmente. A banalidade da situação se assemelhava a de qualquer outra da sua vida. Sua consciência ainda estava obscurecida e os mecanismos de auto sabotagem correspondiam à sensação de estar vivendo uma existência sem importância. Porque, na verdade, o que eu queria era uma solução mágica. Eu queria apertar um botão aonde eu pudesse esquecer que algum dia eu tinha tido problema com droga. **Sentimentos de culpa também parecem acompanhar a sensação de vazio existencial.** E aí, eu fui entender, na medida que eu fui voltando, que eu precisava aceitar essas sugestões. **O despertar da consciência para o sentido começa a partir da quebra da resistência por via da aceitação do estado das coisas na vida atual. A partir disso, na vida de um adicto, é que se torna possível a visualização de um futuro diferenciado.** O programa Narcóticos Anônimos é um programa tão simples e tão mágico que eu não precisava entender, eu não precisava ter um QI nível de intelectual alto, né? E, hoje, eu consigo entender que nenhum tipo de pós-graduação ou analfabetismo me impedem que eu me recupere. Na verdade, eu só precisava seguir; eu só precisava seguir as sugestões que tinham me dado, né? E isso foi difícil inicialmente. Essa transição de estar com droga pra ficar sem droga não é simples. Existe todo um processo, né? De retirada da droga – a própria retirada da droga distorce o pensamento racional, as ideias ficam muito confusas. E eu não sabia dar nome aos meus sentimentos né? Porque eles estão o tempo todo amortecidos. **A sensação de vazio parece se potencializar com a retirada da droga. Isso põe o adicto num estado de vulnerabilidade para uma recaída.** E aí, muitas coisas aconteceram quando eu fui ficando limpo. Mas uma das coisas mais importantes pra mim foi isso de continuar voltando, né? Eu percebi que as reuniões eram justamente nos horários de pico, aonde eu tava no uso, ali - entre seis e meia e sete e mais, que era uma horário de pico de euforia minha, de conseguir uma substância ou conseguir uma grana. E aí, nesses horários, eu tava me arrumando pra ir pra um grupo, né ?, pra ir pra uma reunião. Então, isso fez toda uma diferença, né? Toda uma mudança de hábito. **Sentido de vida inclui mudanças de hábitos. São os modos de viver, de pensar, de caminhar e de se organizar. A partir da incorporação de novos hábitos, a consciência se torna fértil para o surgimento de novos sentidos e valores.** Me disseram também que eu precisava me afastar de hábitos, pessoas e lugares da ativa. Isso me assustou no início porque os meus amigos eram as pessoas que estavam mais próximas de mim, e que usavam drogas, né? Então eu pensei: “eu vou ficar só”. Na verdade, eu já tava só. E aí, essas pessoas me receberam, eu encontrei pessoas que tinham o mesmo objetivo que eu, que era parar de usar, perder o desejo e encontrar alguma outra maneira de viver.

Eu só fiquei meio confuso no início porque eu demorava pra entender que, na verdade, tava havendo uma transição dentro de mim. Os meus valores, eles tinham sido perdidos. **O participante sente que está havendo mudanças de valores dentro de si. Aqui, ele expressa valores de sociabilidade.** Esqueci como se brincava, esqueci como se amava, esqueci como se respeitava. E eu passei a me tornar quase que no nível animal mesmo, né? Reatar esses valores perdidos, toda essa volta... pra ilustrar bem o que eu quero dizer: toda as vezes que eu utilizava alguma substância, sei lá qual fosse ela, a sensação que eu tinha era que eu me afastava um pouco do que talvez eu era. **Aqui, ele expressa o uso de**

drogas como uma alternativa de fuga da realidade, que é saber quem ele realmente era e a não aceitação de si. E todo dia que eu ia ficando limpo, a sensação que eu tenho é de que eu vou me aproximando do que talvez eu seja. Então, é um voltar pra dentro, uma intimidade do Bernardo com ele mesmo. Essa é que é a grande sacada: um momento de autoconhecimento. Porque, a ideia inicial... eu cheguei desesperado para parar de usar droga, né (?), e me deram uma solução. Eu cheguei com um problema e eles me apresentaram uma solução. O que eu não sabia era que essa solução serviria para todas as áreas da minha vida, né? Inclusive, pra área emocional, sexo-afetivo, relacionamento no trabalho, né? Uma das maiores dificuldades humana – eu não vou nem me limitar a falar só da parte adictiva – mas uma das maiores dificuldades humana é se relacionar, né? E, pra mim, como adicto que potencializo as coisas, sempre foi um grande desafio, né? Se relacionar em casa, se relacionar no trabalho. Porque, quando a gente fala de relacionamento, parece que fica estigmatizado relacionamento homem-mulher, sexo-afetivo; e não é disso, eu tô falando de relações humanas, né? E isso sempre foi muito difícil pra mim. E aí, esse programa me permite me relacionar comigo, em primeiro lugar, e depois com os outros, né? **Faço uma relação direta, aqui, com a literatura do NA. Mais especificamente com o “Livro Azul”, o texto básico de NA, no capítulo “Quem é o adicto?”, onde eles descrevem as características do Adicto e destacam que, para além do uso de drogas, o adicto representa uma doença do caráter e da personalidade, que inclui grandes prejuízos nos relacionamentos interpessoais.** Porque, se teve alguém que sofreu no meio dessa caminhada toda aí, fui eu. Apesar de saber que a minha mãe sofria muito, minha ex esposa sofreu bastante, os meus filhos, pela minha negligência, né ?, como pai, ficar próximo, sem ter um *timing* pra ouvir o filho: “pai, olha aqui o meu boneco”. Eu sempre tava muito apressado, pois eu sempre precisava conseguir mais alguma dose, mais alguma substância: “papai tá ocupado agora, vai resolver um problema”. E aí, quando eu fui ficando limpo, eu já consegui parar mais para ouvir, eu já consegui me dar mais essa oportunidade. Então, realmente aconteceu uma mudança significativa em minha vida através deste programa, que é o programa de Doze Passos. Porque, o Narcóticos Anônimos, ele tem, na verdade, um conjunto de ferramentas: existem os passos, que são os nossos princípios espirituais, existem as reuniões, e ainda tem os nossos serviços lá dentro, onde a gente leva a mensagem para as pessoas que têm problemas com drogas, também, e que possam saber que existem pessoas como eles também. Porque o núcleo dessa doença é exatamente o egocentrismo. Em alguns momentos, eu me pegava dizendo: “eu sou o único cara que passa por isso”, e, na verdade, não era; tinha uma porção de pessoas passando por isso. Eu não vou entrar no mérito aqui, mas a gente sabe que existem atores globais, pessoas reconhecidas no mundo inteiro, e que tem adicção, problemas com dependência química, né? E não estão conseguindo, não conseguem, né? Exatamente por esses fatores aí: ego, enfim. **Aqui, o adicto sai da sua auto percepção de isolamento e sensação de exclusividade no que diz respeito ao seu comportamento: ele pensava ser o único a ter a doença e, portanto, se sentia o pior dos seres humanos, indigno de amor e respeito. Ao ver outras pessoas com o mesmo problema, ele começa a desfazer estas sensações e se sente acolhido ao perceber que faz parte de um problema muito maior do que ele.**

A gente tá falando de uma doença que é multifatorial, ela tem várias influências por vários lados. Então, é muito complexo. E, muitas vezes, eu fico me questionando: “como é que eu peguei isso?”, “como é que eu adiquiri a adicção?”, “por que é que eu me tornei um adicto?”. Não quero ser um formador de opinião aqui; eu quero apenas falar da minha vida, falar de mim, nesse momento. Mas hoje eu percebo: eu troquei, né? Porque me deixa muito limitado, né? E aí, eu quando coloquei uma palavra diferente: “para que?”, eu abri um leque de opções, né? E hoje eu entendo: “pra que” eu possa me tornar uma pessoa melhor, pra que eu seja um ser humano melhor pra mim e para os outros, né? Porque, mesmo sendo uma adicto, hoje eu entendi que a minha condição não é uma condição sem esperança; existe vida após droga, sim. **Estando em comunidade formada por pessoas que têm problemas semelhantes ao dele, ele pode visualizar outras formas de viver a partir dos relatos dos outros adictos.** Essa ideia de que “uma vez drogado, sempre drogado” é uma mentira e é uma mentira que a sociedade plantou. E eu descobri isso, né? Ou seja, a mentira foi descoberta, né? E aí, pra mim é fantástico, né? Eu pude me tornar alguém melhor. Eu consigo ser alguém melhor. E é pra isso ne?), pra ser um ser humano melhor, pra melhorar espiritualmente, né? E hoje, eu consigo ajudar algumas pessoas através do que eu entendo, o que ainda é muito pouco. **Ser ajudado por outros adictos e ajudar eles, ensinar e ser ensinado por eles, são processos que colocam o entrevistado numa dinamicidade de vida dotada de sentido/direcionamento. Parece ser uma experiência que, por mais que ele tente explicar com palavras, não consegue traduzir o real sentimento relacionado à experiência de transformação.** Eu acho que tudo o que se sabe ainda é muito pouco. Tem vários grupos anônimos né? porque a gente tá falando de algo muito complexo. Adicção e dependência química é algo muito complexo.

Pesquisador: Gostaria de aproveitar que você tocou neste ponto e perguntar: Como é, para você, ajudar outras pessoas a se recuperarem da adicção, e ser ajudado por elas, também?

B: Então, vamos falar disso, né? Esse ponto de poder ajudar alguém, poder dar de graça o que me deram de graça. **Ao trazer a temática da Dádiva para a entrevista, o participante começa respondendo à pergunta já destacando duas das suas características que muito lhes parece significativa, ao ponto de lhes provocar turbulência no campo dos valores: o voluntariado e a reciprocidade.** Quando eu cheguei – eu já falei um pouco sobre isso, mas é importante ressaltar – eu cheguei muito distorcido né (?), com uma ideia muito errônea sobre a vida. Por exemplo, sem fazer nenhum comentário preconceituoso, porque não é essa a minha ideia... mas eu venho de uma sociedade machista, aonde eu abraçar alguém, por exemplo, é coisa de viado. Eu não queria utilizar isso, infelizmente, mas é isso o que a sociedade faz. Então, eu cheguei acreditando nisso. E aí, eu chego numa irmandade aonde, no final, as pessoas se abraçam; os homens se abraçam, né? e dizem que: “continue voltando”, “tamos junto”, “eu tô aqui”. Aquilo foi quebrar paradigmas, pra mim. **Ele parece bastante sincero ao expressar o sentimento de culpa e vergonha por pensar, no passado, de acordo com a sociedade machista. O entrevistador pode perceber tal sinceridade quando os valores são expressos a partir da intensidade emocional que acompanha a narrativa sobre eles.**

O gesto do abraço sem conotação sexual está presente no valor da sociabilidade, presente na Dádiva. Eu comecei a ver uma nova realidade, uma nova vida. Aquilo me chamou a atenção e eu percebi que não tinha problema nenhum abraçar alguém. Parece que a gente tá saindo da conversa, mas é isso o que o NA faz com a gente. O NA me mostra uma nova realidade, mostra que eu posso ver as coisas diferente. E isso foi fantástico pra mim. E a forma como me trataram foi o que me fez querer reproduzir depois, né? **O ciclo da Dádiva se completa com o desejo de retribuir aquilo que lhes foi dado gratuitamente.** Eu tenho uma frase de efeito que diz que “nós somos adultos adúlteros adulterados”. E quando eu cheguei lá, os caras me adulteraram pro bem, né? Me abraçavam, me ligavam, pô. Eu com três meses limpo, alguém me ligava: “e aí? Como é que tu tá? Já limpou a casa? Já Orou? Já rezou? Já trabalhou?”, e pá! E isso fez me sentir importante. Então, quando eu vi esse milagre acontecer na minha vida, quando eu fiz um ano, por exemplo, nossa! Aquilo começou a reverberar na minha cabeça: “eu preciso reproduzir isso”, “eu preciso receber alguém como eu fui recebido”. E aí, poder ajudar alguém... o que eu não entendia, pra ilustrar bem essa ideia... porque, assim ... eu chegava, eu ia para as reuniões, mas eu não me permitia ficar. Então, eu não conseguia entender quando alguém me dizia: “continua voltando”. Quando o cara falava isso pra mim, eu me sentia uma parte, porque eu tava voltando, só que ainda tinha pouco tempo. Aí, o que é que eu quero dizer com isso? Quando eu me permiti ficar, eu vi pessoas chegando e passei a entender o prazer de ajudar alguém todo falido financeiramente e acompanhar essa mudança no outro. E quando eu me permiti ficar um ano e ver alguém ingressar, eu via mudança. Via o cara chegar com o popularmente falando “Ray Ban”, com o olho roxo; e, um ano depois, o cara tava funcional, gerente de uma empresa, casado, reatou casamento. **Aqui, Dádiva e Sentido de Vida parecem se juntar. O Adicto expressa a sua autotranscendência dentro da dinâmica do ciclo de Dádiva, onde ele abandona a vivência isolada no interior de si próprio, e se lança em direção ao Outro. As próximas palavras do entrevistado terminam de ilustrar este processo de transcendência.**

Então, é muito mais fácil, pra mim, ver a mudança do/no outro do que em mim. Eu tenho uma tendência de ver, em mim, o que tá faltando, o que eu ainda não consegui. **O encontro dos seres humanos com o sentido se dá em puro ato; e nisso, mudanças são pré-reflexivas. Algumas não chegam a ser possíveis de racionalização. Para o adicto, as racionalizações estão a serviço do seu ego, e parecem sempre apontar mais para os seus aspectos negativos do que para os positivos.** No outro, não, eu vejo com muito mais clareza, muito mais rápido:” nossa! Como é que esse cara mudou tanto assim?”. E aí, eu começo a ver o efeito da irmandade nas pessoas, né? **Interessante perceber que, mesmo sem evolução a consciência crítica sobre os aspectos positivos de si próprio, o membro da irmandade continua se ancorando no sentido de vida que está surgindo diante de si: ajudar outros adictos a se recuperarem.** Narcóticos Anônimos é uma irmandade sem fins lucrativos de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. Porém, qualquer ser humano que quiser adotar esse tipo de cultura, que são os passos, vai provavelmente fazer uma mudança significativa na sua vida. Porque existem várias adicções, né? Eu posso me tornar adicto a muita coisa, né ?, não

só a droga: a compras, dinheiro, viagens, enfim. Pra nós, pra o adicto, tudo o que é muito bom é muito perigoso. Eu preciso de equilíbrio. Pode ser um pouco arrogante da minha parte, definir adicção em uma palavra, porque a gente tá falando de algo muito complexo; mas, se eu pudesse, eu definiria como “falta de equilíbrio”. Se eu amo, eu amo demais; se eu odeio, eu não quero nem ver. **As palavras do participante me remetem à filosofia taoísta, da China, que tem como princípio: Caminhar pelo meio. Também leva à reflexão de que uma das causas da adicção é o caminhar pelos extremos, e o uso abusivo de drogas nada mais é do que mais uma das expressões desses extremos, na vida de um ser humano.** É isso o que acontece, né? Então, a grande sacada é buscar, o tempo todo, o equilíbrio, né? E se eu puder dizer que existe um lugar pra se recuperar, e que não paga nada né?... quando alguém chega dentro de um grupo de NA sem falar nada pela primeira vez, aquilo faz uma reflexão profunda na minha mente sobre o primeiro dia que eu cheguei: “como foi pra mim?”, “o que eu pensava?”. Então, é fantástico! Só agrega valores pra mim, só massifica a ideia de que o mundo, com droga, não tá legal. Senão, as pessoas não estariam procurando ajuda. **A presença de um novo membro no grupo parece ter duas importâncias para o adicto com mais tempo em recuperação: 1) Ele pode encontrar sentido, ao ajudar esse novo membro, da maneira como foi ajudado; e, 2) a partir das dificuldades apresentadas pelo novo membro, ele pode fazer uma viagem mental no tempo, recapitular episódios da sua vida, e refletir sobre como foram aqueles momentos para ele.**

E a empatia né, cara? Eu tenho a capacidade de praticar empatia. A capacidade de me colocar no lugar do outro. E isso é a espiritualidade que acontece dentro das nossas reuniões. Porque o nosso programa não é religioso, ele é espiritual. Então, existe uma linha muito fina entre o que é religioso e o que é espiritual. **O que é dito aqui está em consonância com a dimensão noética de Viktor Frankl. A empatia é o movimento de auto transcendência; faz parte dessa dimensão, onde o indivíduo se descola do seu ego e transcende em direção ao outro.** E a gente precisa definir bem isso, porque, dentro das nossas reuniões, a gente tem pessoas de várias religiões. O fato é que eu preciso acreditar em algo maior do que eu. E é o que minha mente não permite, né? Porque uma mente egocêntrica não permite que exista algo maior do que ela. Mas aí, com o cumprimento dos passos, o direcionamento do padrinho e toda essa coisa que existe no NA, eu fui desmistificando isso: que existem forças superiores, né? **Sair de si e caminhar em direção ao sagrado também é um aspecto da auto transcendência.** Enfim, é bem desse jeito mesmo. E eu finalizo dizendo que nada se compara com um grupo de pessoas tentando e conseguindo um mesmo propósito, né? Essa é que é a grande sacada da história. Quando eu me reúno com pessoas que estão no mesmo objetivo que eu, as coisas fluem de maneira melhor. O resultado se apresenta de maneira melhor. Então é isso, né?, ajudar e ser ajudado. Na verdade, o que acontece nas nossas reuniões... eu não queria usar esse termo técnico... é uma “Egrégora”. Porque as pessoas se questionam: “o que acontece aqui?”. **O emprego do conceito de Egrégora, por parte do entrevistado na sua fala, reflete o empenho do entrevistado nos estudos e no crescimento intelectual. Ele faz do crescimento intelectual um caminho dotado de sentidos para encontrar respostas para o seu problema.** É algo de uma espiritualidade, que é a força de todos

nós pensando, e tentando, e conseguindo juntos este mesmo propósito, que é parar de usar e encontrar uma nova maneira de viver.

Pesquisador: Muito obrigado pela sua participação. Acho que você respondeu tudo o que eu precisava saber.

B: Obrigado. E disponha!

5.2.1.2. Diário de Campo 1

Conheci Bernardo quando participei de uma Reunião de NA em Gravatá, município onde ele mora e frequenta as reuniões de NA. Na ocasião, eu havia ido ao município para falar com o responsável por aquele grupo, e que também era um dos principais membros do comitê regional de Informações ao Público (IP). Como foi dito antes, eu precisava da sua autorização para a realização das entrevistas, uma vez que os membros anteriormente convidados se mostraram com receio de participar das entrevistas e, com isso, ferir uma das doze tradições de NA. No decorrer da realização da reunião, eu saí da sala junto com este membro responsável e apresentei a proposta do meu trabalho, ocasião em que pude ter a sua aprovação e, com isso, ter também a autorização para realizar as entrevistas com os outros membros. Durante a conversa na área externa do local da reunião, Bernardo se aproximou para fumar um cigarro e aproveitou para entrar na conversa. Interessado na proposta da pesquisa, ele pediu para participar como entrevistado. Sua atitude refletiu, para mim, o ciclo da Dádiva; pois na concepção dele, ele estava prestando uma contribuição para um trabalho que iria dar visibilidade e importância ao grupo que o acolheu e o ajudou.

Sua motivação para a participação foi tanta que ele topou sair da sua cidade e ir até o local da realização da entrevista. Como retribuição ao seu gesto, fiz questão de lhe buscar na sua cidade e levá-lo de volta para a sua residência; fiz uma mudança no meu horário de trabalho e dediquei a minha tarde a isto. Pude deste modo, experimentar a entrada no ciclo da Dádiva e a formação de um laço social com este sujeito, para além da entrevista. Enquanto percorríamos o caminho, pedi para que conversássemos sobre outros assuntos que não a sua história de vida, de modo a não contaminar o conteúdo da entrevista. De início, falamos de música, cinema e futebol. Em outro momento, falei um pouco da minha história profissional e ele acabou soltando que quer cursar psicologia,

pois vem trabalhando como terapeuta em uma clínica particular de recuperação (onde os ditos “terapeutas” são, em sua maioria, ex adictos) e gosta de ler sobre comportamento e de tentar entender a mente humana. Ao final da entrevista, no retorno para casa, ele veio explicando mais sobre o conceito de Egrégora, mostrou vídeos no *youtube*, falou mais sobre as suas experiências como adicto em recuperação e, ao final de tudo isso, se revelou uma pessoa que se interessa por estudos e crescimento intelectual.

Achei bastante interessante conhecer o Bernardo e perceber os seus movimentos de transcendência, onde ele busca ser uma pessoa melhor a cada dia e faz tudo isso interessando por estudos e leituras. Todo o seu conteúdo intelectual parece ter a relação com a droga como foco. Me senti um pouco cansado, ao final, de tanto falar sobre esse assunto, devido ao tempo que passamos percorrendo sobre ele, enquanto percorríamos os 140 quilômetros (incluindo a ida e a volta) de estrada. A Dádiva não se encerrou com o término da entrevista, pois Bernardo me indicou a próxima pessoa a participar da entrevista e eu me comprometi a convidá-los para assistir a apresentação da dissertação.

5.2.2. Participante 2: Jack, 38 anos, morador de Barra de Jangada, Jaboatão dos Guararapes

Jack é natural de Belém do Pará. É solteiro, tem uma filha de nove anos que mora na cidade de Macapá – AM, juntamente com a mãe dela. Atualmente mora sozinho em Jaboatão dos Guararapes e, assim como o entrevistado anterior, também trabalha como “terapeuta” (palavras dele) em uma clínica psiquiátrica particular na cidade do Recife. Frequenta a entidade NA desde outubro de 2010.

5.2.2.1. Entrevista 2

Pesquisador: Jack, comente sobre a sua experiência de se tornar membro do NA?

J: Bom, sou Jack, sou um adicto limpo há nove anos, cinco meses e alguns dias... 27 dias, eu acho. E eu não sei se “entidade” seria o termo, né? Costumamos usar o termo “irmandade”. Assim, foi um divisor de águas na minha vida porque, antes de eu conhecer a irmandade, eu tinha uma vida dedicada ao uso de drogas, né? Inclusive, adicção, do

inglês, significa dedicação total; e, do grego, significa escravidão, “escravo de” ... de alguém ou de alguma coisa. **A busca por crescimento intelectual faz parte do Sentido de Vida que hoje acompanha o entrevistado; e, na sua vida prática, ele procura compreender as suas experiências com o auxílio de teorias.** Então eu era dedicado ao uso de drogas, né? Escravo. E, assim, eu lembro que a primeira vez que eu fui fumar maconha, eu tinha 18 anos. E eu perguntei para um maconheiro lá do meu bairro, lá de Belém (PA), se eu podia fumar maconha com ele; e ele perguntou: “por que tu queres fumar? Foi mulher ou foi família?”. E eu não entendi, naquele momento, o que ele quis dizer com isso. Só que hoje, depois de nove anos limpo, eu entendo que, ele sem saber os desígnios que a dependência química toma, as motivações, o que pode causar, o que pode influenciar... ele intuiu que alguma coisa errada tava acontecendo comigo. Então, intuitivamente, ele perguntou se eu tava tendo algum problema. Então, se ele, usuário de droga, intuitivamente chegou à conclusão que, para usar droga, é necessário que algo errado estivesse acontecendo, né? Então, hoje, trabalhando com dependência química, eu percebo, com clareza, o que aconteceu naquele momento. **As palavras do usuário, com características intuitivas impactaram o entrevistado no momento em que foram proferidas. Isso ficou registrado na sua memória, de modo que, a cada nova experiência destrutiva, elas pareciam voltar à sua consciência, confirmando a realização de um destino trágico anteriormente anunciado.** E, assim, não posso dizer que foi uma coisa só; foram várias coisas, né? A adicção é uma doença multifacetada. Então, tem várias situações que podem contribuir para que eu me torne um dependente químico, né? Problemas familiares... basicamente, a maioria dos problemas gira em torno disto, né? As questões são internas mesmo. Elas são: incapacidade de lidar com frustração, são... insegurança, inabilidade em viver, em aceitar a vida do jeito que ela é. **Isso tem relação direta com o texto de NA sobre quem é o Adicto. O texto esclarece que o uso abusivo de drogas na Adicção é apenas um dos seus sintomas, e que esta doença atinge o caráter, os relacionamentos, a alma, a vida do indivíduo como um todo.**

Pesquisador: E você vivenciou tudo isso?

J: Sim. Em alguns aspectos, eu passei por essas etapas aí. Em algumas situações na minha vida, eu vivenciei, né? Não me sentia aceito nos ciclos de colégio. Eu não era nem da turma da bandinha, nem da turma da bola, nem da galera do CDF...; então, eu não me sentia pertencente, né? **O entrevistado tinha dificuldades de socialização.** Então, o ser humano tem isso intrínseco nele, esse senso de pertencimento; ele precisa ser preenchido de alguma forma. E eu não me sentia pertencente, preenchido por nenhuma tribo. E acho que é por isso que hoje existem essas tribos aí: os skatistas, os emos, os góticos, os intelectuais, os “não sei o quê”... a gente tenta sempre se enquadrar. **O entrevistado tinha dificuldades de socialização na sua juventude. Tal experiência parece ter um rebatimento direto na sua autoestima, assim como parece estar intrinsicamente relacionado com a motivação para uso de drogas expressa pelo entrevistado um: Ser alguém que ele gostaria de ser, e que não era quem ele era.** E mais tarde, o que aconteceu foi que o único grupo que eu consegui me enquadrar foi o Narcóticos

Anônimos. Curiosamente, eu acho que o Narcóticos Anônimos é o grupo formado por pessoas que não conseguiram se enquadrar em outros grupos, e acabaram se juntando. **A Dívida da irmandade NA inclui aceitação do adicto e valorização das suas experiências de vida. Isto parece ter ajudado bastante nos dando um lugar no mundo para ele, permitindo com que ele possa se sentir parte de uma sociedade onde a sua presença é importante; e, com isso, dando sentido à sua vida.**

Então eu fui experimentando algumas substâncias. A maconha foi algo que eu não gostei a princípio. No início, eu comecei a fumar pasta de cocaína, que lá na minha cidade tinha muita. Na verdade, comecei com álcool, né? Álcool e cigarro; dentro de casa, os meus pais usavam muito álcool e cigarro, e eu só fiz repetir, né? Repetir esse comportamento. Aí depois apareceu maconha, pasta de cocaína, experimentei cola de sapateiro, depois veio cocaína, ecstasy, LSD. Então assim, eu tive a oportunidade de me relacionar com várias substâncias. E, durante algum tempo, eu consegui usar essas substâncias de forma recreativa, né? Só que o tempo foi passando e eu fui crescendo, e a vida foi cobrando uma postura da minha parte, né? E eu sem ter habilidade de dar essa resposta pra vida, acabei progredindo no uso de substâncias. Então a droga deixou de ser recreativa e passou a ser uma fuga, um amparo, uma muleta. Eu precisava de uma muleta para encarar a vida, pois eu não tinha habilidades de viver. **O entrevistado reconhece que havia um problema maior que a droga, que era a sua falta de habilidade de lidar com a vida. Em outras palavras, viver de maneira livre e responsável. A ausência da liberdade para assunção da responsabilidade se reflete na sua reflexão sobre necessitar da droga como “muleta para encarar a vida”. E as drogas vinham me preencher nesse sentido; acabar com a minha angústia, né? A ausência de responsabilidade gerava um vazio; e, além das drogas servirem como muleta, também serviam para preenchimento deste vazio.** E assim, só que aí, eu conheci o crack. E o crack é uma droga destruidora, né? Eu usei muita droga antes do crack. Mas o crack foi o potencializador da minha destruição; foi a minha passagem pro inferno, eu acho. Ele fez com que eu chegasse mais rápido no fundo do poço. E, assim, eu acho que se eu não tivesse usado o crack, eu ainda teria usado algumas drogas, mas sem funcionar na sociedade, porque eu manipulava as pessoas, não conseguia manter emprego, minhas relações eram sempre interesseiras. Eu me relacionava com pessoas que eu não tinha sentimento por elas, mas que eu fingia que tinha. E eu lembro de uma música do Cazuzza que fala muito isso, que “faz parte do meu show”. Essa música fala muito como ele seduz, como ele trata a mulher: “te pego na escola e encho tua bola com todo o meu amor... te levo pra festa e testo teu sexo com ar de professor... faz parte do meu show”. As promessas tão curtas, né? Aí, no final, ele fala que “faz parte do meu show”. **Apesar de ele reconhecer o efeito devastador do crack, ele não perde a noção, em sua narrativa, de que o problema maior estava nele, no seu comportamento, no seu modo de encarar a vida e lidar com ela. Destaque para os comportamentos por ele destacadas aqui: relacionamentos por interesse, egocentrismo, instabilidade profissional, manipulação e ausência de empatia.**

Sou um adicto. Nos doze passos, ele fala que a característica principal de um adicto é o egocentrismo. Então, eu sou totalmente egocêntrico. É como se, na minha natureza, desde

criança, eu não consegui a atenção das pessoas, me enquadrar nesses grupos sociais que eu queria fazer parte. Então, eu acabo crescendo meio revoltado e decidido a chamar a atenção de todas as formas, por não conseguir fazer parte desses grupos, né? Então, o egocentrismo faz com que eu cresça um ser humano assim, querendo que tudo gire em torno das minhas escolhas, das minhas necessidades. Eu me torno uma pessoa manipuladora, agradável, sociável, mas sempre buscando a aceitação das pessoas. Eu mesmo não me aceito; então, por isso, eu preciso da aceitação das pessoas. E o egocentrismo é o pano de fundo de todos esses defeitos de caráter, né? Eu acho que é a base de qualquer defeito de caráter. Orgulho, vaidade, ambição... se bem que eu acho que ambição não é um defeito de caráter; mas orgulho, vaidade, prepotência, arrogância, manipulação. Sabe, tudo isso são ramificações do egocentrismo. Uma pessoa egocêntrica faz esse tipo de coisa, né? E o programa de NA traz essa informação. O problema é que o programa tem, também, as doze tradições. E tem a décima tradição que diz que NA não entra em controvérsias públicas. Então, acho que é por isso que NA não define o que é egocentrismo. Ele só te dá a informação: “a parte espiritual da tua doença é total egocentrismo”. Vai de ti investigar isso; e foi o que eu fiz, né? **O entrevistado usa do racionalismo e tenta fazer uma boa relação entre o egocentrismo e o sentimento de inadequação como caminho para se chegar na adicção. No entanto, o que parece ter acontecido de verdade foi: 1) Ele tinha dificuldades de socialização e isso mexia com a sua autoestima; 2) com o uso de drogas, ele percebe que pode ser uma pessoa diferente e, talvez, mais aceitável; e 3) percebendo que não se tornou uma pessoa mais aceitável e mais sociável, orienta-se para o egocentrismo e o isolamento social.**

Voltando um pouco, o meu uso de drogas foi muito agressivo. Depois do crack, eu precisei ser internado e conheci a irmandade dentro da clínica. Dentro da clínica foi quando eu tive o despertar, um dia, de entender o que tava acontecendo, né? Depois que tinha passado a abstinência, a fissura... eu tava há dois meses e pouco internado, né? E, um dia, eu tive o despertar lá dentro, de entender que eu tinha uma doença, a adicção, a dependência química, que a principal manifestação dessa doença era o uso abusivo de substância. E eu tinha que tratar dessa doença. No começo, eu comecei a sentir um certo alívio em saber que eu podia tratar dessa doença; mas depois, foi muito doloroso conviver com ela no primeiro ano de recuperação. **Com o reconhecimento da doença, volta o sentimento de baixa autoestima, pois a onipotência é quebrada. Sem falar que o indivíduo entra em dissonância cognitiva, pois mesmo sabendo que o uso de droga lhes faz mal, ele não deseja parar, inicialmente.** Eu voltava das reuniões de NA chorando, aborrecido por ter essa doença. Eu não queria ser adicto. Eu não queria, realmente. Eu queria voltar a consumir o álcool. Não mais o crack, mas eu pensava em consumir algumas substâncias de forma controlada. Só que, aí, as principais características da adicção é o descontrole. Então, isso eu aprendi dentro das reuniões de NA. Eu via pessoas que não obedeciam ao programa recaindo e voltando cada vez mais baqueadas para as reuniões, voltando cada vez mais fudidas pra sala. **Observando o estado de adicção das outras pessoas, o entrevistado reconhece a gravidade do problema e passa a reconhecer o problema de uma forma auto distanciada. O valor da sobriedade pode começar a se apresentar neste momento.** E eu comecei a respeitar,

eu comecei a entender, percebendo o comportamento dos outros. Essa é a importância do grupo, eu acho. Eu comecei a perceber, indo para as reuniões de NA, que aqueles que não respeitavam a doença terminavam sofrendo muito. E eu tinha certeza que eles estavam sofrendo mais do que eu, porque eles estavam no uso, buscando se equilibrar. E eu já estava um tempinho na trajetória, frequentando as reuniões. Eu já tinha sido internado. Então, eu comecei a perceber que eu precisava respeitar essa doença. Foi uma sacada que eu tive: “eu tenho que respeitar a minha adicção”. E a maioria das pessoas querem fingir que ela não existe. Eles querem achar que não são adictos. **Um caminho para se reconhecer como adicto é através da observação da adicção dos outros e o reconhecimento da semelhança existente entre a própria adicção e a adicção deles. Nesses termos, o autoengano, nomeado pelo participante, existe porque ele não se identifica inicialmente com os adictos, e tal identificação vai se dando aos poucos, na medida em que ele vai frequentando as reuniões de NA.**

Pesquisador: No seu dia-a-dia, como é “respeitar a adicção”?

J: É obedecer o que o programa sugere, né? É eu não maquiagem a minha doença. É tipo: eu tenho um aniversário de 15 anos pra ir, de uma prima minha; normalmente, a gente sabe que nesses aniversários tem bebidas, uísque e tal, é um local aonde as pessoas estão animadas e um pouco alteradas; seria um começo de recaída, uma noitada de grande recaída, eu diria. Então, eu respeitar a minha doença seria entender que, se eu for para esses 15 anos, eu vou para celebrar o aniversário da minha parente? Qual seria o real motivo para eu ir? Ou eu vou de forma sutil... pera... (pausa)... ou eu vou no autoengano, dizendo que “eu vou para felicitar ela”, mas na verdade, eu quero recair. **Habilidades de autocrítica e auto observação parecem ser exercitadas nas vivências de NE. É algo semelhante com o auto distanciamento.** Então, diante dessa dúvida, se eu não sei se vou felicitar a minha prima ou se vou recair, é melhor eu respeitar a minha doença e ficar em casa. E deixar de querer a aceitação dos outros. Porque, às vezes, eu vou para esses eventos sociais de família para querer aceitação. **Ele sinaliza, aqui, que sente desejo de aceitação na sua família, o que também está relacionado ao sentimento de inadequação a ela.** Só que eu tenho que entender que eu tenho um problema. Então, se a minha família realmente me apoiar, eles vão entender a minha ausência naquele ambiente. Então, é eu começar a me priorizar. Eu acho que começa por aí o respeito à doença, né? Se eu tiver com sede na rua e tiver uma padaria de um lado da rua, e do outro lado tiver um bar, e eu tiver mais próximo do bar, e eu pensar assim: “ah, eu não quero recair. Só vou tomar uma coca porque estou com sede”, eu não vou tá respeitando a minha doença. Se eu tiver noção do que a minha doença é capaz, eu vou atravessar a rua, vou fazer esforço, e vou na padaria. **O texto básico também diz que o adicto em recuperação deve evitar lugares e pessoas que o levem à adicção. Aqui, ele sinaliza o bar como sendo um desses lugares o que indica um pouco da vivência que ele tinha antes da recuperação.**

A mente é muito sutil, sabe? É uma armadilha. No guia para trabalhar os doze passos tá escrito lá: “Como é que eu sei que estou sob o efeito da adicção?” e, depois, tá escrito assim: “quando caímos nas armadilhas obsessivas, compulsivas e egocêntricas.”. Então,

se eu me dopar para tomar uma coca, eu não tô respeitando a minha doença. Porque eu tenho que entender que, a partir do momento em que eu chego no bar, eu vou sentir o cheiro de bebida, e o estímulo olfativo vai me remeter a lembranças de substâncias, de quando eu usava. O estímulo visual... eu vou ver pessoas bebendo, sorrindo, eu vou ver cerveja gelada, eu vou ver cerveja derramando no copo, pessoas ingerindo alguma bebida. Ou eu posso querer ir no banheiro; e ir num banheiro de bar é uma coisa de quem é usuário de cocaína. Então, é muito complicado eu frequentar bar. Então, se tu for mesmo honesto no teu processo de recuperação, tu vai perceber que, no bar, tu tá brincando com a tua doença, pô. Mesmo que não seja pra recair. E, detalhe, a gente tem a visão periférica. A visão periférica, ela capta mais coisas e deixa no nosso subconsciente. Então, por mais que eu entre no bar, beba coca cola e saia, eu aposto contigo que tu vai ficar uns 30 dias lembrando daquele dia que tu foi no bar. Sabe, vai ficar sendo visitado naqueles cinco minutos antes de dormir; vai lembrar que tu foi no bar, vai lembrar do cheiro, do estímulo visual, estímulo olfativo, estímulo auditivo – porque no bar vai tá tocando música. Então, tu respeitar a doença é realmente evitar esse local. Eu acredito nisso. E eu esqueci o que eu tava falando. **Ele parece estar tentando descrever a irracionalidade existente na compulsão para o uso de drogas. Por mais que o despertar para o sentido aconteça de uma forma pré-reflexiva e intuitiva, é preciso que também se faça o uso da racionalidade e da reflexão para que o adicto possa se auto-observar criticamente diante das situações que o levem a usar drogas com compulsão. Aqui mostra que o participante evoluiu bastante nesse aspecto, descrevendo os seus passos que o levariam a um uso de drogas compulsivo e irracional, usando exemplos do seu dia-a-dia.**

Eu tava falando que depois que fui internado, eu comecei a respeitar a minha doença, eu comecei a ver pessoas que tavam fazendo isso. Quero dizer, eu aprendi com os erros dos outros, frequentando as reuniões de NA. Então, eu não queria passar por isso. Então, depois de um tempo limpo, depois de uns cinco anos frequentando NA, numa época em que eram muito doidas as reuniões, as pessoas saíam emocionadas da sala. Eram partilhas consistentes, de superação e de enfrentamento da vida, sabe? De superação de batalhas e tal. E eu saía, muitas vezes, emocionado da sala. Eu queria ficar limpo e ficava triste por ser adicto. **A flexibilidade do problema do outro adicto sobre si começa a mostrar seu efeito de força autotranscendente, a partir do momento em que ele atribui um valor positivo à história de superação do outro e, em seguida, começa a incorporar o valor da superação.** Só que, com o passar do tempo, isso foi melhorando. Hoje eu aceito a doença que eu tenho e aceito a minha problemática. **A aceitação do problema, que antes era problemática, começa a trazer uma sensação de serenidade. Percebe-se que, a isso, está relacionada a maneira de o indivíduo encarar o seu problema.** E eu gosto de comparar isso com a questão do Superman. O Superman é um personagem que deixa muito claro como eu devo me comportar com a minha adicção; porque ele respeita a fraqueza dele, que é a Kryptonita, e a fraqueza dele é o que faz dele um cara forte. Ele é considerado o cara mais forte do universo. Mas por que? Porque todo dia ele entende que ele é fraco diante da Kryptonita. Então, eu faço essa analogia para a minha vida. Eu respeito a minha doença, respeito que não posso me aproximar da minha

Kryptonita, que são as drogas e os comportamentos destrutivos, e isso me faz um homem forte, né? Somando-se nove anos, cinco meses e alguns dias, né? **Metáforas e comparações com personagens fictícios ajudam no processo racional e reflexivo que, inicialmente, encontra-se prejudicado pelo uso de drogas.**

Pesquisador: Jack, como é para você, ajudar outros adictos no seu dia-a-dia?

J: Beleza (pausa e respiração). Frequentando as reuniões de NA, eu percebi a importância de estar junto de outras pessoas que estão com o mesmo propósito. Isso acaba preenchendo aquele senso de pertencimento que eu falei no início. **Além do senso de pertencimento a um grupo, trata-se de um grupo unido pelo sentido. Sendo este grupo uma unidade de sentido, o despertar para o sentido parece ser um caminho certo e seguro para os adictos.** Então, é importante eu estar envolvido com essas pessoas. Eu acho que é uma necessidade humana. Então, assim, aos poucos eu fui sendo estimulado a ajudar essas pessoas. Sutilmente, de tanto frequentar as reuniões, e trabalhando com dependência química, o que acontece é que... eu tenho que falar do meu trabalho... trabalhando com dependência química, dando palestras e participando de debates, eu fui percebendo que eu gostava de fazer aquilo. E eu percebi que eu gostava de fazer aquilo por um motivo. **Aqui, o entrevistado expressa as sensações vividas ao se inserir no ciclo da Dádiva da entidade NA. Inicialmente, ele reconhece que viver em sociedade é uma necessidade, fazendo parte da natureza humana. Num segundo momento, ele expressa prazer em participar do ciclo. Mais para frente, a sensação de prazer ganhará contornos de Sentido.** Eu vou dar um exemplo pra vocês, duas situações. Eu lembro que, na ativa, uma vez eu roubei um mostruário de joias da mulher com quem eu tava me envolvendo... ela vendia joias. E eu roubei esse mostruário e saí para vender nas ruas de Macapá; e, à noite, acabei indo parar num puteiro. Tinha uma garota de programa lá que ninguém queria ela porque ela tava grávida. E eu peguei ela pra gente ficar juntos. Eu vendi as jóias que tinha no mostruário, peguei o dinheiro e comprei droga pra usar com ela, sem saber das consequências disso, totalmente envolvido pela obsessão e compulsão do uso de drogas. Esse foi um caso. Aí, depois o tempo se passou e eu fui internado em Belém. E durante a minha internação, passou um programa na televisão que falou sobre drogas, tipo um SBT repórter da vida, e o dono da clínica liberou esse programa pra gente assistir. E, durante esse programa, eu já internado e consciente que eu tinha uma doença, eu tava assistindo a esse programa, e eu me lembro que esse programa falava sobre recém nascidos de mães usuárias de crack e crianças abandonadas por mães adictas. E eu me lembro de uma cena onde o cara filmou tipo uma casa de apoio a essas mães, de senhoras que acolhiam essas crianças porque a mãe tava na ativa. E teve uma cena em que o repórter perguntou a uma senhora: “e aí? Como é lidar com essas crianças?”. E ela respondeu: “eles são bem alimentados e medicados, mas tem uma determinada hora do dia em que eles começam a chorar, todos juntos, persistentemente, e ficam com a musculatura toda enrijecida. E a gente supõe, aqui, que seja abstinência, porque era a hora que as mães costumavam usar”. E aí, eu me lembrei da mulher grávida com quem eu usei, e aquilo foi como uma facada no meu coração, sabe? Eu fiquei extremamente arrependido das coisas que eu fiz, do quão longe eu fui por

causa dessa doença. E eu lembro que fiquei muito mal. E nove anos depois, ainda falo disso com um nó na garganta. Mas isso é uma coisa que faz com quem hoje eu queira tirar as pessoas da droga, queira ajudar essas pessoas. Porque, quando olho para o meu passado, esse foi um caso de pessoas que eu estimei para o uso de drogas. **O sentido de pertencer à Dádiva adquire o status de valor a partir do momento em que o entrevistado reconhece os danos causados a outras pessoas no passado. Desse modo, ele se vê motivado a seguir um caminho ético na esperança de que os danos possam ser um dia perdoados; tal como uma pessoa religiosa que, tomando consciência dos seus pecados, escolhe por viver uma vida baseada na ética cristã, na esperança de um dia receber o perdão de Deus. Assim, Valor da Dádiva e Sentido de Vida passam a se manifestar na dimensão Noética, permitindo o movimento de transcendência do indivíduo, onde ele abre mão do seu egocentrismo e transcende em direção ao outro, munido de uma decisão ética. Tal movimento poderá, também, ser observado no próximo exemplo dado pelo entrevistado.** Eu lembro também que, nessa clínica que eu fui internado, eu voltei alguns anos depois para dar uma palestra. E quando eu falei que meu uso ativo foi em Macapá, tinha uma garota de 16 anos, na época que falou que era de Macapá. E ela falou: “me lembro de ti, você ia no carro tal... eu morava naquela bocada lá”. Então, eu me senti, também, responsável por aquela garota que tava internada ali naquele momento. Eu tinha dinheiro e ia de carro pra boca, e há quatro anos atrás, aquela garota era uma criança me vendo chegar na boca pra comprar droga. A imagem que ela colhia daquilo é de que o uso de droga era algo bem sucedido, era de que usar droga era algo bom, porque eu chegava com moral e com dinheiro, de carro e com uma energia de arrogância. Quem olha de longe e não tem uma personalidade formada, sente vontade de se parecer com aquilo. Então, eu acho que influenciei para que aquele garoto estivesse internado ali naquele momento. Então, eu percebo que coloquei algumas pessoas no uso de droga. Eu contribuí para que o uso de drogas parecesse sedutor para algumas pessoas, e esse é o principal motivo de eu querer ajudar quem usa droga hoje; tanto na minha profissão quanto como membro de NA. E eu me sinto feliz, também, por ser amparado por um conhecimento, pois eu busquei conhecimento em todas as áreas, e fui percebendo que ajudar os outros é um comportamento natural e evolutivo. Não faz sentido passar pela vida sem contribuir com a ajuda ao outro. A religião chama isso de caridade, a filosofia chama isso de voluntariado, Narcóticos Anônimos chama isso de “serviço”. Não importa o nome que se dê; o importante é que isso é um comportamento fundamental para a nossa existência. **O entrevistado reconhece aqui o valor de se viver uma vida com sentido, e que o sentido está na ajuda ao próximo, na Dádiva. A definição de Dádiva está presente no conceito de “serviço”, empregado por NA.**

Pesquisador: Muito obrigado pela sua participação, Jack!

5.2.2.2. *Diário de campo 2*

Assim como o primeiro entrevistado, Jack veio de outro estado do norte do país, também para buscar tratamento para o seu uso de drogas. Entende-se que a reconstrução de uma vida destruída pelo uso de drogas pode se iniciar como um renascimento, em um novo lugar, com pessoas desconhecidas, anônimo. No entanto, essa reconstrução não acontece apagando o passado, pois além de esse se manter sempre presente na memória – o que parece ser essencial no processo de recuperação – os parentes mantêm contato, além de que a saudade deles, principalmente do seu filho, permanece. Outra semelhança com o primeiro entrevistado é que Jack também trabalha como terapeuta em clínica particular para dependência química, que ele preferiu não citar o nome.

Algo que chamou a atenção em conversa pós entrevista com Jack foi a crítica que ele faz ao pensamento e à conduta de alguns membros do Narcóticos Anônimos, onde ele observa muita idolatria à entidade. Ele não se identifica com esta idolatria e enxerga isso como uma fé cega, tal como um fanatismo religioso. Partindo desta crítica, ele criou um grupo de *Whatsapp* voltado para o estudo e aprofundamento da adicção por meio de trocas de textos sobre o assunto. Encontrou no estudo um sentido para a sua recuperação, tentando se tornar alguém de valor e respeitado nesse campo. No entanto, tal postura parece ainda ter resquícios da arrogância e prepotência, características da sua personalidade que, no momento da adicção, pareciam estar abafados, mas que emergiram com uma nova dinâmica a partir do seu processo de recuperação.

5.2.3. Participante 3: Jordão, 35 anos, morador de Recife, bairro do Jordão.

Jordão é natural de Recife-PE. É casado, tem dois filhos: um menino de nove e uma menina de sete, ambos morando com ele e a mãe. Trabalha na sua comunidade como pedreiro e motorista de carro de detetização. Frequenta a entidade NA desde junho de 2012.

5.2.3.1. *Entrevista 3*

Pesquisador: Jordão, comente sobre a sua experiência de se tornar membro do NA?

J: Então, na realidade, as coisas começaram assim, ninguém falou de Narcóticos Anônimos pra mim. Eu comecei a usar drogas muito novo e sempre troquei uma droga por outra. Assim, eu achava que tinha parado de usar uma droga e comecei a usar outra. E aí, quando eu comecei em Narcóticos Anônimos através de uma propaganda de televisão, eu tinha acabado de tentar um suicídio, tentando me enforcar, duas vezes, logicamente sem êxito. **Ao contrário dos outros entrevistados, Jordão não conheceu a entidade através de outra pessoa. O reconhecimento do seu problema com drogas e do vazio existencial em que se encontrava se deu de maneira solitária, num ato de conscientização que viria a ser fundamental na posterior assunção da responsabilidade sobre si próprio.** E aí, quando eu vi essa propaganda na televisão - “problema com droga, de graça” -, era tudo o que eu precisava, né? Era gratuito e eu praticamente já não tinha mais dinheiro, né? E aí, eu entrei em contato com o telefone que apareceu na televisão, falei com o pessoal e eles me deram o endereço. E aí, quando eu entrei em NA, eu sabia exatamente aonde era o local; aí eu cheguei lá e eles me receberam bem, né? E aí, eu continuei voltando.

Na realidade, no início, eu achava que eu só queria parar de usar uma só droga. Não queria parar de tomar uma cana ou uma cerveja, fumar uma maconha de vez em quando, sabe? Eu só queria parar de fumar o crack, essa é a realidade. E aí, eu percebi, voltando.... é.... só por hoje, né? ... eu percebi que eu não podia, que não tinha condições pra mim. Existem pessoas que conseguem tomar uma cerveja hoje e dizer “não quero mais”, “não vou”, mas na minha situação não tinha condições. Se eu tomar uma cerveja, eu quero tomar mais. **A conscientização da adicção passa a ser acompanhada do reconhecimento dos mecanismos auto sabotadores, que reconhecem o uso compulsivo e problemático ao mesmo tempo de deseja investir em um uso moderado.** É uma compulsão absurda. E aí, eu percebi, dentro de NA, o que NA me trouxe, né? Através do programa de NA, eu percebi que eu era uma pessoa com problema de adicção, né? No meu ponto de vista, eu vejo que adicção é um problema que não tem cura, é um problema tratável e, assim, é uma compulsão absurda. Eu sempre quero, eu não posso usar nada que eu quero usar muitas e muitas vezes. Tipo, se for sexo, eu quero muito, muito sexo; se for comida, eu quero muita comida. Tudo é demais. Eu aprendi isso dentro de NA, né? E, voltando, eu percebi que eu nunca deixei de usar uma droga, e tava sempre trocando uma droga por outra. Eu pensei que tinha parado de cheirar cola, mas eu não tinha parado de cheirar cola, apenas troquei a cola pelo loló. Eu pensei que tinha parado de cheirar loló, mas só troquei o loló pela cachaça. Quando eu tinha 14 anos, eu cheguei a beber tanto álcool que, quando eu não bebia, eu ficava com a mão trêmula. E aí, eu voltei a fumar maconha novamente. Sempre trocando, né? Inúmeras drogas. **O uso compulsivo do entrevistado parece ter sido sempre acompanhado de uma autoconsciência que o permitia enxergar a sua própria compulsão e tentar, estrategicamente, mudar a sua droga de maior uso**

como um caminho para se livrar deste comportamento. Tal exercício de autoconsciência parece ter facilitado o reconhecimento, posteriormente, da sua adicção, ao perceber o quão essa estratégia era falha. E Narcóticos Anônimos foi como uma pegadinha, né? Assim, porque a gente vem pra NA com a única intenção de parar de usar drogas. No meu caso, a única intenção que eu tinha era de parar de usar crack. E aí, eu percebi que, na verdade, eu tinha que parar com todo tipo de droga. Álcool é droga, né? Eu tenho que parar com tudo. Pra mim, redução não existe, tá entendendo? (exaltado) Tem algumas pessoas que falam sobre redução de danos e eu não critico, né? Desde que teja ajudando, tá somando, né? Cada um age da sua forma. Tem igreja, tem religião, tem várias clínicas, tem um bocado de coisa pra ajudar pessoas que têm problemas com droga. E assim, pra mim, redução não funciona, como também não funciona religião. Tentei ser evangélico, me envolvi com negócio de candomblé; mas aí, eu pensava que se Deus não pode me ajudar, outra religião também não ia ajudar. **A busca desesperada e sem sucesso para se livrar da compulsão através das religiões parece refletir na frustração existencial, bem presente na sua frase: “Deus não pode me ajudar...”. Da mesma maneira, a busca pelas religiões é a busca por um sentido na vida; e o processo repetitivo de busca sem sucesso é a própria Neurose Noogênica em que se encontrava o entrevistado.** E aí, eu cheguei em Narcóticos Anônimos cheio de preconceito com as pessoas que tavam lá, achando que elas tavam mentindo e tal. E aí eu percebi que aquelas pessoas tavam falando de sentimentos que eu também sentia, mas eu não sabia expressar. E eu comecei a perceber que eu tinha que parar de usar todo tipo de droga, e tinha que começar a ser uma pessoa diferente. E, como eu disse antes, NA é uma pegadinha, porque o cara chega querendo parar de usar droga e começa a perceber que é um crescimento de personalidade. Porque tem os defeitos de caráter que a irmandade fala; e a gente tem que remover esses defeitos de caráter. **A associação de NA com uma pegadinha e a impressão inicial de que as pessoas ali poderiam estar mentindo refletem as experiências de vida anteriores do entrevistado, e que o conduziram a ser uma pessoa bastante desconfiada até então: além da violência social, tem também convivência com outras pessoas que mente, manipulam e desconfiam de todos ao seu redor; um ciclo vicioso que tem a mentira como base. Aqui se percebe a ausência de valores positivos, como sociabilidade e solidariedade, ao ponto do sujeito não reconhecer esses valores como verdadeiros e sinceros.**

E é como um ditado que existe no NA: “o uso de drogas é só a cereja do bolo”. Eu sempre falo isso quando eu tô partilhando: “se você parar para analisar um bolo de cinco quilos, se a droga é só a cereja em cima do bolo, então você não vê o trigo, o fermento, a cobertura, o açúcar, todo o recheio... tudo”. Então, você vê que o problema não é a cereja, a droga, é todo o defeito de caráter que o cara tem. Então, quando eu comecei a me envolver com NA e a prestar bem atenção no que os outros falavam, a estudar os passos, eu comecei a entender isso: que a droga é a cereja em cima do bolo. Ou seja, para eu chegar a usar a droga, eu tô totalmente cheio de problemas, de mentira, arrogância, prepotência, sabe? Meu irmão, é meio mundo de defeitos, na realidade, sabe? E remover esses defeitos é a parte importante. **O sentido de vida começa a se revelar quando o**

entrevistado opera no campo dos valores, e tem como início, a percepção dos seus antigos comportamentos atrelado a um julgamento negativo deles.

No início, quando eu cheguei ao NA, o que eu queria era parar de usar droga. Não queria sentir mais aquele desejo; porque, quando eu cheguei, eu dizia que tinha sede de usar droga. Logo nos primeiros meses, eu comparava o uso de droga ao cara jogar bola no sol quente, das onze ao meio dia, e o cara termina querendo beber água. E eu comparava a minha vontade de usar droga a essa vontade de beber água, tá entendendo? **O comparativo me traz uma ideia de desespero e insaciedade.** E aí, quando eu cheguei, eu queria tirar só essa vontade, que era maior do que eu. Algumas pessoas, inclusive a minha pessoa, chegou a dizer que meu uso de drogas era safadeza: “se quiser parar, para”. E, na realidade, não é, né? Porque, quando o cara tá viciado, no uso, feito eu... pô, o cara faz cada merda do caramba. E aí, eu vi que eu não tinha só que parar meu uso da droga, né? Eu tinha que mudar meus comportamentos. Ser honesto comigo, ser honesto no trabalho, sabe? E aí, foi quando eu comecei a mudar a minha pessoa, minha personalidade.

Pesquisador: É uma mudança total?

J: É, mas não é imediato. O programa apenas sugere. Ele não obriga nada, né? São sugestões, e o cabra faz se ele quiser. Hoje, eu tô limpo há sete anos. Hoje é mês 8, né? Eu tô limpo há sete anos e dois meses, né? E assim, eu já recaí várias vezes na contramão do que sugere as coisas. Desses sete anos e dois meses, eu comecei a dividir. Nos três primeiros anos, eu só tava limpo, só tinha parado de usar droga, mas não tava em recuperação - recuperação é diferente de tá limpo. Eu posso parar de fumar maconha, mas eu continuo mentindo, roubando, sabe? Eu tinha parado de usar droga, mas eu ainda desviava dinheiro do meu trabalho. Porque, quando eu tava usando droga, a situação era a seguinte: eu ia para a empresa, a empresa me dava um dinheiro para eu botar gasolina por dia, e eu pedia para o frentista botar 30 reais e me dar uma nota de 40. Aí, aquele dinheiro já servia pra eu usar droga. Mas só que eu já tinha parado de usar droga, então, eu não precisava mais fazer aquilo; mas eu continuava fazendo aquelas atitudes. Tá entendendo? Então, não é uma atitude de um cara em recuperação, é a atitude de um cara limpo... só. Os defeitos de caráter ainda continuam, e é isso o que eu tô falando. Porque, depois que eu comecei a botar em prática a recuperação... porque eu não tô recuperado, é bom destacar isso, eu estou em fase de recuperação. Meu patrão dizia que: “enquanto vivermos, seremos eternos aprendizes”. Eu vejo que, enquanto eu estiver vivo, eu não estarei recuperado, estarei em recuperação. Sempre tem alguma coisa pra melhorar. Não traio mais a minha esposa, sabe? Eu tento ser melhor a cada dia, sabe? Tento ser melhor do que o dia de ontem. Ou seja, eu sou fiel e não traio mais a minha esposa, eu sou um pai fiel e prestativo com meus filhos, dou mais atenção, entendesse? Eu não fico com mentiras constantes, eu não fico querendo tirar vantagens das pessoas, desonestidade. Eu tento não fazer isso. Eu não vou dizer que sou cem por cento, logicamente que, em algum momento, eu posso falhar; mas eu me esforço muito para que isso não venha a acontecer, entende? Então, você tinha perguntado sobre como é entrar pro NA. NA é como se fosse uma pegadinha, véi. Você chega pra parar de usar droga, mas aí, tu começa a se envolver,

nada é obrigatório. Narcóticos Anônimos só promete duas coisas: que tu vai parar de usar drogas e que vai encontrar uma nova maneira de viver. Então, o desejo de usar droga eu já perdi, não tenho mais esse desejo. E agora, é encontrar uma nova maneira de viver, e eu tô encontrando essa nova maneira de viver. **O sentido da vida abrange todo o conjunto de comportamentos e sentimentos relacionados à maneira como se vive. Nesse sentido, a definição de recuperação em NA parece ter grande semelhança com o Sentido da Vida de Viktor Frankl; pois como bem colocou o entrevistado, não é apenas cessar o uso de drogas, mas “encontrar uma nova maneira de viver”. Tal processo de mudança se inicia no campo da ética e dos valores, antes de se chegar ao comportamento, e a narrativa do entrevistado mostra que ele passou por todas essas etapas.**

Pesquisador: Jordão, o que essa nova maneira de viver tem a ver com ajudar outras pessoas em recuperação? E como é isso no seu dia a dia?

J: Então, ajudar outros companheiros a ficar limpo... isso é só um lembrete, na verdade. Porque NA diz que a pessoa mais importante é o adicto que chegou agora, o recém-chegado. Então, assim, quando o recém-chegado chega, ele é um lembrete de que voltar ao uso de droga é uma merda. Se tivesse bom, não taria vindo pra Narcóticos Anônimos, né? Não taria indo pra clínicas, pra religião e tal. Então, é um lembrete, né? Ajudar os outros é me manter em alerta de que não posso me esquecer de onde eu vim. **A comparação de um adicto recém-chegado com um lembrete leva a algumas reflexões a respeito do ciclo da Dádiva na entidade: a adicção leva o adicto a um estado de baixa autoconsciência, por não conseguir enxergar nitidamente o estado em que ele se encontra; sendo assim, a presença de um outro membro servirá como um reforço para a conscientização de si, permitindo com ele enxergue no outro o próprio estado a que chegou.** Eu cheguei aqui porque eu tava destroçado. Eu chegava a pensar que, se o cara matasse o pai, a mãe e o filho, ele ainda poderia ter o perdão de Deus. Mas ele chegar a se matar, não tem mais perdão pra ele. Ele taria se condenando a si próprio. Então, na minha consciência, eu tinha esse pensamento. E eu fiz exatamente isso, eu tentei cortar minha própria vida e tentei fazer a pior coisa que alguém poderia fazer. Então, só de chegar na sala, ver um recém-chegado ali e ver que a minha partilha pode ajudar ele do jeito que a partilha de outras pessoas me ajudaram... **A explanação do entrevistado sobre a sua autodestruição vem acompanhada de alguns valores que ele vivenciou no decorrer da sua experiência: Tirar a própria vida é pior do que matar outra pessoa e menos digna de perdão.**

Quando eu cheguei, eu não sabia o que falar; eu vi que os outros tavam falando de sentimentos que eu sentia, mas eu não tava sabendo expressar. Então, eu tenho a convicção de que o que eu falo hoje, eu sei que a pessoa deve tá sentindo a mesma coisa que eu senti quando cheguei. Então, eu ajudo o outro justamente para eu não voltar ao uso de droga. E hoje, quando eu volto pra sala, e vejo um recém-chegado chegando ali, aí eu me lembro que eu tenho que voltar pra ver o crescimento daquele cara. Porque Narcóticos Anônimos é a auto ajuda, né? Um tá ajudando o outro, sabe? O recém-chegado tá ajudando o cara que tá com 20 anos limpo. O cara tá há 20 anos limpo, mas se ele não

se cuidar, ele recai, pô. Eu já vi pessoas com 15 anos limpos cairem. Eu já recai várias vezes, no início. Então, tempo limpo não é patente. É um dos ditados que dizem dentro de NA: “tempo limpo não é patente”. O cara pode estar com 100 anos limpo, mas se ele não se cuidar e não fizer a coisa pelo motivo certo, ele pode recair para o uso de drogas. Então, o fato dele tá voltando para a sala e tá falando para um adicto em recuperação, é um lembrete. Por isso que eu tô aqui falando, pra que eu não venha voltar a usar droga. Eu tô me lembrando que eu não posso usar. Então, eu ajudar outras pessoas, eu não tô simplesmente ajudando elas, eu tô me auto ajudando. Porque, se por acaso eu chegar a pensar em usar, eu vou me lembrar que eu não posso usar. **Aqui, ele descreve o ciclo da Dádiva destacando que a auto ajuda presente no grupo está relacionada com a ajuda do outro: Ajudar para se ajudar. Ele também expressa que a força para se ajudar diz respeito a enxergar a destruição do outro e usar como um lembrete da própria destruição, que persegue a sua vida como um fantasma sempre pronto para lhes assombrar, caso ele venha a recair.**

Tem outro ditado que usam em NA que diz assim: “o ouvido mais próximo da minha boca é o meu”. Então, o que eu falo, eu ouço. Eu tava partilhando essa semana e tava conversando ontem, dizendo: Aconteceu uma situação que me deu aquela vontade de usar, aí eu comecei a me lembrar de mim e comecei a me lembrar das minhas partilhas. Então, é um dia de cada vez, é só por hoje. Eu tenho que manter a minha fé de que amanhã vai ser melhor. Eu não posso mais fazer como antes. Porque, quando eu tava no uso de droga, o que é que eu fazia? Qualquer probleminha, eu ia e tomava uma, eu cheirava alguma coisa, pra esquecer o problema. Na realidade, eu não tava esquecendo; eu só tava tumultuando o problema, né? E agora eu tô consciente que o problema vem e eu tenho que resolver, que solucionar. Não tenho mais que me esconder atrás de uso de droga. Porque eu tenho a consciência de que, se eu fizer isso, eu não vou estar me escondendo do problema. Eu só vou tá tumultuando ele. E vai chegar um momento, como chegou há uns anos atrás, de eu ter que resolver vários problemas de uma vez. **Houve uma tomada de consciência reflexiva, por parte do entrevistado, a respeito do seu problema, a partir do momento em que ele faz a distinção entre “esquecer” e “tumultuar” o problema.** E agora, qualquer probleminha que aparecer, eu posso resolver um de cada vez. Então, Narcóticos Anônimos, além de ajudar a parar de usar droga, ajuda a mudar o comportamento. Hoje, eu leio bem melhor, porque quando eu me envolvi com NA, eu tive que ler muitos livros, passos, conceitos e tradições. Então, hoje eu leio bem melhor, converso melhor com as pessoas, me expresso bem melhor. Narcóticos Anônimos me ajudou em vários sentidos, tá entendendo? Eu costumo dizer que a maioria dos homem tem um problema de escutar suas esposas. A mulher parece que consegue tirar a paciência do marido rapidamente. **A consciência, que antes se apresentou de forma reflexiva para o entrevistado, agora se apresenta de forma pré-reflexiva: a partir do momento em que o sentido de vida se apresenta, mudanças na vida cotidiana e no campo dos valores acontecem.** E eu não conseguia dar ouvidos à minha esposa, sabe? Aí eu pensei: você chega numa sala de Narcóticos Anônimos – não é todo mundo que a gente gosta, sabe? Tem gente que vem e fala cada merda do caramba – e aí, eu fico lá escutando aquelas porcarias, eu fico escutando aquelas baboseiras. Aí, eu peguei e comecei a pensar:

“como é que eu vou escutar um cara que eu nem conheço e não vou parar para ouvir a minha esposa?”

Então, só nesse sentido, você já vê o quanto te ajudou o Narcóticos Anônimos. Eu já não reajo da mesma forma como eu reagia antes, dentro de casa com a minha esposa e com meus filhos. Eu tenho que ter paciência. Porque, aqui em Pernambuco, as reuniões geralmente têm duas horas. Então, eu chego lá, sento o rabo na cadeira e fico lá escutando todo mundo, até o final. E nem todas as partilhas são boas não. Mas mesmo aquelas que não são boas me ajudam. Me ajudam a ter paciência com a minha esposa, com meu ex patrão – porque, porra, o cara era foda - no trânsito – eu comecei a pensar sobre tá esculhambando os outros no trânsito. Tá entendendo? **A paciência passou a ser um valor incorporado pelo entrevistado, e passou a representar um sentido, a partir do momento em que seu comportamento e seus relacionamentos interpessoais mudaram.** NA me ajudou e me ensinou a ser uma pessoa melhor. Hoje, eu pego um livro pra ler, eu gaguejo bem menos do que eu gaguejava antes. Se eu fosse conversar com você aqui do jeito que eu cheguei em NA, eu taria usando meio mundo de gíria. A cada dez palavras, nove eram gíria, sabe? E hoje, não. São coisas que eu percebo em mim. Hoje eu consigo conversar com qualquer pessoa, sobre qualquer assunto e qualquer ponto de vista, sabe? Isso é graças a NA, porque se você for pra NA e parar para observar... meu irmão, já vi juiz, empresário e médico dentro de NA. Tá entendendo? Vi tudo. Todo mundo vai lá e... meu irmão, é massa. Eu falo assim de NA porque não é superior a uma igreja, mas a espiritualidade lá é muito grande. **Expressões verbais parecem não ser suficientes para expressar a emoção e a dinâmica interna vivida pelos membros de NA, dentro da entidade. Isso parece estar ligado ao que diz Viktor Frankl a respeito da consciência do sentido, que opera no campo pré-reflexivo, sem o uso da razão.** Você vai num lugar aonde você encontra judeu, mulçumano, pessoa de candomblé, mesa branca... de todas as religiões, e você não vê discussão sobre isso.

Pesquisador: Jordão, aproveitando essa sua fala, como você se sente estando no meio de toda essa diversidade de pessoas?

J: Então véi, isso é respeito, pô. Assim, o respeito absoluto, sabe? Porque, assim, ninguém tem preconceito com ninguém. Você vê branco, negro, mulher, homem, gordo, magro, gay, lésbica... tudo. Todo mundo se respeita dentro da sala. Pode não se respeitar fora, mas dentro da sala, o que existe é o poder superior, né? Se o cara acha que o poder superior dele é Ogum, Buda, Alá, Jesus, Abraão... tanto faz; mas lá dentro, é o poder superior. **O respeito à diversidade religiosa também se apresenta como um valor a ser incorporado para depois se transformar em sentido, na vida do entrevistado e dos outros membros.** E o poder superior vem para fazer com que essas pessoas – independente de religião, raça, crença, opção sexual – possam se unir dentro de uma sala sem... isso é massa, visse! Se unir dentro de uma sala sem julgamento. Porque ninguém lá vai para condenar o cara. O único propósito de Narcóticos Anônimos é ajudar; é levar esta mensagem de recuperação. Ninguém fica julgando. Por isso que, quando a pessoa recai, ela continua voltando e recebe sempre um abraço. Porque, quem já usou droga, sabe como é o processo. Não é fácil, véi. Não é fácil você se acordar de manhã e, antes

de tomar café, o corpo pedir uma dose de cana. Isso já aconteceu comigo, pô. **A empatia também se apresenta como um valor, e junto com ela, o respeito às recaídas e a humildade – de olhar para a fraqueza do outro e perceber a semelhança com a própria fraqueza – parecem acompanhar o processo de incorporação desse valor.** Eu ia dormir e já deixava uma garrafa de cana no pé de uma jarra que tinha lá em casa. Quando eu chegava tarde da noite, já tomava e já deixava ela lá pra quando eu acordasse. Todo dia isso. Minha mulher tava dizendo: “já tá virando um pinguço”.

Pesquisador: Jordão, você já passou por tratamento em alguma instituição além de Narcóticos Anônimos?

J: Então, veja só, eu já fui preso, né? Comecei a usar drogas desde os 7 anos de idade. Eu não me lembro exatamente se a primeira droga foi álcool ou cola de sapateiro. Assim, eu me lembro que eu era muito novo, muito pequeno. A primeira foi no final de ano, ano novo: meu tio tava bebendo, e ele encheu o copo; aí, eu pegava o copo, virava e botava lá, era como uma brincadeira. Começou assim, como uma brincadeira. E aí, quando ele via o copo vazio, ele ia lá e enchia de novo. Ele bebia, ficava conversando com os outros, aí eu ia lá, virava e ele enchia de novo. Eu fiz isso várias vezes... mais de 4, 5 vezes. Aí ele me pegou né? Deu umas tapas em mim, mas eu tava bêbado já. Aí, ele nem me levou para a casa do meu avô, porque, se ele me levasse, ia apanhar eu e ele. Me levou para a casa da minha tia. Bebo, sabe? Vomitei tudo. Foi a primeira cachaça que tomei, a mais antiga. Eu não sei se essa foi a primeira vez ou se foi a cola. Eu era pequeno também, eu acredito que tinha 7 anos na época. Porque, hoje em dia, menino com 7 anos não brinca na rua; mas na minha época, brincava, sabe? Aí, eu me lembro que a gente tava correndo e empinando papagaio, aí eu vi meu primo com um negócio de *yakut*; tava com cola dentro e ele tava cheirando. Aí, eu pedi pra ele e disse que, se ele não desse, eu dizia pra mãe dele. Aí ele me deu e eu cheirei. Acho que é coisa de Adicto, sabe? Porque na primeira vez, eu já me apaixonei por aquilo ali. E aí, eu queria sempre, mas eu não sabia o que era. Aí eu comecei a usar a cola, né? Quando eu vim fumar maconha, ninguém tinha me oferecido; eu via os outros fumando e jogando a baga fora; aí, eu corria lá e pegava a baga. Nisso daí, eu fui crescendo, me envolvendo com as pessoas, mas com pessoas da minha infância. Depois conheci uns amigos de ,outros lugares e comecei a ir aonde eles moravam. Local barra quente, barra pesada mesmo. Comecei e me envolver com os caras lá. Os caras roubavam, faziam homicídio, tráfico de droga, arma... aquela coisa toda do mundo do crime. E aí, eu fui me envolver com aquela turma ali; eu tava com uns 16 anos na época. Fui me envolvendo e começando a vender droga lá, também. E aí, eu fui roubar. Não vou dizer que fui roubar para usar droga, né? Mas é aquela coisa né... “quem se junta com porco, farelo come”. Falo por experiência vivida, porque tinha um cara lá que cuidava dos porcos; e aí, o dono saiu e botou outro rapaz para cuidar no lugar dele; aí, esse cara tinha nojo de pegar na lavagem e botar pros porcos comerem; e depois de um tempo, ele começou a comer aquela lavagem. Aquela lavagem já não era mais nojenta pra ele. Aí, eu comecei a andar com as pessoas. Porque, no início, eu fui pra lá só para usar droga, conversar com pessoas diferentes, porque eu comecei a achar que o local aonde eu morava tava morgado. Aí, eu só fazia fumar. Os caras roubavam, voltavam e

botavam droga pra todo mundo. E aí, ninguém nunca passou na cara e nem falou nada, mas eu comecei a me sentir daquele jeito porque os caras todos roubavam ou traficavam. Eu comecei a querer fazer também; comecei a me incomodar com aquela situação e queria fazer também. E aí, eu soube certa vez que tinha um cara que queria me matar; não sei o motivo e tal. E aí, teve um amigo que disse: “tem um revólver aqui, é 150. Que comprar?”. E aí, eu fui roubar e tal. E aí, eu fui preso e fui parar na cadeia. Peguei um ano e 6 meses de cadeia. Era pra eu passar 9 meses, mas passei o dobro da pena. Foi ruim né, meu irmão. Na maioria do tempo, fiquei assim... não abandonado... mas eu tinha pouca visita, sabe? Minha família ia pouco me visitar. E eu bati muitas vezes com a cabeça na parede, tá entendendo? Queria endoidar, queria ver uma rebelião dentro da cadeia, sabe? Desejando coisa ruim. E foi dentro da cadeia que eu conheci o crack. Eu até usei assim com medo, porque eu vi os outros caras lá chuparem os outros para usar pedra, vi os caras levarem facada porque não pagou, e vi muitos caras apanharem. Graças a Deus, não aconteceu isso comigo. Então, eu comecei a usar lá e, em pouco tempo, eu saí da cadeia. E aí, eu vim pra rua. E quando eu cheguei na rua, não tinha trabalho pra mim. Inclusive, eu fui arranjar um emprego e o cara não queria me dar. Um amigo meu tinha sido chamado para trabalhar de ajudante de pedreiro, mas ele não foi porque tinha um serviço de carteira assinada pra ele. Aí, ele me botou na fita. Eu tava a fim de trabalhar sabe, meu irmão? Porque depois o cara quer tomar uma cerveja, comprar um cigarro, sair com uma mulher e tal... e o cara precisa de dinheiro. E aí, a turma não me deu oportunidade. Fiquei doidinho e... assim... porque eu já sabia que eu era de maior e meu pai não tinha obrigação. E aí, eu falei com um amigo meu que tava na cadeia e se soltou; e aí, eu arranjei umas drogas e comecei a vender, comecei a adiantar. Meu dinheiro era só pra consumir; eu não comprava roupa pra mim, nem nada... só pra consumir. Eu bebia muito, nem usava mais crack nessa época. Só fazia fumar maconha e tomar cachaça. Agora, eu tomava muita cachaça. Era aquela coisa: eu trocando uma droga por outra.

E aí, foi isso. Minha vida na cadeia foi punk. Quando eu saí de lá, não queria voltar para a cadeia. Antes de vender droga, eu tentei roubar novamente. Arranjei uma arma emprestada e fui roubar, mas aí, eu fiquei com medo quando eu vi uma ambulância passando, e eu pensei que era a polícia. Fiquei meio traumatizado. E eu decidi que roubar não dava mais pra mim, nera? Aí eu pensei: Vou traficar, né? Porque, aí, eu fiquei sem opção na realidade né, meu irmão? Tanto é que quando apareceu uma opção de trabalho, a mulher falou para o cara da minha vida e eu passei 12 anos nessa empresa. Eu passei um ano recebendo menos do que um salário mínimo. Pegava de manhã e só largava tarde da noite, sabe? E, no final, o cara ainda vinha dizer que eu tava roubando ele. Eu, de fato, desviava dinheiro. Mas aí, quando eu entrei em NA, eu comecei a parar com essa situação, que era constante. E a quantidade de dinheiro que tavam dizendo que eu roubava era absurda. Não tinha condições. Aí ficou um negócio chato. A minha vida foi essa. Eu não fui muito... eu era revoltado com minha mãe. Das vezes que eu tentei me matar, ela foi lá falar pra minha tia, sabe? Eu era muito pequeno. Eu era revoltado com minha mãe. Um dia, quando eu era muito pequeno, minha tia tinha ido visita minha mãe; daí elas conversando falado de um ex namorado da minha mãe que toda vez que ele bebia chegava em casa, batia na minha mãe. E em uma dessas vezes, ele bateu nela e depois foi dormir.

Então, ela foi e colocou água no fogo; e quando a água ficou bem quente, ela jogou na cara dele. Eu ainda não era nascido. Nunca me esqueci disso. Minha tia perguntou para a minha mãe qual teria sido o filho que ela havia tentado matar. Minha mãe tentou me matar afogado no mangue quando eu ainda era um bebê. Ela falou isso, falou isso tudo com detalhes pra minha tia na minha frente, como se isso fosse uma piada. Nunca me esqueci disso. Eu lembro dessas coisas de quando eu era pequeno. Mas também já aprontei um bocado de merda, sabe? Não sei se foi revolta, não sei o que foi. Apanhei pra caramba da minha mãe. Eu sei que eu usei muita droga, sabe doido? Mas se foi revolta, trauma, safadeza, eu sei que hoje eu tô em fase de crescimento, sabe? Tô me lapidando como pessoa, tô procurando crescer na vida como pessoa. Tenho planejamento hoje de querer abrir um negócio pra mim, tenho planejamento de... porra meu irmão! **Aqui, o entrevistado traz as experiências de vida que o levariam futuramente à adicção. Notam-se algumas diferenças em relação aos outros entrevistados: presença de violência física na família e na comunidade; ausência de suporte familiar; uso experimental de drogas ainda na infância; convivência e envolvimento com tráfico de drogas; baixa renda familiar; discriminação racial; e, por fim, prisão e experiências carcerárias.**

Quando eu cheguei em NA, eu só tinha a minha casinha pequenininha de madeira e tal; aí, hoje eu tenho duas casas, véi. Tenho moto, sabe? Tô desempregado, mas não tá faltando nada, sabe? Todo mundo vive me ajudando. E NA também, sabe? A gente pensa que não tem nada, mas quando paro pra pensar, até um tempo atrás, eu só queria sair da cadeia. Aí, eu queria arranjar emprego, arranjei emprego, me viciiei no crack, queria parar de usar crack, parei de usar crack. Queria viver bem, ser feliz... porra, eu tô, pô. Minha vida tá massa, véi. **O ciclo da Dádiva ganhou proporções para além do grupo do NA, e hoje em dia, tem outras pessoas que ajudam Jordão. Essa transformação grande no campo dos relacionamentos interpessoais parece reforçar as mudanças de valores nele e a sua transformação pessoal.**

Pesquisador: Como foi o contado inicial com o NA e o despertar para a vontade de reconstruir a sua vida?

J: Meu irmão, não sei exatamente. Acho que veio automático, sabe? **Novamente, o encontro com o Sentido da vida acontecendo de maneira pré-reflexiva e intuitiva, como diz a teoria de Frankl.** Mas, assim, eu fiz uma situação há uns quatro anos atrás. Eu passei três anos limpo e a uns 4 anos eu tô em fase de recuperação. Aconteceu uma situação que... eu tava cansado já, pô; toda vez eu tava aprontando uma. Toda vez eu fazia alguma coisa que fazia com que meu relacionamento com a minha esposa e meus filhos ficasse um negócio chato, sabe? A casa não ficava aconchegante, mas eu sabia que era por causa de mim. E eu fiz algo que, eu não usei droga, mas assim, quase teve uma separação e a coisa em casa ficou muito chata. Aí, eu acordei pra vida e pensei: “pô, vou viver isso até quando? Toda vez fazendo burrada.” **O processo de mudança de valores aconteceu acompanhado das reflexões do entrevistado acerca dos prejuízos no campo dos relacionamentos interpessoais.** Aí eu comecei mais ainda a me apegar aos passos de NA. Comecei a ver o que NA dizia em relação a essa situação. Porque assim,

estar em recuperação não é parar de usar droga. Parar de usar droga é tá limpo, véi. Mas pô, o cara trai a mulher, o cara desvia dinheiro, o cara é ignorante, é arrogante, é prepotente, é arengueiro, é trambiqueiro, sabe? Porra, meu irmão, isso não é recuperação. Recuperação é como praticar uma religião. Eu não acho que o cara tenha que praticar uma religião, mas o cara pode chegar próximo a Deus sendo uma pessoa correta, tá entendendo? Sendo uma pessoa justa, sendo uma pessoa honesta. **Novamente sinalizando os valores que ele passou a adotar e que foram o conduzindo às suas transformações: Justiça e honestidade.** O programa diz: “em NA, até um doido fica limpo. Só não fica limpo um desonesto”. Então, se você bota a honestidade em recuperação, meu irmão, não tem brecha para a traição, não tem brecha para arrogância, pra ignorância, ódio. Aconteceu uma situação, por falar em ódio... um amigo meu matou o meu irmão. Eu não tinha parado de usar droga ainda não. E esse cara era meu amigo; e eu fiquei naquela ânsia de querer matar ele, sabe? Pensei várias vezes em matar o pai dele, a mãe, o irmão, e depois, pegar ele. Ficou aquela coisa toda me corroendo por dentro; sentimento de ódio, sabe, irmão? E NA fala que a gente tem que se desprender desse sentimento. Tem os “evites”, sabe? Os primeiros “evites” são: lugares, pessoas, e hábitos da ativa. Narcóticos Anônimos tem isso. E, se não me engano, também tem dizendo, na literatura de NA, pra você se desprender do ódio, sabe? Porque, tem uma palavrinha que não me vem à memória agora... Ressentimento, sabe? Então, tem que se desprender dessas coisas, sabe? Porque eu sempre ficava com esse sentimento negativo, sabe? Então, qualquer barulhinho, eu queria fazer algo, aí lembrava da situação e me alimentava. E aí, em NA, querendo ou não, tem lá Deus, o Poder Superior, né? Tem lá os Doze Passos. E nesses doze passos, a palavras Deus tá, se não me falhe a memória, cinco ou seis vezes. **Um grande momento de autotranscedência pode ser observado na medida em que o entrevistado consegue se afastar não somente da intenção de matar, mas também, do sentimento de ódio existente por outra pessoa. Apesar da persistências de algumas idéias, os seres humanos são livres para se reposicionar diante delas; e um reposicionamento pode ser bastante difícil se não for acompanhado de um valor transcendental, maior do que si próprio.**

Pesquisador: É um programa que mexe com o seu lado espiritual?

J: Totalmente. Se você tá bem espiritualmente, a mãe do cara pode morrer, o cara usar drogas, o filho se suicidar... isso são partilhas que ouvi dentro de NA, sabe? Aconteceu comigo de o meu pai morrer. Então, assim, se você tá bem espiritualmente, fisicamente e mentalmente, fica mais fácil consertar, sabe? Isso é meu ponto de vista: “O que NA é? NA é uma pegadinha”. O cara vem para parar de usar droga, mas na realidade, a intenção é que o cara se aproxime de Deus. Porque, qual é o cara que, no uso de álcool e no uso de droga, tá próximo do Poder Superior? Não tá, meu irmão. Ele tá distante. O cara nem liga pra higiene, sabe? Não tá nem aí pra nada, sabe? Totalmente desrespeitoso, descuidado consigo próprio. Aí você começa a vir pra NA e começa a botar em prática o que é sugerido, né? Porque muitas vezes as pessoas vêm, mas não botam em prática o que é sugerido. Mas se você botar em prática o que é sugerido, o cara vai viver uma vida fantástica. Vê só, o cara desempregado... aí o cara conseguiu comprar uma moto pra ele,

conseguiu construir duas casas.... porra! Vê com a minha esposa, sabe? Tem uns probleminhas que acontece, mas isso acontece com tudo mundo. Até o Papa tem problema, tá ligado? Qualquer presidente aí, rei, rainha... têm os seus problemas. Jesus também teve problema. **A reflexão a respeito da espiritualidade na fala de Jordão se refere à relação com Deus e o Poder superior, mas também faz referências ao movimento autotranscendente, quando ele aponta para a mudança de vida e hábitos, mas sem detalhar a maneira como isto acontece.**

Pesquisador: Muito obrigado pela sua participação, Jordão!

5.2.3.2. Diário de Campo 3

Dos entrevistados na pesquisa, Jordão apresenta um diferencial quanto à sua condição socioeconômica, seu grau de instrução e o contexto em que viveu e cresceu: morador da comunidade do Jordão até os dias de hoje, que se caracteriza pela baixa renda, uso de drogas, tráfico local e violência. Jordão teve participação em todos esses processos presentes na sua comunidade. Também é o único entrevistado de cor negra, fator biológico que também exerceu suas devidas influências nas experiências vividas por ele.

Apesar da disponibilidade e interesse em participar voluntariamente da pesquisas, meus preconceitos me fizeram acreditar que eu deveria oferecer algo em troca pela sua contribuição. Ofereci um lanche e uma ajuda na gasolina – ele foi na sua moto até o local da entrevista – e me surpreendi ao ver ele recusar todas as ofertas de ajuda. Seu argumento para a recusa era a própria Dádiva em si: disse que estava fazendo aquilo porque acreditava que aquilo seria bom para a irmandade, e que novamente estaria dando de graça uma ajuda para eles, que foi o que ele recebeu de graça. Eu me senti afetado por esse gesto, tanto positiva quanto negativamente: no aspecto positivo porque pude perceber a transformação nos valores que o ciclo da Dádiva promove nas pessoas; negativamente porque me vi endividado e sem saber como corresponder àquilo. Reflito, a partir disso, sobre o quanto que o endividamento da dádiva afeta as pessoas das mais diversas maneiras, e que só a convivência promovendo o fortalecimento do laço social ali criado é que poderá sinalizar a melhor maneira para retribuir aquele gesto solidário.

Outra observação sobre a entrevista com Jordão é que, apesar de ter sido perguntado, ele pouco falou sobre o valor da dádiva em si; sobre ajudar e ser ajudado. Suas reflexões sobre o trabalho do NA ainda parecem ser muito autorreferentes, exaltando

a força interior, a decisão pessoal e a experiência de vida; e enxergando o outro muito mais como um lembrete de um estado de deploração anterior.

Recentemente, em março de 2020, falei com ele pelo *Whatsapp*, a fim de saber como estava a sua vida. Ele relatou que acabou de construir uma terceira casa, juntamente com a sua esposa, e que a está colocando para aluguel. Também relatou que o seu sobrinho foi assassinado na sua comunidade no início deste ano, vítima da violência do tráfico de drogas, com o qual era envolvido.

5.2.4. Participante 4: Kátia, 39 anos, moradora de Recife, Várzea

Kátia é natural de Recife-PE. É divorciada e tem dois filhos: uma moça de 19 e um adolescente de 17, ambos morando com ela e com o pai, em semanas alternadas. Trabalha no setor administrativo da Secretaria de Saúde da Cidade do Recife. Frequenta a entidade NA desde fevereiro de 2018.

5.2.4.1 Entrevista 4

Pesquisador: Kátia, Comente sobre a sua experiência de se tornar membro do NA?

K: Boa noite, meu nome é Kátia, como já foi dito. Então, minha experiência... tudo começou quando eu... muito jovem, já via que eu era uma adicta, por já, geneticamente falando... eu não sei se... meu pai era um alcoólatra. E eu sempre tive uma infância muito conturbada; vivenciei, na minha infância, indo com a minha mãe buscar meu pai caído nas valas. E foi uma infância muito sofrida. Eu e meu irmão, a gente sofreu muito durante toda a infância. Vimos todo um império desabar, porque a gente vivia muito bem, morávamos em São Paulo, tínhamos uma vida assim, totalmente estruturada, meu pai tinha um excelente emprego, e ele perdeu tudo. E, com isso, a adicção dele foi aumentando, e ele vinha com homens pra dentro de casa. Minha mãe terminou se envolvendo, e se separaram. Ele veio para Recife e eu e meu irmão ficamos em São Paulo com a minha mãe; e lá, a nossa vida começou a ser só de sofrimento. Minha mãe se envolveu com o rapaz com quem ela traiu o meu pai, e ele agredia a gente. Meu pai tentou mandar buscar a gente, mandou a mãe dele buscar a gente, por várias vezes, mas não conseguiu. Minha mãe conseguia fazer com que eu agredisse a minha avó verbalmente. Isso, pra mim, foi muito sofrido. Minha avó criou esse impasse comigo. Por várias vezes,

a minha avó paterna foi lá e a minha mãe não deixava ela trazer a gente. Passamos fome. Com o passar dos anos, meu pai pedia que a minha avó materna, que é a mãe dela, fosse buscar a gente. E aí, ela foi e conseguiu trazer a gente pra Recife. **Segundo as palavras da entrevistada, a destruição da sua vida começou muito antes de ela desenvolver a sua adicção, ao contrário dos outros entrevistados. E isso teve origem nos conflitos familiares, que favoreceu, para ela, experiências de abandono, violência física, violência verbal e condições socioeconômicas precárias.**

Chegando em Recife, meu pai continuava bebendo. Não conseguiu emprego, então ele decidiu voltar para São Paulo. Isso, pra gente, foi outro choque porque nós pensamos que iríamos morar com o nosso pai; e, de repente, nos vimos largados. Então, meu pai volta para São Paulo e nós tivemos que continuar morando com os nosso avós por parte de pai. Logo quando a gente chegou, eu tinha a opção de ficar com os meus avós paternos ou maternos. Mas eu passei por uma experiência muito ruim, porque a minha tia por parte de mãe me aliciou, e foi muito horrível, foi uma experiência horrível. E, até hoje, eu tenho isso como um trauma. Eu acho que são várias coisas que você passa durante a sua vida, e você vai levando, levando... ficam como marcas e, com o tempo, eu fui crescendo. **Não há registros, na entrevista, de a entrevistada ter passado por psicoterapia.** Meu pai, antes de voltar para São Paulo, convidou o primo dele para batizar a gente, pois a gente não era batizado ainda. Então, esse rapaz batizou e morava na casa dos meus avós; e, assim, eu tinha uma consideração muito grande por ele, mas também, ele foi um que me abusou, tentou me aliciar, e... (pausa)... à noite, quando isso aconteceu, eu tentei falar pra minha avó, mas ela me proibiu e disse que, se eu fizesse isso, ela iria me bater, porque ela gostava muito dele. Isso pra mim foi horrível, horrível. Eu acho que eu nunca vou perdoar a minha avó por isso. Porque ela deixou que esse homem ficasse na casa; era neto dela, mas neto de segundo grau, diferente de mim, que sou neta de primeiro grau. Mas, assim, foram coisas que aconteceram na minha vida, que me marcaram e que ficam como marcas, cicatrizes. **A entrevista com Kátia chama a atenção para um recorte de gênero, pois ela sofreu violências físicas, psicológicas e sexuais, e que são sofridas em sua grande maioria por mulheres. Houve ofensa sexual acobertada pela própria avó e, ao que tudo indica, uma tia também. Não especificou sobre em que sentido foi aliciada.** E eu cresci, né? Não tinha um acompanhamento, e não tive mãe que me orientasse... sexualmente. Quando eu menstruei pela primeira vez, eu achei que eu tava morrendo. Vi minha avó pedindo para uma tia minha me dizer o que tava acontecendo, porque ela não tinha coragem de me dizer; e aí, minha tia veio e me explicou o que tava acontecendo. E aí, foi quando eu vim saber o que era menstruação. E eu lembro que comprava muito aquelas revistas, “Querida”, na banca, que vendia toda semana, e que era pra saber quando era que eu tava preparada para a primeira transa, porque eu não tinha esse acompanhamento. **Solidão, desamparo e falta de orientação sexual também marcaram as experiências de vida da entrevistada.**

Então, aos 19 anos, eu fui e tive a minha primeira vez com um rapaz, e caí na besteira de falar para uma prima minha, que disse para o meu avô. E o meu avô veio e me perguntou, eu lembro assim na hora do jantar, e eu fiquei sem ação, e... não neguei, né? Disse a

verdade, o que tinha acontecido, e ele queria que eu casasse. E eu disse que isso não ia acontecer, porque eu já era de maior, não tinha acontecido nada, não tava grávida. Eu morava no Cabo. Isso, com certeza, iria repercutir, porque era uma cidade pequena. E ele disse que “ou eu casava, ou eu saía de casa”. E eu perguntei: “o senhor vai me botar pra fora de casa?”; ele, então, me deu um tapa e me botou pra fora de casa, tarde da noite. E aí eu tive que sair de casa e fiquei perambulando durante dois meses, em casa de amigos e amigas. **Experiências de vazio tentem a crescer quanto mais precária se torna a condição do indivíduo. Neste caso, a entrevistada se via isolada, desamparada e desenraizada, sem saber para onde ir e o que fazer no dia seguinte.** E nesses dois meses que eu perambulei, eu conheci o meu primeiro marido, que foi o pai dos meus filhos. E ele era um cara 14 anos mais velho que eu. E, assim, como ele era um cara bem mais velho, eu acho que foi uma questão de comodidade, sabe? **Na experiência de vazio existencial, decisões podem ser tomadas de maneira impensada, sem levar em conta a totalidade de si e do outro. No caso da entrevistada, a fragilidade em que se encontrava, necessitando de um abrigo e de um porto seguro, levou-a a aceitar morar com um homem sem o conhecer muito bem.** Ele tinha uma casa e tal, era professor, me matriculei num cursinho, comecei a me envolver com ele. **Mais do que um abrigo, o seu novo companheiro começou a oferecer uma estrutura para ela reconstruir sua vida, dando a ela, também, novas esperanças.** E nesse se envolver, eu fui me envolvendo mais ainda com ele... e ele é um cara boêmio. Eu não sabia dessa boemia dele, quando eu vim saber, eu já tava envolvida. Eu com 19 anos, já tinha predisposição, né? A faísca já estava ali; e eu.... e aí.... eu.... lembro que ele me levou para sair, perguntou se eu bebia, e eu disse que não. E aí... “mas prova”... e aí eu fui nessa. Provei uma, provei outra; e todas as vezes em que a gente saía era uma bebida diferente, e eu comecei a pegar gosto pela coisa. Eu sei que, em um ano, eu engravidei. Eu não queria engravidar; eu tentei tirar a minha filha, com o apoio dele. Foi uma experiência horrível. Tive uma gravidez de risco; ele era um cara que saía na sexta e voltava na quarta-feira da outra semana. Ele era adicto mas não sabia, e nem eu sabia. Porque, o cara beber da forma que ele bebia...? Eu sei que isso foi aumentando, aumentando, e eu comecei a beber demais também. E ele também começou a beber.

Eu lembro que, quando tive a minha filha, ele disse que quando a menina fizesse um ano, a gente ia se separar. Terminou que a gente não se separou, mas aí, ficou aquela relação horrível. **O relacionamento entre eles já estava desgastado, e a adicção foi aumentando graças ao vazio e a falta de sentido que vou tomando conta do relacionamento, fazendo com que a bebida assumisse claramente um mecanismo de fuga.** Cada um para o seu lado: eu saía, ele saía, e eu saía pra farrear com as minhas amigas... muita bebida. Foi horrível, foi horrível. E, depois que engravidei do meu segundo filho... eu coloquei um DIU e engravidei do meu segundo filho. Também foi uma gravidez... eu não tentei fazer nada; daí, eu tive e fiz a minha laqueadura. Depois que eu tive ele, eu engordei, assim, demais. Aí, nesse intermédio, eu já tava bebendo muito. Muito mesmo, e já tava muito gorda. Eu já cheguei a pesar 115 quilos, muito gorda. E a minha autoestima lá embaixo, sabe? Eu já não aguentava mais. **A partir da sensação de falta de sentido, a entrevistada vai deixando de lado o autocuidado e o amor próprio.**

Era aquela relação onde ele me agredia. Eu sei que chegou um momento em que eu pedi para se separar. Ele não queria sair de casa. Até que, numa dessas agressões da vida... a gente teve uma agressão que foi na frente de um colega dele. O colega dele segurou ele e disse que ele iria sair de casa. Ele saiu e, graças a Deus, tá até hoje. E eu soube, logo depois, que ele se envolveu com drogas e foi internado também. Hoje ele também frequenta NA, né? E ... enfim!

Depois disso, eu conheci outra pessoa e me relacionei também. Fiz uma redução de estômago. Quando eu fiz a redução de estômago, eu comecei a beber mais ainda. Eu acho que... acho não, tenho certeza que tem alguma coisa a ver. Eu acho que, quando você faz essa cirurgia, você troca, você substitui. **Há pesquisas que comprovam que pessoas que passam por estas cirurgias desenvolvem uma predisposição para consumo compulsivo de bebidas alcoólicas.** Então, eu comecei a beber mais, e eu sei que a minha adicção piorou. E eu também fiquei mais fraca pra bebida, porque antes eu aguentava beber muito mais. E depois que eu fiz a cirurgia, eu não tinha mais aquela resistência que eu tinha antes. E aí, culminou com a depressão. Meu atual companheiro, ele me traiu; o que tava comigo, ele chegou a me trair. Eu achei que ele tinha me traído porque eu tava gorda, e eu optei por fazer a cirurgia. Porque eu pensei que se eu fizesse a cirurgia, ele não iria me trair. E ele me deu todo apoio, ficou comigo, me acompanhou no hospital e tal. E fiz a cirurgia e deu tudo certo. Eu perdi peso, cheguei na minha meta, e mesmo assim, ele me traiu de novo, arrumou uma filha. E eu só fiz piorar. Até que eu cheguei a ir para um CAPS. Acho que foi onde eu passei mais tempo. Aliás, eu busquei ajuda com um psicólogo e psiquiatras. E o máximo que eu consegui foi um mês limpa. Recai. Depois, busquei ajuda num CAPS. E no CAPS, foi o máximo de tempo que consegui ficar limpa, que foi um período de três meses. E aí, eu ia para as reuniões, que eram duas vezes na semana. Eu tinha acompanhamento com psiquiatra. Só que eu me sentia um peixe fora d'água porque, assim, na reunião, as pessoas partilhavam e eu era a única que tava abstinência totalmente; todo mundo que tava ali não tava abstinência. / Um tinha usado dois dias antes, outro uma semana antes, outro tinha usado a três dias; e eu não me sentia bem, sabe? Eu via que o esforço dos profissionais era grande. Eles até diziam: “não, mas vocês têm que se esforçar pra tentar se manter abstinência, por causa da medicação”. Mas eu via que não era aquilo o que eu queria, tá entendendo? Eu não me sentia bem, não pelos profissionais, mas por estar ali, e por não ver mulher. **A questão de gênero reaparece no caso de Kátia e afirma o seu lugar de importância na identificação com as pessoas que buscam a recuperação. Me parece que, no caso dela, sua necessidade vai ainda um pouco além da questão de gênero: Ela queria estar entre pessoas que viveram experiências minimamente semelhantes às dela.** Eu não via mulher, a não ser, as psicólogas, quando eu tinha reunião com elas. E foi quando teve uma festa de confraternização que foi muito acolhedora, foi maravilhosa assim. Mas depois disso, no dia 16, eu tive uma discussão com meu companheiro e eu recai. Eu recai no dia 16 de dezembro, e eu bebi do dia 16 até o dia 28 de dezembro, que foi quando minha filha chamou um resgate e conseguiu uma cota social pra mim numa clínica em Gravatá. E eu fui internada involuntariamente, e fiquei sete meses internada nessa clínica.

Os primeiros meses foram horríveis. Eu fiquei, acho que uns cinco dias à base de medicação, totalmente dopada. Porque, quando eu acordava, eu queria me matar. **O terror dos primeiros momentos na clínica parecem estar relacionados à sensação de extremo vazio em relação à vida, somada à incapacidade de se matar que as medicações lhes proporcionavam.** Foi muito, muito ruim. Lá, eles falavam muito dos passos de NA, do programa, que o programa funcionava. E eu não entendia nada, não sabia o que era Narcóticos Anônimos, não sabia o que era o programa. E eu cheguei num dia – não fui falar com terapeuta e nem com ninguém – fui falar com um monitor que se chamava... e eu perguntei pra ele “como o programa funcionou na vida dele?”. Porque ele ficou limpo através do programa, frequentando salas de NA. E aí, ele virou pra mim e disse: “Leia o livro azul”, a parte de ‘Por que estou aqui?’, ‘o que é um adicto?’, e, depois, você começa a ler os passos, e aí, você me diz.” **Estes capítulos do texto básico de NA já propõem algo de muito valor e do qual um adicto mais sente falta ao chegar no “fundo do poço”: um olha para si, um reconhecimento da sua atual condição, proposto por quem já teve a experiência de estar nesse lugar que, atualmente, está sendo ocupado por ele.** Ele me contou a história de vida dele e eu fiquei muito chocada com a história de vida dele, sabe? Em como foi impressionante a mudança de vida dele, em como ele conseguiu, sabe? E aí, eu fui ler o livro azul de NA, me encantei e comecei a querer isso pra mim. E, além disso, eu comecei a, durante a noite, falar com Deus. Eu me ajoelhava e, no primeiro dia, eu me lembro como se fosse hoje, eu me ajoelhei e, meu joelho doía. Era um negócio assim, incomodável, sabe? O joelho doía e você não sabia o que falar. Mas eu falei. Lembro que foi pouco tempo, mas eu falei. No segundo dia, também. Mas, depois de uns quatro dias que eu fiz estas mesmas coisas, esse mesmo ritual, naquele mesmo horário, eu já tava como tivesse espinho na minha cama, sabe? Era um negócio assim, impressionante. Eu tinha que me levantar, me ajoelhar e falar com Deus. E eu começava a orar, falar com Deus, e quando eu vinha perceber, tinha passado uma hora falando com Deus e não tinha percebido. E aí, aquilo começou a ficar habitual ao meu tratamento. **Conversar com Deus parece ter favorecido um movimento de Autotranscedência através do Auto distanciamento. Segundo Frankl, o auto distanciamento permite com que o indivíduo olhe para si através de um outro ângulo, podendo observar as suas nuances com mais detalhes.**

Pesquisador: Você lembra do que você conversava com Deus? (**Senti necessidade de compreender mais o seu movimento de autotranscedência**).

K: Eu pedia a Deus que ele me orientasse, que ele me desse forças para suportar aquilo, que ele tirasse aquela angústia de dentro de mim, que ele removesse, de dentro de mim, aquela vontade que eu tinha de morrer, porque eu tinha uma vontade de morrer enorme. **A angústia existencial da entrevistada foi bastante marcada pela ausência de orientações, conselhos e cuidados, por parte de outras pessoas, levando-a a um estado de total desamparo e desespero.** Eu pensei muito em suicídio, eu tentei me matar; eu tomei as minhas medicações com álcool né?, duas vezes. Na terceira vez, o meu filho pegou uma faca e disse que se eu fizesse de novo, ele iria se matar. **Aqui, a consciência da entrevistada é acionada para a responsabilidade e o sentido, quando**

percebe que existe alguém que precisa dela e de quem ela tem o dever de cuidar. Então, são coisas assim que eu via que não era de Deus. Não é de Deus você querer tirar a sua própria vida. E aquela internação, era como se ela me desse conforto. Aquela dor foi aliviando, o tempo foi passando mais rápido. Eu comecei uma aula de dança que eu não gostava; tinha um professor de dança que saiu e depois entrou um professor de educação física; e eu tomei pé pela coisa e me dediquei à aula de educação física. Daí, eu comecei a malhar e a perder peso. **O que começou como uma prática aleatória, rapidamente adquiriu sentido ao perceber que aquela prazer que ela estava experimentando, pelas atividades físicas, poderia se somar ao objetivo de perda de peso, mudança na autoimagem e melhora da autoestima.** Eu sei que o tempo passou de uma forma... e eu comecei a fazer os passos. Passei do primeiro passo, fiz o segundo, fiz o terceiro, fiz o quarto e ... por incrível que pareça, o meu terapeuta não aceitou, porque tinha que falar sobre a sua própria vida e eu tinha sido muito detalhista. E eu me apeguei a coisas assim ... ele disse que queria que eu fosse mais direta, menos detalhista. E aí, eu refiz o que ele queria, só que o que eu achava que precisava era de mais folhas. Mas não era; o que precisava era mais de emoção, de coração. E foi isso o que eu fiz: eu coloquei mais coração, mais vida. **O sentido também se manifesta na maneira de ‘Sentir’ a vida, e isso tem relação direta com as emoções. Na medida em que a entrevistada vivencia as suas emoções e sentimentos, ela vai deixando de lado a apatia e o esvaziamento emocional que parecem ser característicos da adicção ativa.** E aí, quando eu li, era exatamente o que ele queria, e foi uma coisa muito espiritual. E, fora isso, eu também ajudei outras meninas a fazerem os passos. E eu lembro que eu não dei mais trabalho, depois que eu aceitei o programa, depois que eu aceitei fazer parte. Eu recebia as meninas dentro da clínica, principalmente quando era problema relacionado a álcool, que era o mesmo problema que o meu. **Novamente, a similaridade de experiências facilitando na identificação mútua e na consequente vinculação ao trabalho de NA.** Teve uma companheira que demorou a aceitar e a se render; mas quando se rendeu, se rendeu por completo; tá aí na rua, se dedicando a Narcóticos Anônimos.

Pesquisador: Aproveitando essa sua fala, como é, para você, ajudar outras pessoas a se recuperarem da adicção?

K: Assim, como eu disse, eu fui através de cota social. Então, eu acho que nada melhor do que você dá de graça o que você recebeu de graça. Então, hoje eu quero, através do programa de NA – que eu sei que esse programa tem algo espiritual. Porque, quando eu saí, saí tendo que reaprender a viver. **Essa frase, “encontrar uma nova maneira de viver”, foi repetida por outro usuário e está dentro do texto básico de NA.** Você sai tendo que reaprender a viver, e você começa fazendo isso engatinhando, sabe? E quando você sai, você sente um vazio dentro de você, um oco (**Experiência de vácuo existencial**). E quando eu saí, eu saí numa ressocialização; e o meu companheiro, ele terminou comigo. Então, eu voltei para a clínica e os terapeutas não acreditaram. **O fim do relacionamento desencadeando o retorno à clínica mostra que a entrevistada estava apenas abstinência, mas estava vulnerável, pois não havia responsabilidade nas suas escolhas e nem se via livre, pois estava presa no vácuo existencial.** E quando eu

saí novamente, eu saí decidida a ajudar as pessoas a se recuperarem, se reencontrarem. Mas eu decidi fazer isso se identificando com o programa, porque eu sei que ele pode ajudar, ele salva vidas. O programa diz que você tem que frequentar 90 dias e 90 reuniões. Porque você se sente oca, vazia, deprimida. E logo quando eu saí, eu fui para um evento de NA, um “ENCONPASSOS”; e lá, eu vi várias partilhas. E numa dessas partilhas, eu vi o terapeuta partilhando isso, esse vazio que ele sentia. Ele foi internado duas vezes e ele sentia isso com muita intensidade. Só funcionou com ele voltando para as reuniões. Aí eu me vi naquele homem, eu me vi. Aí, ele disse assim: “só funciona se você continuar voltando”; e realmente funciona. E funciona, porque eu continuo voltando, hoje vou para a minha quinquagésima segunda reunião, e eu não sinto mais esse vazio. Eu sinto na necessidade de estar na sala, de escutar as pessoas partilhando. **Uma vez se identificando com uma pessoa que partilha uma experiência semelhante à que ela viveu, a pessoa passa a aceitar as partilhas e, até mesmo, usar como sugestões para a sua vida, algumas atitude que fizeram com que a outra pessoa mudasse de vida.** E cada partilha daquelas, não ela toda, mas um pedaço dela se encaixa com você, e você se identifica. Porque são doenças e você se identifica.

Pesquisador: O que mudou na sua vida, no seu dia a dia, nos relacionamentos, após essa entrada no NA?

K: O que mudou em mim foi muita coisa. Eu me tornei uma mãe mais amável, mais paciente, que sabe escutar mais. Eu era muito impaciente, muito incompreensiva, muito imediatista, que quer tudo pra agora. Então, eu não tinha aquela paciência de sentar com meus filhos, de conversar e escutar eles. E hoje, eu sento, escuto e sinto a necessidade de estar com eles. NA tem me ensinado isso, sabe? Tem me dado essa Dádiva de escutar. **A palavra Dádiva foi pronunciada por ela de forma espontânea, sem ter a noção de que se tratava de uma tema central na pesquisa. Além disso, se percebe aqui que ela traz a capacidade de escutar como um valor, dotado de sentido e poder de transformação.** Porque, quando eu tenho paciência de sentar na sala para escutar as partilhas dos companheiros, eu tenho também paciência de escutar meu filho quando chega, que me conta do dia dele da escola. Eu não fazia isso e eu não via o que eu estava perdendo.

Pesquisador: Mudou também o relacionamento deles com você?

K: Mudou, e como mudou. Se hoje eu chego e meus filhos vêm me dar um abraço, me dão beijo, e perguntam se eu tô bem, se eu vou pro grupo. Se eu não for para o grupo, aí eles: “Mãe, a senhora tem que ir pro grupo. Mãe, a senhora não pode tá faltando o grupo”. Sabe, existe uma preocupação para cada coisa que eu vou fazer. Quando eu fui para o ENCONPASSOS, eles me deram a maior força para que eu fosse, para que eu participasse. É muito gratificante ver esse retorno dos meus filhos. **O sentido de vida proporciona mudanças de vida e no campo dos relacionamentos.** É importante para que eu me envolva com o programa, com a sala. É muito gratificante. Eu não sei assim, explicar. O que eu fico triste é de ver que as mulheres não estão lá também. Eu acho que isso é uma coisa que tem que mudar. Então, eu enquanto mulher, eu quero muito fazer HI

(Hospitais e Instituições), fazer IP (Informações ao Público), pra poder estar dentro dessas instituições, poder estar dentro das escolas, poder chegar nessas meninas, nessas mulheres, empoderar elas, fazer com que elas se sintam capazes de levar a mensagem, participar, saber que a gente é tão capaz quanto. Mostrar que as mulheres têm o lugar delas lá dentro. Seja lá aonde for, elas tem o lugar delas. Principalmente dentro da sala de NA, porque NA não é masculino. Tem que se quebrar com isso. Não sei se isso tá virando um paradigma, sei lá, de tá numa sala onde tem mais homens.

Pesquisador: Você acha que existe diferença na participação entre homens e mulheres, dentro de NA?

K: Eu me sinto inibida em alguns momentos. Eu me sinto coagida, e não me sinto à vontade para partilhar em alguns momentos. Os meus sentimentos, meus desejos, as minhas angústias... eu não me sinto à vontade para partilhar isso. Porque eu sou mulher e tenho desejos também; da mesma forma que eles partilham que tem desejos, que estão com o sexual deles aguçado, eu também tô, em alguns momentos. Eu saí de uma clínica, passei sete meses internada, meu companheiro terminou comigo, eu tô sem ninguém, tô sozinha. Então, eu também tô com meu sexual aguçado. Eu não me relacionei com ninguém desde então. Então, eu não me sinto à vontade de chegar na sala e partilhar isso, porque eu posso ser mal interpretada. Eu posso ser vista como uma isca: “ah, ela tá a perigo”, sabe? Qual é o companheiro que vai me ver e pensar: “ela também tá mal”? Eu acho que, de dez que tiver ali, se tirar um, vai ser muito difícil. **Uma questão de gênero foi levantada pela participante da entrevista, e que deve ser considerada como importante. As reuniões de NA são formadas, em sua maioria, por homens cis e heterossexuais. Se há uma predominância deste gênero nas reuniões, dentro de uma sociedade marcada por preconceitos de gênero, é muito provável que as partilhas das minorias sejam limitadas e inibidas. Por mais que as reuniões de NA apresentem valores como a igualdade, bem como a não discriminação ou julgamento de qualquer ordem, há de se considerar o quanto o indivíduo pode ter a sua sensação de acolhimento, no grupo, limitada devido à questão de gênero.**

Pesquisador: muito obrigado pela sua participação. Até a próxima.

5.2.4.2. *Diário de Campo 4*

Até então, Kátia foi a única participante da pesquisa pertencente ao gênero feminino. Eu a contatei na reunião de serviços em HI (Hospitais e Instituições), realizada lá na casa paroquial da igreja do Pina, aonde também funciona um grupo de NA. No dia, os membros presentes discutiram diversos assuntos relacionados à divulgação da irmandade em instituições que atendessem pessoas que fazem uso de drogas. Dentre essas discussões, houve uma que fez o tema “gênero” ganhar destaque, onde um dos membros

narrou um ato de divulgação na Colônia Bom Pastor, em que ele participou. A colônia Bom Pastor consiste em um presídio feminino, situado na região metropolitana do Recife. Sendo o membro incumbido desse objetivo, um homem, ele expôs sentimentos em relação aos desejos sexuais por parte das internas da instituição, dizendo que elas ficavam se insinuando e provocando ele. Após a exposição, outros membros opinaram sobre a questão de gênero e sobre como os membros deveriam se portar diante disto; porém, sem muito aprofundamento por parte dos ali presentes, o que levou a um desfecho simplório por parte de um dos membros: “É mulher com mulher e homem com homem. Onde tem homem, vai homem divulgar; e onde tem mulher, vai mulher”. Observei as expressões faciais de Kátia no momento da discussão. Ela era a única mulher ali presente, estava visivelmente desconfortável com aquela situação e um tanto inibida para se colocar na discussão.

Ao final da entrevista, ela aproveitou para novamente colocar a questão de gênero que tanto a inquieta nas reuniões da entidade. Aproveitei e recapitulei com ela o episódio da reunião de HI, e ela confirmou que realmente se sentiu incomodada na ocasião. Disse que, pelo fato de os grupos de NA que ela frequenta serem compostos, em sua maioria, por homens, ela não se sente à vontade para partilhar sentimentos e pensamentos relacionados com desejos sexuais ou experiências de abuso, pois sente como se estivesse sendo julgada silenciosamente por outros membros. Fala que também se sente inibida quando escuta partilhas de homens referindo desejos sexuais intensos naquele momento. Isso tudo me fez refletir sobre o quanto demarcações de gênero, raça, classe social ou idade podem influenciar na sensação de liberdade por parte dos membros para fazerem as suas partilhas. Também me questionei sobre quanto pode um membro aprender e se beneficiar da persistência em frequentar um grupo que, por mais que pareça ser homogêneo na sua demarcação, tem como princípio abraçar e respeitar as diferenças.

Por essas e outras razões, a participante referiu desejo de montar um grupo de NA exclusivamente com mulheres. Refletimos que isso poderia ser uma boa alternativa para ela, tanto por possibilitar um espaço de maior liberdade de partilhas - que inclui maiores processos de vinculação e identificação mútua - quanto por permitir uma ampliação do seu propósito de vida, sendo ela uma pessoa responsável por inaugurar um grupo desse tipo na regional de Recife e Pernambuco. No entanto, isso poderia quebrar a terceira das doze tradições de NA, que diz que “O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar”. Esta tradição versa que um grupo de NA não deve ser formado por outros

critérios além da presença da adicção e do desejo de parar com o uso de drogas. No entanto, há de se considerar que até as barreiras enfrentadas por Kátia para a criação e promoção deste grupo podem ser encaradas de diversas maneiras; inclusive, como um desafio dotado de muito sentido.

5.2.5. Participante 5:- Miguel, 38 anos, morador do bairro de Prazeres, Recife-PE

Miguel é natural de Recife-PE. É casado e tem um filho de seis anos. Trabalhava como representante de vendas, mas atualmente está desempregado. Frequenta a entidade NA desde janeiro de 2019.

5.2.5.1. Entrevista 5

Pesquisador: Comente sobre a sua experiência de se tornar membro da entidade Narcóticos Anônimos?

M: Bom, a experiência tá sendo muito enriquecedora. É uma vida totalmente diferente da que eu levava. Eu vivi durante quase 21 anos na adicção ativa. Eu comecei consumindo álcool e isso foi progredindo ano a ano, conhecendo outras substâncias... e dentro desse uso, a cada dia, cada mês, cada ano que se passava, eu ia me tornando mais refém, mais escravo dessas substâncias. E isso me trouxe muito sofrimento, muitos problemas de toda ordem, né? A coisa vai se fortalecendo, né? E, no caso, eu vou me enfraquecendo... a coisa é muito nesse sentido. E eu, dentro dessa construção, vamos dizer assim, adictiva... eu hoje eu posso dizer que vivo uma vida 100% diferente do que era o costume de eu viver, né? Hoje eu consigo, dentre várias pequenas coisas, eu posso citar aqui, pequenas responsabilidades, hoje eu consigo trazer e fazer muita coisa, tanto pra mim, quando para a minha família, né? **O entrevistado estava visivelmente inseguro e desconfortável no momento inicial da entrevista: as palavras embolavam e sua memória ficava saltando no tempo sem se fixar em um ponto.** Eu tenho um filho de sete anos, tenho um casamento de 11 anos, que por muito pouco não acabou, né? O casamento foi abalado, mas a gente tá aqui depois de uma internação que foi necessária, a gente permanece juntos. Eu tive muito apoio familiar, tanto da minha esposa quanto da minha mãe, irmão, de filho também, apesar de ser uma criança ainda. Me senti muito acolhido e apoiado. **O apoio familiar e social tem reflexo na personalidade amigável e carismática do entrevistado, e que parece não ter sido tão abalada pela adicção.** Também, dentro dessa história, acho que vale salientar que a adicção, no meu caso, teve um fator

importante de que meu pai também foi um adicto e perdeu a vida em decorrência do uso exagerado de álcool. **Fato que pode ter contribuído para o fortalecimento do apoio familiar na recuperação do entrevistado.** Ele faleceu de cirrose hepática ainda jovem, né? Sessenta e um anos. Ainda tinha muita vida pela frente, principalmente quando a gente pensa na qualidade que a gente tem hoje, na perspectiva de vida que a gente tem. E ... que é que eu posso falar mais? **Desconforto somado a um esforço para fazer as palavras saírem da sua boca.** Com relação à mudança, a mudança é total, sabe? Hoje eu consigo ter controle sobre o mínimo e sobre o máximo, vamos dizer assim. Como eu tava dizendo, são coisas que são tão simples, hoje, pra eu decidir, pra eu frear, pra eu não fazer, que antigamente eu, na adicção ativa, não tinha esse poder. E hoje eu consigo me determinar de não fazer e não ir. E um dos princípios que NA sugere – porque NA não impõe nada – que eu venho seguindo e que vem funcionando, “só por hoje” vem funcionando, é justamente o “evitar”, né? Evitar lugares, evitar pessoas. E dentro dessa nova perspectiva, dessa nova condição de vida que NA me mostrou, eu venho paulatinamente colhendo frutos. Colhendo frutos de relacionamentos ficando muito mais saudáveis, se tornando muito mais coesos, fortes. O laço de vínculo, né? Bem maior. Hoje eu consigo não manipular. Eu consigo ser verdadeiro, né? Não preciso mais fingir, mentir, omitir, manipular (como eu já falei), pra tá conseguindo a minha substância de preferência, que no meu caso é ... até então, eu usei do álcool à cocaína, e a cocaína foi realmente aonde as coisas começaram a ficar complicadas num sentido bem amplo. **No final desta sua fala, ele parece ter sido um pouco mais espontâneo e sincero, uma vez que expressou um exercício que vem fazendo no seu dia a dia de recuperação: observar as mudanças no campo dos relacionamentos e associar isto ao seu processo de recuperação.**

Pesquisador: Miguel, como era a sua vida quando você começou a perceber que estava entrando na adicção?

M: Bom, como eu falei, desde a infância, eu sempre convivi, vivi dentro de ambientes de consumo, da família paterna e materna, igualmente. A família paterna mais, porque, além do álcool, existia também o consumo de outras substâncias, como maconha e cocaína. É por algumas determinadas situações bem específicas, eu presenciei, ainda quando criança, esse uso por parte de tio, tia, pai. E, dentro dessa convivência, de uma forma até, posso dizer, bem natural, a partir dos 14 anos, eu bebia como se fosse uma prática absolutamente normal, sabe? Hoje eu não consigo conceber isso, principalmente quando penso na educação do meu filho. **Aqui ele expressou claramente que a normalidade correspondia a um valor ligado à prática de ingestão de álcool, e que fazia com que fosse socialmente aceita. Foi necessária uma mudança no campo dos valores para encontrar sentido em não beber mais. Sentido esse que seria fortalecido posteriormente pela proposta pessoal de não transmitir esse valor para o seu filho.**

Pesquisador: Então era algo normal e que fazia parte da sua rotina?

M: Fazia parte dela. Fazia parte de uma rotina familiar. Já vinha dos meus antecedentes, dos meus pais, avós. Esse hábito de se reunir e beber muito. Eu vejo que não foi só o meu

pai que sofreu com o alcoolismo. Tenho tios que estão vivos e sofrem desse mesmo mal. E é como eu tava falando, né? Eu cresci dentro desses ambientes. E, na adolescência, que é uma fase de muita experimentação em muita curiosidade... e como o álcool era uma coisa lítica, é uma droga que é permitida e é encontrada facilmente, foi onde eu encontrei uma facilidade incrível para progredir no consumo, né? E a coisa foi progredindo gradativamente: eu tomava uma cerveja, vai experimentando um destilado, vai misturando, o organismo tende a repudiar, eu vomitava. Mas a insistência e ver que pessoas queridas faziam esse consumo e até indicavam e influenciavam de forma direta a que eu consumisse também... isso aí foi ficando cada vez mais fácil, mais tranquilo. E o álcool entrou na minha vida com uma tremenda facilidade, e dentro dessa facilidade, eu fui buscado e tendo curiosidade e a juventude foi trazendo outras oportunidades de curtir e de experimentar outras substâncias. Aí veio logo em seguida a maconha, gostei também e tal. Tudo o que me tirava de um centro, de uma normalidade, que me causava um barato, pra mim era realmente um barato. E eu fui dando sempre continuidade. E isso foi se agravando e meu corpo foi se tornando cada vez mais capaz, bem dizer assim, né? **Aqui, ele expressa que o seu acesso a drogas começou pelo álcool, por ser uma droga não apenas uma droga lítica, como também, portadora de um valor de consumo dentro da sua rotina familiar. Ao final, ele começa a reconhecer que, para além do consumo socialmente aceito, ele buscava um efeito entorpecente cada vez maior, e que a sua procura por outras drogas correspondia ao caminho para se chegar a este fim.**

Pesquisador: Você colocou que usava tudo o que tirasse você da realidade. Como era, para você, encarar a realidade sem usar drogas?

M: Olha, até a separação dos meus pais, existia ainda um controle maior sobre minha pessoa, né? E a partir da separação, meu pai se separando da minha mãe, eu comecei a ter uma liberdade que eu não tinha. Com meu pai distante, minha mãe já não tinha tanta autoridade em relação a mim. Eu também já não tinha o respeito que eu dava a ela enquanto casada; com ela separada, eu já via ela de forma diferente. E desobedecia, e nessas desobediências, foi se tornando mais comum. E dentro desse clima é que a coisa foi progredindo. **Aqui, ele coloca a perda de um referencial de limites: a união conjugal entre os seus pais.** Eu saía sem dar muita satisfação e quando ela vinha cobrar algo, era discussões. E eu sempre insistindo que eu não tava fazendo nada demais, sempre usava o meu pai como exemplo de quem fazia a mesma coisa e eu me apoiava nesse mau exemplo que ele me deu, e me apoiava para dar continuidade às minha farras, às minhas, aos meus porres, né? E aí, passaram a virem acompanhadas de fumo, né? De maconha, de muita farra, de muita orgia, muito descompromisso com tudo, sabe? E o fato dessa separação ter ocorrido, acho que foi onde eu percebo hoje, com 38 anos de idade, onde eu percebo que desencadeou, que aflorou tudo o que eu sinto que já existia uma predisposição – acredito que orgânica, mental talvez, pelo convívio que eu tinha com drogas lícitas e drogas ilícitas. E isso foi me trazendo prejuízos, né? Prejuízos que nessa fase de adolescência, juventude, 25 anos, não eram tão latente. E agora, a partir dos 25 foi quando eu senti que começou a pesar. A pesar no trabalho, a pesar no meu desempenho profissional, no meu desempenho...como pessoa. **O peso ao qual ele se refere, nesse**

momento da vida, diz respeito a assumir a Responsabilidade pela própria vida, e que se torna mais difícil quando o uso de drogas toma muito espaço na vida da pessoa. Relacionamentos foram comprometidos: relacionamento familiar, todo tipo de relacionamento, interpessoal, profissional ... por causa já de um uso desenfreado, por causa já de uma total falta de controle. Mas na época, eu não tinha essa noção. Vim conhecer o programa agora, há um ano atrás, né? Fazem sete meses que eu saí de uma internação. Então, vim conhecer o programa de Narcóticos Anônimos, pra mim, pode-se dizer que foi tarde. Foi um pouco tarde, né? **Uma espécie de angústia existencial parece tomar conta da consciência do entrevistado neste momento, quando ele para pra pensar no tempo que perdeu dentro da adicção.** Eu tive contato com pessoas que tiveram condições de conhecer esse programa com 20, 21, 18 anos; pessoas que tiveram internadas junto comigo. Então, assim, dentro desse aspecto, eu demorei, né? São quase 21 anos de adicção, de muita perda financeira, emocional, de oportunidades profissionais.

Pesquisador: Quando foi e como foi que aconteceu, em você, o despertar para a consciência de parar de usar droga e mudar de vida?

M: Então, infelizmente, eu tive a oportunidade de conhecer a programação de NA num fundo de poço, né? Com a vida destruída em todos os setores, posso dizer: profissional, familiar, conjugal, e por aí vai. Eu tive uma situação ... para resumir, eu fui encontrado desacordado, do lado do meu carro, com sinais visíveis de embriaguez e de consumos variados ali. E dentro dessa situação, alguns policiais começaram a se mover para me ajudar- tive muita sorte, porque tinha até substância dentro do carro. E eu não fui levado pra delegacia ou pra nada do tipo, pra responder por nada; eles pegaram o meu celular e começaram a ligar para alguns contatos que tinham na minha agenda. E um desses amigos se deslocou lá e foi lá me buscar. Totalmente fora de órbita, totalmente fora de... da normalidade, né? E foi assim que... foi nesses termos que eu me convenci de que eu precisava de ajuda, que não dava mais para continuar da forma que estava, né? **Uma experiência de Dádiva é vivenciada, aqui, pelo entrevistado: ao perceber que outras pessoas o ajudaram de forma gratuita e voluntária, munidas de um sentimento de solidariedade.** Eu tava totalmente desequilibrado. Eu saía só em busca do dinheiro para pra poder continuar, iniciar o meu consumo do dia. Na época, eu trabalhava com o aplicativo (Uber) e o interesse era esse: trabalhar para fazer uma grana e me dar condições de botar combustível e operar dentro desse... dessa... desse círculo vicioso. **A perda de sentido de vida parece atingir um nível alto quando a pessoa passa a viver em função do uso de drogas. Como o entrevistado acabou de expressar, o consumo da substância passou a ser a principal pauta da sua vida.** E eu tava andando sempre dentro desse círculo (pausa e gagueira constantes). E eu tava totalmente comprometido. Relacionamento conjugal falido, convívio com meu filho muito aquém do vínculo que a gente já tinha estabelecido. E foi quando eu me acordei, quase 24 horas depois dessa situação que eu contei aqui brevemente, foi quando eu, de livre e espontânea vontade, realmente eu pedi ajuda. **Uma vez identificada a condição de doente em si próprio, a consciência parece começar se voltar para si e o adicto começa a perceber os acontecimentos de sua vida de outra forma. Também começam as turbulências no**

campo dos valores. E foi quando eu tive o apoio, e tenho até hoje, dos meus familiares mais próximos: minha mulher, minha mãe e meu irmão. Eles providenciaram a internação e essa internação veio numa hora crucial. Isso há exatos um ano e dois meses atrás.

Pesquisador: Esta internação foi a primeira tentativa de tratamento na sua vida?

M: Não. Eu tive uma outra internação logo no início do meu processo adictivo. Fui internado quando tinha 17, 18 anos; mas foi algo totalmente fora desse contexto de NA. Nada que mencionasse Narcóticos Anônimos ou a programação. Era uma clínica que era voltada para trabalhos religiosos.

Pesquisador: Comunidade terapêutica?

M: Comunidade terapêutica. Tinha lá trabalhos braçais, enfim. Mas programação no sentido de Narcóticos Anônimos, não. Era uma programação voltada assim, à religiosidade. Era protestante; era uma igreja Batista que fazia essa canal com essa comunidade terapêutica. E aí, eu passei um período lá de seis meses, consegui ficar limpo durante mais ou menos um ano, depois desses seis meses. Eu tive essas pausas, durante esse meu histórico de 20 anos de adicção, mas era aquela coisa, “arrastando corrente”. Era uma coisa que eu tinha que contar com uma força de vontade e um querer (encheu o peito de ar, nessa hora), e sem base nenhuma, né? O remorso de tá me lembrando era o que me fazia... né? (pausa) Eu me lembro que me lasco, me arrombo, então eu não vou fazer. Mas com aquela vontade de usar, sabe? Muito difícil, muito difícil. **A experiência da comunidade terapêutica levou o entrevistado a vivenciar uma “abstinência sem sentido”, algo bastante forçado. A “base” a que ele se refere, e que NA o proporcionou, parece ser justamente este sentido. O programa de NA faz uma boa distinção entre estar abstêmio e estar em recuperação (entrevistado 3), e tal diferença se encontra justamente na presença do Sentido, apontando um caminho ainda maior do que o simples ‘não-uso’ de drogas.** Mas hoje não. Com a programação, e aceitando como eu aceitei o tratamento, né? Eu vou seguindo os preceitos do que NA me sugere; como nunca, como nunca. Isso vem funcionando, sabe? Isso vem reverberando de uma forma muito positiva. Hoje eu tenho ganhos. Não posso te dizer ainda que eu tô recuperando no âmbito financeiro, né? Porque a coisa foi muito profunda. Mas assim, emocionalmente, posso dizer assim, espiritualmente... as ideias, clareza de raciocínio, sabe? O aprendizado contínuo, uma nova maneira de viver, quem me trouxe foi Narcóticos Anônimos. Foi a programação e é a programação; junto com esse Poder Superior que eles não tratam de uma forma religiosa, né? Basta que a gente identifique esse Poder Superior, que ele é maior do que nós mesmos. **A espiritualidade dever ser vivida com sentido, para que possa ajudar o adicto no seu processo de recuperação. É desse modo que NA, diferentemente da maneira como se trabalha em algumas comunidades terapêuticas.**

Pesquisador: O que você encontrou de diferente em NA, e que não encontrou nas outras internações?

M: Bem, tentando ser objetivo, eu acho que o que o programa trouxe de relevante e de diferente foi a condição de você se enxergar como um dependente, como um doente, certo? Ele coloca a adicção como uma doença. E quando você se permite a entender, de fato, que você é um doente, que você é portador dessa doença chamada adicção, a partir daí é a chave. É você realmente aceitar, aceitar isso. A aceitação de que você é doente, de que você precisa se tratar, e de que esse tratamento é contínuo ... não adianta você achar que o que você fez hoje vai servir para amanhã. **A partir do reconhecimento de que se tem uma doença, o entrevistado percebe que tem um caminho a ser percorrido, pois toda doença possui um caminho para o seu buscar a cura. Neste momento, o sentido se apresenta em forma de caminho.** Um dos principais conceitos, se não o principal conceito, é a vivência do “só por hoje”. De repetir amanhã o que deu certo hoje, e assim sucessivamente. E é assim que eu venho conseguindo. Tem dias mais difíceis, dias mais fáceis tem dias ...! E o interessante, também, é entender que não é só a droga. Pelo menos, no meu caso, falo por mim. Eu identifico que sou adicto antes de usar droga. Eu tenho comportamentos que revelam a adicção sem uso de droga. Se eu não tiver me debruçado na literatura, na programação, e não tiver me forçando, cotidianamente, a me manter dentro de regras, dentro dos conceitos que NA promove, eu facilmente vou começar com comportamento aqui, outro ali, e a droga vai ser simplesmente, como se usa muito, a cerejinha desse bolo todo.

Pesquisador: Para toda a doença, existe o seu tratamento. Como é o tratamento da sua adicção, no seu dia-a-dia?

M: Bom, eu posso ser, também, muito objetivo e trazer, realmente, o que funciona comigo e que vem me dando essa condição. É a manutenção de tudo o que o programa, junto com o confinamento, me trouxe. São regras básicas, contato com o Poder Superior da minha concepção... não precisa ser nada do que tá aí, eles não direcionam nada. É como eu já disse anteriormente, só precisa que ele seja maior, bondoso, amoroso e maior do que nós. E aonde eu identifico esse poder superior, maior do que eu? Todo dia, quando eu acordo, quando abro os olhos, tento e faço o meu devocional, dentro da palavra, dentro dos conceitos bíblicos do que eu, de fato, concebo como Deus, e das sugestões da programação de NA. Então, eu me revezo e ando por essas duas estradas. **A Dádiva pouco aparece na fala deste entrevistado. Isso mostra que, até o presente momento, os seus esforços de recuperação são dele para ele mesmo, através de exercícios diários de cumprimento dos passos dos doze passos, de maneira individual e com foco no momento presente.**

Pesquisador: E essa coisa de ajudar outros adictos e ser ajudado por eles? Como é isso para você?

M: Fundamental. Essa parte é a parte mais, posso dizer assim, mais mágica, que traz mais satisfação. Satisfação de você saber que da mesma forma que você influenciou muita gente negativamente no seu uso, no meu caso, no uso desenfreado... eu não tinha preocupação alguma de que as pessoas me apontassem como usuário de drogas. Então, dentro desse meu entendimento, hoje... poder influenciar de forma contrária essas pessoas

que eu parei de conviver, mas que eventualmente eu encontro numa sala de NA, e que veem numa partilha minha ou que sabem por outros que eu estou a um ano, dois meses e uns dias sem usar, isso é muito bom, é muito muito gratificante. **A Dádiva expressa pelo entrevistado, tem clara ligação com a transmissão de bons valores. A Dádiva, por si só, já traz consigo, um valor positivo.** Coisa que você não consegue nem encontrar palavras pra mensurar a gratidão que é conseguir influenciar alguém, conseguir ajudar alguém a sair de uma situação tão danosa, tão... que leva pessoas à morte, que leva pessoas à loucura, à cadeia. Enfim, hoje eu tenho essa condição de poder, com minha história, com tantos erros cometidos, com tantas atrocidades cometidas com quem eu amo, né? E eu ainda ter essa condição... só NA é quem proporciona junto dessa programação; que não é uma programação... que tá... dentro dessa programação tá incutido valores bíblicos, né? Valores morais, conceitos de moralidade. **O entrevistado não se aprofunda tanto na Dádiva, no seu discurso. Não faz referência, por exemplo, à sensação de ter sido ajudado por outras pessoas. No entanto, percebe-se que este ciclo esteve presente o tempo inteiro, quando faz menção a ser ajudando pela sua família e amigos.**

Pesquisador: Você sente que houve uma mudança global no seu conjunto de valores?

M: Sinto sim. Sinto demais! Hoje eu vejo a vida... hoje eu tenho muito mais condições de tolerância, né? Comigo, começando em mim, a tolerar as minhas deficiências, as minhas limitações... e a partir dessa tolerância comigo, eu consigo aos poucos... aos poucos eu venho conseguindo distribuir, vamos dizer assim, isso com quem me cerca. **Mesmo expressando pouco sobre a Dádiva, o entrevistado consegue sentir a relação existente entre ela e a sua recuperação (Sentido de Vida): É preciso estar bem para se transmitir coisas boas para as pessoas.** E esses valores vão ficando cada vez mais vivos, cada vez mais visíveis, né? Quando você se dedica. Porque é o simples né? O que eu aprendi com os meus terapeutas, com os terapeutas lá da internação – que foi voluntária, mas que lá também trabalha com internação involuntária. Enfim, a minha visão de mundo mudou, posso dizer que radicalmente. Radicalmente no sentido de ganho, de saber que tudo isso é válido.... de tolerar.... (gagueira)... a deficiência do país, a deficiência política, tudo o que me causava raiva, que me causava entristecimento, e que eu usava como combustível para justificar o meu uso, né? Hoje não tem. Hoje não tenho mais essa máscara para usar, entende?

Pesquisador: Lá dentro da entidade, eles têm as funções de padrinho e tem também os serviços. Você me conta que tá frequentando a entidade há um ano. Você exerce essas funções?

M: O apadrinhamento, eu faço. O que tem que ser colocado aqui dentro da minha vivência em NA é que eu não sou tão assíduo dentro de sala. Mas eu procuro, dentro dos grupos, nas salas de outros grupos que visitamos aqui e ali... eu consigo fazer e faço diariamente esse tipo de apadrinhamento, porque é uma ajuda, acima de tudo, pra mim. Porque quando eu consigo transferir algo de bom para o outro, eu consigo não só dar ao outro, como eu também tô dando a mim mesmo. **Estar bem para ajudar, para continuar se mantendo bem. Esse é o movimento expresso pelo entrevistado e que caracteriza bem o ciclo**

da Dádiva de NA. E, quiçá, o Sentido da Vida, pois a ajuda dada a si próprio diz respeito a preservar a própria vida e a sanidade para, em seguida, poder ajudar o próximo. E dentro desse viés, dentro dessa ótica, eu ainda não me dispus ao “serviço”, vamos dizer assim, mais consistente em NA, por motivos assim mais... de ordem... de logística mesmo. Por motivos de ordem pessoal, que ainda não me cabem tanto.... em termos de adequação da rotina, da minha rotina de vida. Mas assim, eu não vejo problema nenhum em assumir. No futuro próximo, eu vou estar tendo condições de adequar isso dentro do meu cotidiano. **Sentimento de culpa por não estar frequentando mais do que poderia. Isso porque, mesmo sem viver a Dádiva com a intensidade com se vive lá dentro das reuniões, o membro tem a noção dessa intensidade. Ou seja, o conteúdo subjetivo da Dádiva parecer ser divulgado nas falas e na literatura de NA.** E quero, quero ter também essa experiência, até pra poder ter mais base, ter mais condições até de falar com mais propriedade sobre uma sala. Hoje, o meu convívio é esporádico: uma, duas ou três vezes no mês. Mas a manutenção do que NA propõe, eu venho cotidianamente repetindo. E é isso o que vem funcionando, reverberando de uma maneira muito positiva, pra mim e para a minha família.

Pesquisador: Você também sente que houve uma mudança nos seus relacionamentos interpessoais e familiares?

M: Sem dúvida. Não tenho dúvida disso. A interação, o vínculo, é muito mais consistente. Aos poucos, uma figura que ninguém tinha como referência de muita coisa... um porra louca, que não tinha nem compromisso comigo. Eu não me cuidava. Como é que eu poderia... hoje a minha mãe me pede conselho. Quem sou eu para dar conselho? Hoje a minha esposa chega para me perguntar o que eu acho. Não que ela não fizesse isso na época da adicção ativa; mas, hoje em dia, percebe-se que é uma coisa muito mais verdadeira, muito mais consistente... no sentido de que, hoje eu realmente consigo contribuir positivo para a sociedade como um todo. **Apesar de não estar vivendo a experiência da Dádiva intensamente dentro das reuniões, o ciclo da Dádiva parece estar existindo dentro do seu âmbito familiar. O sentido da recuperação começa a surgir quando ele começa a perceber que, neste momento, está emergindo dele, um ser com capacidade de ajudar outras pessoas.** Na família, expandindo essa condição para outras pessoas. É uma diferença enorme.

Pesquisador: Você faz o que profissionalmente?

M: Atualmente eu estou desempregado. Até por uma questão, também, de readaptação. Foram muitos meses confinado. Eu tive essa condição de me guardar um pouco mais e de me melhorar individualmente, criar uma casca, e poder voltar à sociedade. Produzir o bem. O que eu já fiz, já não me cabe mais. Quero continuar e dar continuidade a isso tudo. Profissionalmente, eu sempre trabalhei na área de vendas, eu sempre fui muito atuante dentro desse contexto: vendas internas, vendas externas. Sempre lidei muito com o público, pra vender produtos que representava, enfim. Tive outras experiências, também, profissional, de trabalhos internos, de escritório. E agora, neste início de 2020, eu já tô realmente num processo bem, vamos dizer assim, bem frenético de busca, de recolocação,

realmente, no mercado de trabalho, e de um retorno profissional. Retomar a minha vida, também, nesse sentido.

Pesquisador: Você teria algo a mais, de importante, a acrescentar, em relação a tudo isso sobre o que conversamos?

M: Eu poderia dizer, Mateus, que nunca é tarde. Não ache, não venham a achar que... há sempre um momento. Pode não ser o momento que a gente espera, que a gente gostaria que fosse, mas... NA tá aí. É uma busca incessante de salvar vidas. É uma busca constante, né? De poder oferecer uma nova condição de vida para quem precisa. E eu sou um dos frutos de tantos companheiros que estão aí nesta guerra cotidiana de nos mantermos sóbrios. Mais ou menos isso. Só por hoje, funciona!

Pesquisador: Agradeço pela sua participação. Até a próxima.

M: Eu que agradeço. Até mais!

5.2.5.2. *Diário de Campo 5*

Miguel foi o quinto e último entrevistado da pesquisa. Ele foi convidado após sucessivas tentativas de convidar um outro membro do gênero feminino da irmandade que acabara por desistir da entrevista por razões não especificadas. Na busca por outro participante, eis que consultei Jack, um dos entrevistados, e perguntei se ele não teria alguém para indicar. Ele indicou o Miguel. O motivo da indicação, segundo ele, é porque considerava Miguel uma pessoa muito esforçada e dedicada no seu processo de recuperação. Porém, eu já havia explicado antes que esse não seria o critério para escolha do participante.

Ao aceitar a indicação percebi que foi interessante, pois a distinção que ele possui em relação aos outros participantes da pesquisa é a de estar na entidade há menos tempo do que os outros (aproximadamente um ano), e de não ter vivenciado a Dádiva dentro da irmandade tal como vivenciaram os outros participantes.

Inicialmente, o percebi bastante motivado para contribuir com a pesquisa; mas, ao mesmo tempo, bastante inseguro em sua expressão verbal, aspecto esse que se refletiu na sua gagueira ocasional. Pensei em várias razões para este fato: 1) Ele tem pouco tempo de frequência e não é tão assíduo nas reuniões, levando-me a crer que ele também não exercitou a sua oratória tanto quanto os outros participantes, que fazem das reuniões de

NA, um ambiente para tal exercício; 2) sua autoestima ainda se encontra abalada, pois o início do seu processo de recuperação ainda é recente e ele pode não se sentir tão digno de representar a entidade em uma entrevista tal como ele supostamente acha que deveria representar.

Por fim, também constatei uma narrativa muito autorreferente, centrada na busca pessoal, pouco citando a transformação a partir do contato com outro. Isso pode ser observado nas inúmeras citações à “programação” e aos “12 passos” de NA como os aspectos que mais lhe tem sido relevantes na contribuição da entidade para a sua recuperação. Associei isso à sua baixa frequência e ao pouco tempo de entrada na entidade, de modo que ele ainda não vivenciou o valor da Dádiva em maior profundidade, ao ponto de perceber alguma importância disso para o seu processo de recuperação.

5.3. Em busca de uma integração

Como se pode perceber, todos os participantes do estudo estão na faixa etária dos 30 a 40 anos. São todos adultos cujas experiências de vida incluem casamentos, filhos, vida profissional, moradia, problemas financeiros, com a Justiça e domésticos. Com exceção dos participantes 3 e 5, os demais viveram a separação conjugal e, portanto, tiveram menos apoio no processo de recuperação. A ausência de apoio familiar parece os conduzir a buscar mais apoio da Dádiva da entidade, bem como na espiritualidade. Já o apoio familiar ajuda bastante na recuperação.

Quanto à variável sexo, constata-se que apenas a participante 4 pertence ao sexo feminino. Partindo da narrativa desta participante, percebe-se que esta variável é bastante relevante no que tange os elementos que compõem a sua experiência de adicção: violência sexual, desonra familiar e submissão conjugal. Da mesma maneira, ao nosso ver, a sua narrativa também não contém alguns elementos que foram observados nas narrativas masculinas, como manipulações, mentiras e egocentrismos. Apesar dessas diferenças, houve alguns pontos que foram comuns nas narrativas de todos os participantes: sentimento de inadequação, isolamento social, baixa autoestima e não aceitação de si. Esses elementos foram mais destacados pelos participantes 1, 2 e 4.

O tempo de participação na entidade NA variou de um ano e quatro meses (participante 5) a nove anos e seis meses (participante 2). Não foram contabilizadas as recaídas que esses participantes tiveram ao longo deste período, pois não foi o foco do trabalho. Também não se observou grande relevância do período de frequência em relação à recuperação e o envolvimento com os serviços da entidade. Como exemplo disso, pode-se observar o relato do participante 2, que apesar de frequentar o grupo há 10 anos, encontra-se frequentando poucas reuniões atualmente, tece críticas ao comportamento de alguns membros e busca outros caminhos de crescimento e evolução pessoal além do NA.

Com relação ao perfil socioeconômico dos participantes, a maioria é de classe média. A única exceção foi o participante 3 (Jordão), cuja problemática que o levou para a adicção se encontra nas suas experiências de vida, ao referir que, desde a infância, manteve contato com os problemas sociais que marcaram a sua comunidade de baixa renda: tráfico de drogas, criminalidade e consumo de drogas desde a infância. Outro exemplo dessa diferença socioeconômica está no fato de ter sido o único participante que não se internou em clínica particular. Da mesma forma, também não passou por serviço CAPS, que é gratuito, mas isso ocorreu por falta de informação.

Apesar dessa tentativa de integração, ao trabalho importa que os participantes sejam os mais diferentes entre si. Isso porque, uma vez que o objetivo desta investigação teve como foco a compreensão da experiência deles, bem como sua diversidade – envolvendo as trocas características da Dádiva e os esforços de recuperação – parece trazer mais riqueza ao estudo, por proporcionar mais reflexões e apontamentos de caminhos futuros. A seguir, serão tecidas as considerações finais do estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As noções de Dádiva e Sentido da Vida permitiram uma compreensão ampla das experiências de vida dos membros da entidade Narcóticos Anônimos, segundo as perspectivas deles. A partir dessas noções, foi possível observar: mudanças de valores ao longo da trajetória de vida e de adicção; influência dos ciclos de Dádiva - com as suas trocas e obrigações acontecendo dentro e fora das reuniões - na mudança desses valores; e o Sentido de Vida, nos esforços aplicados nas mudanças de comportamentos diários, e de pensamentos, na busca pela “nova maneira de viver” (Participantes 3 e 4). Pode-se afirmar, com isso, que o trabalho teve êxito no alcance do seu principal objetivo, que foi o de compreender as experiências dos membros de NA, com a presença desses dois conceitos.

A aproximação dos conceitos de Dádiva e Sentido da Vida permitiu também uma outra aproximação: entre a Psicologia e a Sociologia. Isso foi possível tanto pela afinidade teórica existente entre as obras de Viktor Frankl e de Marcel Mauss, quanto pela ocorrência simultânea e inseparável desses fenômenos nas experiências das pessoas, e que pode ser observada na narrativa dos participantes. No auge da adicção - que eles chamam de adicção ativa - eles se encontram em isolamento social, recolhidos para dentro de si, vivenciando o vazio existencial. Na medida em que vão se socializando na entidade, passam a vivenciar a autotranscendência, saindo do aprisionamento interior e indo em direção ao encontro com o outro. Com isso, eles encontram o Sentido da Vida, uma orientação para uma mudança de vida ampla, que repercute nos relacionamentos familiares, sociais e profissionais. Passam a pautar sua vida a partir de uma moral que envolve a preservação da vida, o bem estar pessoal e o cuidado com o próximo.

Outra importância do presente trabalho está em mostrar a eficácia do tratamento ofertado pelo programa de NA, também a partir da narrativa dos seus membros. Vale salientar que essa eficácia não deve ser colocada em comparação com outras formas de tratamento, como a atenção psicossocial ofertada pelos CAPS. Cada tratamento possui o seu devido valor e, portanto, eles devem ser pensados como complementares. Pode-se considerar com isso, que o programa da entidade NA é indicado para pessoas que desejam parar de usar drogas e mudar de vida.

A pesquisa apresentou algumas possíveis limitações. A primeira delas foi a de contar com apenas uma participante do sexo feminino. Essa limitação fica evidente ao se observar a sua narrativa e perceber as diferenças que as suas experiências possuem em relação aos demais participantes, pois parece ser vividas exclusivamente por mulheres. Com isso, sugere-se que pesquisas sobre as experiências de mulheres adictas e a sua relação com a entidade NA possam ser pensadas e realizadas no futuro. Também houve a limitação de todos os participantes pertencerem à faixa dos 30 a 40 anos de idade. Com isso, o pesquisador não pôde perceber o que pode existir de singular nas experiências de vida e de vida e de recuperação, dentro e fora de NA, de membros abaixo dos 30 anos e acima dos 40. Sendo assim, também é sugestiva a realização de pesquisas futuras que abordem a temática. Outrossim, ouvir os familiares desses membros sobre as mudanças ocasionadas em sua vida ao participarem do NA pode ser outra possibilidade de pesquisa.

Espera-se que o presente trabalho possa contribuir com avanços acadêmicos abrangendo tanto a área da Psicologia, no campo de estudos da Logoterapia e Análise Existencial, quanto a área da Sociologia, no que se refere à Dádiva. Também se almeja contribuir com o despertar, na comunidade acadêmica, de interesses por mais estudos envolvendo os grupos ditos anônimos, como NA e AA (Alcoólicos Anônimos). E, por fim, espera-se que possa contribuir com avanços nos tratamentos ofertados para usuários de drogas, para os quais a experiência do Narcóticos Anônimos poderá desempenhar um papel fundamental.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, E. dos S. **Dependência química e Narcóticos Anônimos: a dimensão educativa nos grupos anônimos de ajuda mútua.** Dissertação de Mestrado em Educação. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo. São Paulo, 2011, 201f.

BARBOSA, R. M. R. **A Dádiva e a vivência religiosa: implicações da religiosidade no desenvolvimento de práticas sociais solidárias na comunidade.** Recife: Ed. Universitária da UFPE. 286p. 2010.

BARBOSA, V. F. B., MARTINHAGO, F., HOEPFNER, A. M. da S., DARÉ, P. K., & CAPONI, S. N. C. de.. O cuidado em saúde mental no Brasil: uma leitura a partir dos dispositivos de biopoder e biopolítica. *Saúde em Debate*, 40(108), 178-189. 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-1104-20161080015>

BASTOS, F. I. P. M. VASCONCELLOS, M. T. L.; BONI, R. B.; REIS, N. B.; COUTINHO, C. F. S. (Orgs.). III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614> .

BRAGA, E. O. A Dádiva de Mauss: revisitando o conceito e suas perspectivas teóricas contemporâneas. **Áltera: Revista de Antropologia**. v. 2, n. 2, pp. 7-23. 2016.

CARDOSO, R. M. M. **Só por hoje: Um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense. 2006.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. v, 7, n. 2, pp. 371-378, 2002.

FERREIRA, F. N.; MARX, R. B. O vazio existencial em interface com o uso de drogas sob a ótica da Logoterapia e Análise Existencial. **Faculdade Sant'Ana em revista**. v. 1, n. 1, pp. 86-98, 2017.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida.** São Paulo: Quadrante, 1989a.

_____. **Em busca de sentido.** 25ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **A presença ignorada de Deus.** 18ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

FREITAS, M.; PEREIRA, E. R. O diário de campo e suas possibilidades. **Quaderns de Psicologia.** Barcelona, V. 20, n 3, pp. 235-244, 2018.

GODBOUT, J.T. Introdução à dádiva. **Rev. bras. Ci. Soc.,** São Paulo, v. 13, n. 38, p. 39-52, out. 2011.

HAMMES, I. L. **Da voz do outro, ao encontro de mundos:** Gadamer, o multiculturalismo e o diálogo de culturas. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica.** Lisboa, v. 24, n. 3, p. 363-372, jul. 2006 .

LEITE, D. de F. da C. C. de S.; BARRETO, C. L. B. T. Hermenêutica Existencial e pesquisa em psicologia clínica: caminhos possíveis. **Revista Pesquisa Qualitativa.** v.6, n..11, pp. 251-279, 2018.

LIMA, M. E. C. de. **A plenitude humana e o cuidado integral na perspectiva de Viktor Frankl** (Mestrado). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2012. .

LOECK, Jardel F. **Adicção e Ajuda Mútua:** Estudo Antropológico de Grupos de Narcóticos Anônimos na Cidade de Porto Alegre (RS). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

MARTINS, P. H. A Sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, Simbolismo e Associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais.** V. S/N, n.º 73, pp. 45-66, 2005.

MAUSS, M. **Ensaio Sobre a Dádiva.** Edições 70. 199p. Lisboa. 2001.

MIRANDA, D. É possível ser feliz trabalhando com educação. Palestra. **I Forum Municipal de Educação.** Votuporanga, 2011.

MOREIRA, M. C. N. A dádiva da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de alcoólicos anônimos. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, V. 9, n. 4, p. 1079-1080, Dec. 2004.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. **Narcóticos Anônimos** (Texto Básico). Chatsworth, NAWS, Inc. (tradução da 6ª edição do livro Narcotics Anonymous). 2015b. 456 p.

_____. **Guia para Trabalhar os Passos de Narcóticos Anônimos**. Chatsworth, NAWS, Inc. 2005b. 140 p.

_____. **Só Por Hoje: Meditações diárias para adictos em recuperação**. World Service Office. Van Nuys. 2000. 388p.

_____. **Narcóticos Anônimos: Um estudo sobre Estigma e Ritualidade**. Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia – GO. Junho, 2006.

NETO, V. B. L. A espiritualidade em Logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies**. v. 19, n. 2, pp. 220-229, 2013.

NOGUEIRA, D. M. M., & JUNIOR, A. G. C. O sentido de renunciar à bebida para os alcoólicos anônimos: uma leitura logoterapêutica. **Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**. Ano 4. N. 2, pp. 202-216. 2015.

ONOCKO-CAMPOS, R. T. et al. Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 18, n. 10, pp. 2847-2857, 2013.

PEREIRA, I. S. Mundo e Sentido na obra de Viktor Frankl. **PSICO**. v. 39, n 2, pp. 159-155, 2008.

_____. Espírito e Liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**. v. 26, n. 3, pp. 390-396, 2015.

PRADO, R. A. de A.; CALDAS. M. T. Hermenêutica Filosófica, Fenomenologia e Narrativa: percurso metodológico de uma pesquisa em psicologia clínica. **Revista Psicologias**. v. 1, n. 1, pp. 1-25, 2015.

RODHEN, L. **Hermenêutica Filosófica**. 7ª Ed. São Leopoldo: UNISINOS. 2002. 317p.

RODRIGUES, L. A. e BARROS, L. A. Sobre o fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia. **Estudos vida e saúde**: Revista vinculada ao programa de pós-graduação em ciências ambientais e saúde. Ed. PUC Goiás. V.. 36, N. 1, pp. 11-31. 2009.

RUIZ, V. R. R., & MARQUES, H. R. Dependência Química: A drogadição sob a ótica logoterapêutica e dos direitos humanos. In: CARLI, Vilma M. I. **O Direito Contemporâneo em Debate**: Análise com ênfase nos direitos fundamentais. CRV. Curitiba, 2018.

SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências. Sociais** .[online]., v. .23, n. 66 [citado 2012-02-08], pp. 131-138, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092008000100008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-6909.

SCHELER, M. **A posição do homem no cosmos**. (Trad.: CASANOVA, M. A). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. 2003

SILVEIRA, M. L. da. Há coerência entre a vida e a obra de Viktor Frankl? **Logos & Existência**: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. Ano 1, v. 2, pp. 115-127, 2012.

SILVA, E. F. G. da. Pesquisa qualitativa em psicologia clínica: uma possibilidade metodológica em diálogo com a Fenomenologia Hermenêutica. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), V. 6, n. 11, pp. 145-159, 2018.

SOARES, Fernanda N. C. **Ritual e dádiva nos Narcóticos Anônimos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação. Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília. 2013.

UNITED NATIONS. **World drug report 2019**. United Nations. 2019. ISBN: 9789211483147.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – CLIENTELA

1. Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa: **O Valor da Dádiva e o Sentido da vida na experiência de membros do Narcóticos Anônimos**, que visa, de modo geral, compreender as experiências de mudança de vida dos membros da entidade Narcóticos Anônimos.
2. Você foi selecionado(a) por indicação de outro participante da pesquisa que acredita que seria importante sua narrativa.
3. Sua participação não é obrigatória.
4. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
5. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador, com a instituição que este representa ou outros profissionais da área.
6. Os objetivos deste estudo estão voltados a conhecer as experiências de vida dos membros da entidade Narcóticos Anônimos, e relacionar estas experiências com os conceitos de Dádiva e Sentido da Vida. Outra forma de dizer o mesmo que está escrito acima é: O projeto tem como objetivo primário compreender como aconteceu, segundo a experiência de vida de usuários e padrinhos da entidade Narcóticos Anônimos, o despertar da vontade de reconstruir as suas vidas marcadas por uso abusivo de drogas e por problemas com a família, justiça e sociedade? E que relação isso tem com o trabalho de ajudar uns aos outros?
7. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista narrativa a partir de uma pergunta disparadora que será: “Comente, por favor, sobre a sua experiência de se tornar membro do Narcóticos Anônimos.”. O tempo estimado para cada entrevista é de 60 (sessenta) minutos. O registro da entrevista será através de áudio (gravação de voz).
8. Quaisquer despesas com deslocamento, alimentação ou outros itens provocados pela pesquisa serão de responsabilidade dos pesquisadores.
9. Os dados colhidos a partir dos instrumentos acima citados, após gravação e transcrição ficarão sob a guarda do pesquisador por tempo ilimitado, sendo utilizados para a publicação de textos científicos que contribuam para o desenvolvimento de práticas clínicas voltadas para a atenção e tratamento de pessoas que fazem uso de drogas.

10. Os riscos relacionados com a possibilidade de sua identificação serão minimizados pelos pesquisadores e seu nome não será colocado no material transcrito, sendo substituído por um nome fictício. A entrevista será realizada em salas adequadamente vedadas e isoladas quanto a vazamento de som. Os resultados serão apresentados de maneira que não seja possível identificar os sujeitos colaboradores.

11. Os benefícios são de diversas ordens. A entidade NA, por exemplo, terá um pouco da sua história e trabalho apresentados em meios universitários de pesquisa acadêmica. Para o campo da Saúde Mental, em seu recorte para a atenção à saúde da população usuária de Álcool e Outras Drogas, o projeto também trará benefícios, uma vez que seus resultados e discussões poderão contribuir com a formação de profissionais atuantes neste campo. Outro benefício ofertado pelo projeto se encontra na possibilidade de diálogo entre a sociologia e a psicologia, no meio acadêmico.

12. Você poderá interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento, se assim o desejar ou se houver incômodo, desconforto, cansaço, constrangimento ou inconveniência. Mesmo que você conclua todas as fases da pesquisa, ainda assim poderá solicitar a sua exclusão dos resultados finais, sem quaisquer compromissos ou prejuízos de qualquer ordem.

13. Os pesquisadores reconhecem que a narrativa ligada a experiências de vida podem provocar estados emocionais diversos, alguns dos quais podem trazer ansiedade e/ou depressão. Deste modo, estarão particularmente atentos e disponíveis para acolhimento mesmo após o término da entrevista, caso seja necessário. Igualmente pode ser necessário o encaminhamento para profissionais especializados.

14. A devolução dos resultados da pesquisa será realizada através de contato individual para apresentação e discussão. Caso não seja possível a devolução individual faremos chegar material escrito através dos correios assim como estaremos disponíveis para contatos posteriores.

15. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal (orientador) e do pesquisador associado podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Marcus Tulio Caldas

Nome

Assinatura

Rua José Carvalheira nº392 aptº 1402 Tamarineira Recife PE CEP: 52051-060

Endereço completo

(81) 34279312 – 96340104

Telefone

DADOS DO PESQUISADOR ASSOCIADO

Nome: Mateus Souto Maior Barros

Assinatura

Endereço completo:

Rua Couto Magalhães, nº489, Rosarinho; Recife – PE. CEP: 52041-335

Telefone: (81) 997007840 / 30344052

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526 – BOA VISTA – BLOCO C – 3º ANDAR, SALA 306 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE:(81)2119.4041 ou 2119-4376 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep_unicap@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP

SEPN 510 NORTE, BLOCO A, 3º Andar
Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde
CEP: 70750-521 - Brasília-DF

Contatos Conep:

Telefone: (61) 3315-5878

Telefax: (61) 3315-5879

Recife, _____ de _____ de _____

Sujeito da pesquisa (*)

Pai / Mãe ou Responsável Legal (**)